



QUEM NASCE EM CAMPINA GRANDE É CAMPINENSE.



GIOVANNA LOPES MARQUES



GIOVANNA LOPES MARQUES



# QUEM NASCE EM CAMPINA GRANDE É CAMPINENSE:

FUTEBOL E SOCIABILIDADE NA "RAINHA DA BORBOREMA"

(1954-1965)



VOLUME I



EDITORA DO CCTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
REITORA

Margareth de Fátima Formiga Diniz  
VICE-REITORA  
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira



DIRETOR DO CCTA  
José David Campos Fernandes  
VICE-DIRETOR

Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL  
Carlos José Cartaxo  
Gabriel Bechara Filho  
José Francisco de Melo Neto  
José David Campos Fernandes  
Marcílio Fagner Onofre

EDITOR  
José David Campos Fernandes  
SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL  
Paulo Vieira  
LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO  
COORDENADOR  
Pedro Nunes Filho

GIOVANNA LOPES MARQUES

QUEM NASCE EM CAMPINA  
GRANDE É CAMPINENSE:  
FUTEBOL E SOCIABILIDADE  
NA “RAINHA DA BORBOREMA”  
(1954-1965)

EDITORA DO CCTA

JOÃO PESSOA

2021

Capa: Dayvison Kelvin Santos Vasconcelos  
Revisão Ortográfica: Clarissa Alves Costa  
Projeto gráfico: José Luiz da Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

M357q Marques, Giovanna Lopes.  
Quem nasce em Campina Grande é Campinense: futebol e sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965) [recurso eletrônico] / Giovanna Lopes Marques. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2021.

Recurso digital (13,3MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-211-1

1. Futebol - Campina Grande, PB. 2. Campinense Clube - Paraíba - História (1954-1965). I. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 796.332(813.3)

Elaborada por Susiquine Ricardo Silva – CRB15/653

Foi feito depósito legal

Todos os textos são de responsabilidade da autora.

EDITORA DO CCTA/UFPB

Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

## AGRADECIMENTOS

É lugar comum afirmar que o futebol é o esporte das multidões, principalmente quando nos lembramos das partidas, da mobilização dos torcedores, dos atletas, da crônica esportiva e de tantos outros elementos que servem de cenário para a realização de uma partida. Aqueles noventa minutos de bola rolando inquietam-nos de tal maneira, que somos constantemente convidados a fugir de nossa “linha de conforto”, para nos entregarmos emocionalmente e conclamarmos todos os nossos sentidos, quando da exibição de um clube ou seleção.

Tarefa tão difícil quanto participar de um campeonato esportivo na condição de um atleta é escolher como objeto de estudo um clube de futebol, ou seja, ser um jogador-pesquisador que, durante alguns meses, terá que traçar estratégias almejando uma vitória e, algumas vezes, aplicar um novo esquema tático, levando inclusive essa grande final para a prorrogação.

Para conquistar um campeonato desse nível é necessário um trabalho em equipe, com capacidade de transformar “suor em lágrimas”, principalmente quando a grande final é travada fora de casa. Mas a colaboração de muitas pessoas especiais possibilitou a esta professora a manutenção da meta, ou como é dito na linguagem da bola “manter o foco”, o que confesso nem sempre ter sido possível devido à luta pela sobrevivência.

Numa caminhada como essa, não basta ter time, tem que ter plantel, e aos componentes desse plantel quero registrar meus agradecimentos por tamanha dedicação.

A Dona Quizinha, uma cearense decidida que, além de minha mãe, é minha amiga/confidente e a grande incentivadora de todas as conquistas de minha vida.

A Seu Gilvam, meu pai e eterno boêmio campinense, que durante anos integrou o Flamengo do bairro de José Pinheiro, uma agremiação amadora no futebol de Campina Grande, bem como o grupo dos sambistas da escola de samba Bambas do Ritmo, que se mantém “teimosamente” no carnaval de nossa cidade até os dias de hoje. A ele agradeço por me acordar ainda criança com seu repertório musical romântico, que me fez desde cedo amar cada pedaço de Campina Grande e as coisas do rubro-negro. Durante essa caminhada, esclareceu minhas dúvidas, principalmente quando a documentação era escassa, respondendo-me com a simplicidade de quem foi testemunha desses momentos pesquisados, tomando aquele cafezinho no finalzinho de tarde lá em casa.

Aos meus filhos Caio César e Anna Luisa, razão de todas as minhas lutas.

Aos meus irmãos Nino, Guga e Nenê, por compreenderem que nem sempre era possível estar junto à família. Obrigada pelo carinho de vocês.

Nessa jornada, não posso me esquecer de agradecer, em especial ao colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte,

as quais fizeram da cidade de Natal um lugar tão especial para mim.

Ao professor Durval Muniz, essa pessoa generosa, que nos faz acreditar que a vida vale a pena. Suas aulas sempre recheadas de bom humor e sua maneira singular de falar da História que nos entusiasma e emociona.

A Margarida Dias, uma dessas professoras que considero inesquecíveis na vida de um aluno, que me encantou por sua defesa corajosa em prol da educação, pelo que pensa “sobre a História”, pelo seu silêncio cativante e inquietante. Sempre que um pupilo está argumentando, o olha com aquela segurança de um mestre a dizer: vá em frente, você consegue!

À professora Flávia Sá Pedreira, uma estudiosa das manifestações carnavalescas. Nosso último módulo de leitura foi muito inspirador, bebemos vinho, desembarcamos em Natal pós II Guerra Mundial e caímos na folia. Entre tantos diálogos propostos, aquele que travamos com Nobert Elias sobre certa sociedade da corte nos conduziu a descoberta da Sociologia dos Esportes, caminho que pretendo seguir num futuro próximo. É verdade que quando falamos sobre o futebol, um esporte moderno, como pensam os elisianos, é preciso aproximar a História de outros campos do conhecimento como a Antropologia, a Educação Física e a própria Sociologia.

À professora Maria Emília, por sua maneira elegante e sofisticada de conceber o conhecimento, sempre trazendo visão da Física e das Ciências Naturais para o universo da História.

Ao professor Henrique Alonso um agradecimento especial, pois, muito mais que um orientador, foi um amigo que me

acolheu academicamente, sempre me incentivando a continuar o trabalho e compreendendo minhas limitações de tempo em decorrência dos afazeres profissionais.

Aos colegas da turma de 2009, com os quais compartilhei momentos inesquecíveis, sobretudo nos intervalos das disciplinas. Ao amigo Arthur Luís, um corinthiano autêntico, sempre trazendo notícias do futebol pelo Brasil, dos congressos, livros e artigos. A Josefrânia, amiga que deixou marcas nessa história, sempre tão meiga, inteligente, solidária. Obrigada pelas conversas, pela visita, pelo cuidado.

Aos amigos do terminal do Sams Club, em especial Aroldo, torcedor fanático do ABC de Natal, que juntamente com Leandro, funcionário da Xerox da UFRN, tentou a todo custo conquistar mais uma torcedora para o time da cartilha apresentando a História do clube, a beleza do frasqueirão, fazendo piada com o arquirrival, presenteando-nos com CD e DVD, compartilhando seu sofrimento no fatídico ano de 2009. Mas o coração de um torcedor só tem espaço para uma paixão clubística, mesmo assim, aqueles trabalhadores simbolizaram, naquele momento, os anônimos torcedores desse país, sempre fiéis a seu time e que merecem todo o respeito de quem se aventura a estudar o “esporte bretão”; afinal de contas, futebol é coisa séria. Nesta caminhada iniciada pelos campos do Brasil e à qual certamente darei prosseguimento, não ousou desmerecer, desqualificar ou mesmo ironizar as situações de todos aqueles torcedores que, assim como os do ABC, *“tem um time para torcer”*, embora no campo de jogo estejamos em lados opostos. Em grande parte,



esse trabalho é dedicado a todos vocês, a quem a História ainda não parou para dedicar seu olhar merecido: o torcedor.

Um agradecimento todo especial aos colegas do conselho deliberativo do Campinense Clube, sempre tão preocupados com o destino de um clube que faz parte de nossas vidas. É certo que em muitos momentos discordamos do caminho a seguir, mas nunca questionamos o lugar onde pensamos em colocar essa agremiação.

Nos intervalos dessa escrita, experimentei emoções conflitantes, vibrei nas arquibancadas com aqueles torcedores que sequer conhecia, mas que durante noventa minutos integraram essa “família imaginada”, a que costumamos chamar de “nação rubro-negra”. Vi um clube quase centenário atravessar momentos difíceis de sua História, fruto de escolhas administrativas equivocadas que confundiram ao longo do tempo o público com o privado, levando a entidade ao descrédito. Nessa ocasião, entendi o que o historiador Hilário Franco Jr. refletiu, ao indicar que um dos maiores problemas do futebol brasileiro era a incorporação, na gestão dos clubes, do modelo de “cartolagem” empreendido na política, fazendo dos clubes eternos reféns de um *“salvador da pátria”*.

Por fim, agradeço a Deus por abrir esta porta e me fazer chegar a linda cidade de Natal, como também pela serenidade concedida nessa caminhada, muitas vezes solitária. As dificuldades encontradas nesse percurso me fizeram refletir sobre a vida e o papel social de um historiador, mas, no silêncio de minhas conversas com Deus, encontrei forças para nunca desistir e para acreditar que era possível continuar e chegar ao final da partida.

## APRESENTAÇÃO

*“Reescrever periodicamente o script da vida só é possível no futebol”.*

*(Hilário Franco)*

Foi acompanhando as partidas de futebol do Campinense Clube da Paraíba, ainda criança no estádio Municipal Plínio Lemos, que despertei o interesse pelo futebol. O cenário era marcante, dele fazia parte escutar as resenhas pelo rádio de pilha, ouvir a narração de um gol feita pelo jornalista Joselito Lucena, participar do bate papo futebolístico com os moradores do simpático bairro de José Pinheiro, onde nasci, ou ainda esperar o time rubro-negro para o jantar da vitória na casa dos meus avós e até nas horas “difíceis” de derrota, se esconder com a cabeça inchada da zombaria adversária. Esse enredo, mesmo sendo tão comum para os que participam do mundo da bola, quando lembrado, suas imagens ainda provocam arrepios. Foi nas arquibancadas cantarolando, observando o famoso corredor polonês que se fazia para os visitantes, recebendo do meu pai os ensinamentos da paixão por um clube, atos que no Brasil assumem quase que a condição de um ritual de família, vibrando na condição de mais uma torcedora, que comecei a perceber nesse esporte muito mais que uma atividade física, mas uma importante experiência de vida em coletividade.

Se observarmos o futebol considerando suas estatísticas essas serão tão impressionantes quanto as suas metáforas, como pensa Hilário Franco. Em tempos de globalização, estima-se que 3% do PIB do continente europeu sejam provenientes das atividades futebolísticas. A FIFA, por sua vez, entidade máxima do esporte mundial chega a empregar direta ou indiretamente 450 milhões de pessoas ou 2 bilhões de agregados. As estatísticas do futebol não param de surpreender. Os países que no passado sediaram copas do mundo incrementaram sua receita bruta anual em 0,7%. Diante de tal exposição, uma constatação se faz necessária: o futebol é uma das maiores indústrias do planeta. Logo nasceu e cresceu no mundo capitalista e com os adventos do rádio e da televisão foi confirmado como importante produto da sociedade de consumo.

Como entender tamanho fascínio exercido nas populações de todo planeta, por um jogo nascido na Inglaterra do século XIX, mas que alguns perceberam equivalentes desde a China milenar, ou mesmo na civilização Asteca? Essa foi a inquietação inicial que nos fez propor nossa temática de trabalho. A emergência do futebol como objeto de estudo vem atraindo profissionais de diversas áreas como antropólogos, sociólogos, historiadores, médicos, profissionais da educação física, por tratar-se de um esporte espetacular, que durante certo tempo foi percebido como lazer banal, atividade para desocupados ou ainda “coisa de homem”. Nesta última colocação, em especial, se partia da premissa que só gostamos daquilo que entendemos e curiosamente o lugar de fala das mulheres no futebol foi estigmatizado, como mostra a célebre personagem do “anjo pornográfico”, a sua grã-fina de

narinas de cadáver, que ao entrar no estádio de futebol perguntou a seu companheiro “bom de bola”: – Afinal de contas, quem é o gol? Quem é a bola?.

*Quem nasce em Campina Grande é Campinense: Futebol e Sociabilidade na Rainha da Borborema* é resultado de marcas de uma existência que culminaram em uma Dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de Ciências Humanas Letras e Artes da UFRN, no ano de 2011, e agora compartilhada com o leitor em forma de livro. Tal obra tem como objeto de estudo O Campinense Clube, agremiação fundada em 1915, na cidade de Campina Grande, por famílias tradicionais, o que rendeu a priori o título de Clube Aristocrático. Ao longo de mais de cem anos de existência, tornou-se importante referência nos esportes e possui uma das maiores torcidas do Nordeste brasileiro. O recorte escolhido, 1954 a 1965, compreende um momento em que o clube sofreu mudanças significativas no papel que vinha desempenhando na sociedade, até então uma agremiação dançante mas que foi tomada pelo gosto esportivo. É a primeira etapa de um projeto que espero inspirar os admiradores do futebol a pensar nos papéis que os clubes e seus torcedores desempenham nas sociedades. Vamos a partida... Boa Leitura...

*Giovanna Lopes Marques*  
*Campina Grande, novembro de 2018*



*“Um amor que me ensinou um outro amor.”  
(Painha e o Campinense)*

## HOMENAGENS

A Joselito Pereira de Lucena, jornalista esportivo, intérprete das conquistas do rubro-negro. *(IN MEMORIAN)*

A Geraldo Cavalcante, intérprete do hino oficial do Campinense Clube, o homem que “olhava os adversários pelo retrovisor”.  
*(IN MEMORIAN)*

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
APRESENTAÇÃO .....	10
HOMENAGENS .....	14
INTRODUÇÃO .....	17
CAPÍTULO 1 – SOIRÉE, TERTÚLIA E ESPORTE BRETÃO: O CAMPINENSE CLUBE A CIDADE DE CAMPINA GRANDE .....	33
1.1 O Clube Aristocrático e a Cidade .....	33
1.2 A experiência efêmera do futebol .....	47
1.3 O Campinense e a Mística dos Bacharéis .....	52
1.4 Em jogo os clubes sociais .....	59
CAPÍTULO 2 – “O ESPORTE EM MARCHA”: O Centro Esportivo Campinense Clube e o sonho do futebol profissional .....	66
2.1 Do Campinense Clube ao CECC: o rubro-negro nas páginas esportivas .....	66
2.2 “Uma epopeia desportiva”: O Campinense e as primeiras conquistas oficiais .....	80
2.3 Um campeonato para Campina Grande: É Penta... 105	
2.4 Um campeonato para toda a História: É Hexa...113	

CAPÍTULO 3 – Futebol, Rivalidades e Comunidades Imaginadas: “Imaginando” o ser Campinense .....	122
3.1 “Esse jogo não é um a um, se meu time perder tem zunzun”: O Campinense Clube, as ligas e os rivais .....	122
3.2 Futebol, metáfora da sociedade; Agora é a vez do Campinense de José Pinheiro .....	138
4 FIM DE PAPO .....	156
5 FONTES CATALOGADAS E ANALISADAS .....	<b>164</b>
5.1 Jornais Escritos .....	164
5.2 Depoimentos .....	164
5.3 Outras Fontes .....	165
REFERÊNCIAS .....	166



# INTRODUÇÃO

Este livro tem como objeto de investigação o Campinense Clube, um clube social que desde 1954 vem desenvolvendo atividades futebolísticas na cidade de Campina Grande, mas apenas iniciou as disputas em competições organizadas oficialmente pela Federação Paraibana de Futebol<sup>1</sup> em 1960. É conhecido nos meios esportivos como o “hexacampeão paraibano”, e recentemente Campeão do Nordeste de 2013, em alusão aos seis títulos estaduais consecutivos conquistados no momento de sua profissionalização.

Intitulada “Quem nasce em Campina Grande é Campinense: Futebol e Sociabilidade na Rainha da Borborema”, esta pesquisa surgiu de um questionamento pessoal: De que maneira um clube fundado pelas famílias tradicionais da cidade de Campina Grande e conhecido como “o clube aristocrático”<sup>2</sup>, ao longo de quase cem anos de existência, conseguiu tornar-se uma agremiação popular possuidora de uma das maiores torcidas do estado? Esse problema foi formulado quando surgiu a oportunidade de acompanhar o cotidiano do clube junto ao seu conselho deliberativo. O interesse foi despertado ao se perceber a

---

<sup>1</sup> A Federação Paraibana de Futebol foi fundada em 1947 com o objetivo de promover as competições de futebol amador e profissional no estado e normatizar a prática do esporte. Também conhecida como FPF.

<sup>2</sup> A ideia de um clube aristocrático se deveu a presença de ricos comerciantes do algodão que fundaram e eram frequentadores do clube. Além desse título, o Campinense também era conhecido como “o mais elegante”.

paixão dos torcedores pela agremiação, mesmo nos momentos de dificuldades econômicas vivenciados pelo clube. Por outro lado, a presença desses segmentos menos abastados dentro da agremiação pareceu motivo de tensão, à medida que os mesmos passavam a exigir um lugar no cenário político administrativo do Campinense. Então, algumas inquietações surgiram; como esses populares chegaram ao clube? Que acontecimento tornou possível esse sentimento de pertença que fez do clube uma paixão dessa massa torcedora?

O recorte escolhido para investigação, 1954 a 1965, compreende um momento em que o clube sofreu mudanças significativas no papel que vinha desempenhando na sociedade até então uma agremiação dançante, mas que foi tomada pelo gosto esportivo a ponto de nascer uma entidade autônoma, porém integrada ao clube social, conhecida como CECC<sup>3</sup>, criada com o objetivo de gerenciar o seu futebol. A existência dessa entidade fomentou ainda mais nossa inquietação de que, possivelmente, o futebol se constituiu na porta de entrada dos populares ao clube e, ao mesmo tempo, elemento de discórdia entre seus sócios.

A relevância do tema pode ser justificada pelo papel que o futebol desempenha nas sociedades contemporâneas, e mesmo após esses espaços terem sido submetidos à lógica capitalista e científica, a necessidade humana de “crer” fez com que antigas paixões coletivas fossem substituídas pelos clubes de futebol<sup>4</sup>. Neles, os jogadores são chamados de “ídolos”, a

---

<sup>3</sup>CECC era o Centro Esportivo Campinense Clube criado em 1954 que possuía, inclusive, um estatuto próprio.

<sup>4</sup>FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

camisa do clube e as bandeiras tornam-se “mantos sagrados”, as defesas dos goleiros são identificadas como “milagrosas”, os estádios de futebol foram denominados “templos sagrados do futebol” e os próprios atletas passaram por um processo de “autodivinização”, como o jogador argentino Diego Maradona que ao marcar um gol irregular contra a Inglaterra, ao conduzir a bola com a mão na Copa de 1986, afirmou que foi a “mão de Deus” que o ajudou. Os jogadores, muitas vezes, são assimilados a divindades pela própria influência cristã no futebol. Ideia apresentada no depoimento do ex-presidente do Campinense Clube, Lamir Mota, quando da contratação do atleta José Ireneo. Segundo o ex-dirigente, em seu primeiro coletivo, todos que assistiam ficavam impressionados, pois José Ireneo corria de tal forma que suas jogadas mais pareciam “uma coisa divina”.

A atmosfera que envolve o futebol apresenta um teor emocional bastante forte, que recorre com frequência a certo pluralismo para expressar sentimentos. Do ponto de vista psicológico, pode ser compreendido como uma “tela de projeção” para os sentimentos dos diversos sujeitos sobre uma mesma entidade, geralmente os clubes que são comuns aos grupos de torcedores. Ao retomar concepções de Freud, Hilário Franco Jr. acredita-se que entre os torcedores e seus clubes se estabelece um intenso jogo de transferências “isto é, de atualização em outro personagem de sentimentos marcantes, positivos ou negativos, anteriormente vividos na história da pessoa. Disso recorre a forte relação entre torcida e time” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 304).

Por se tratar de um esporte coletivo, o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas, amparadas nas indi-

vidualidades que o compõe, nessas comunidades futebolísticas vive-se uma situação de equilíbrio precário entre o indivíduo e o grupo. Neste sentido, o futebol pode ser considerado como um espelho da sociedade<sup>5</sup>.

A trajetória desse esporte está recheada de modificações produzidas pela sua própria mercantilização enquanto atividade social, até mesmo seu principal momento, o gol, com o passar dos tempos deixou de ser assinalado para equipe e passou para o atleta, levando a uma valorização individual de seus autores num comportamento bem característico do mundo capitalista. Mesmo contando com importantes personagens, certamente os torcedores se constituem nos mais contraditórios e ao mesmo tempo mais ricos sujeitos desse universo esportivo, considerando que ser torcedor consiste em renunciar parcialmente a uma condição individual para compor uma personalidade coletiva. O torcedor não existe isoladamente, ao contrário, faz parte de uma condição heterogênea de vários pontos de vista cultural, social e econômico.

Dotados de um elevado nível de “narcisismo”, os torcedores costumam perceber como virtuosismo o desempenho técnico dos seus ídolos, incorporando imaginariamente suas habilidades, mais além percebem na vitória dos seus clubes uma vitória pessoal e, assim, concorda-se com Hilário Franco quando este observa que:

[...] torcer por um clube de futebol é das atividades mais intensas da sociedade contemporânea. E das mais pretenciosas.

---

<sup>5</sup> Ibidem.

É imaginar poder agir à distância para que alguma coisa aconteça de maneira esperada. È julgar contribuir para o resultado final de uma partida sem entrar em campo. Nesse sentido, torcedor é de fato, o 12º jogador. E de forma constante. Todo torcedor o é em tempo integral, mesmo longe dos estádios [...]. Torcer pela televisão ou pelo rádio é acreditar poder emitir na contramão das ondas hertzianas uma energia psíquica que deve contribuir para a vitória do seu time. Torcer supõe alterar a configuração de um evento, moldar psiquicamente um fato para adequá-lo ao espaço do desejo. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 311)

O argumento desse historiador medievalista ajudou a reforçar a problemática de que teria tido o futebol essa capacidade de atrair novos olhares para um clube que, até então, apresentava-se como sendo da elite. Bem como marcando nesse período a montagem do que poderíamos chamar de uma “cultura clubística” para o Campinense, ou seja, aquele conjunto de características históricas e esportivas que passa a permear a visão dos dirigentes, jogadores, torcedores, enfim, da sociedade acerca da agremiação, a exemplo de que o Campinense seria “um time de chegada”, sempre propenso a superar as adversidades de uma partida, ou de que sua torcida seria “a mais vibrante” ou aquela que “ajudou com seus gritos o rubro-negro a conquistar campeonatos”.

Mesmo com a importância desempenhada pelo futebol no mundo contemporâneo, considera-se que no Brasil esse esporte é mais jogado que propriamente pensado. Assim conside-

rando, pensa-se que falar de uma problemática que envolve um clube de futebol não seria uma tarefa possível sem que fosse levado em consideração o contributo de outros campos do conhecimento, a exemplo da Antropologia, Sociologia e do Jornalismo, mesmo sabendo da impossibilidade de explicação de um acontecimento histórico em sua totalidade, até porque não seria essa a intenção. Espera-se, assim, que este trabalho seja capaz de levantar questões, pois de nada adiantaria saber que em 1960 o Campinense Clube conquistou seu primeiro título estadual, ou que coube ao médico Gilvam Barbosa fundar um departamento autônomo do futebol, sem parar para refletir sobre o que significaram tais acontecimentos para a instituição, bem como para os grupos sociais existentes naquele momento, os quais conduziram à abertura de um diálogo sobre os sentidos adquiridos/atribuídos ao futebol na cidade e para as pessoas. Para tentar compreender como se deram os mecanismos de popularização do clube, foi escolhido o trabalho com os jornais da época, com as atas da agremiação e, também, foram realizadas algumas entrevistas.

A intenção, ao serem escolhidas essas fontes, não foi a de “recuperar o passado”, pois se considera possuir o saber histórico uma relatividade, ao contrário do paradigma histórico do século XIX, que sinalizava para a recuperação do passado “tal qual” havia acontecido, através de documentos que seriam fontes “inoculadas”. As marcas deixadas pelo passado não trazem em si mesmas seu sentido. Os textos das gerações passadas são reescritos a partir dos problemas apresentados no tempo presente. O saber histórico possui assim, uma condição

relacional, perspectivista, contextual e plural<sup>6</sup>, de tal forma que o lugar do historiador se altera ao longo do tempo.

Parte significativa das mudanças propostas na Historiografia, que permitiu questionar e romper com os pressupostos desse pensamento positivista, deu-se com o nascimento da Escola dos Annales, que lançou “novos olhares” para antigos problemas, trazendo à tona a reflexão sobre as dificuldades de se tomar um campo de investigação isoladamente, bem como se ampliar a noção de documento até então restrito aos escritos. Com os historiadores da Escola dos Annales, o saber histórico passou a ser pensado para todas as atividades humanas e não apenas para sua dimensão política.

O historiador Marc Bloch<sup>7</sup> apresenta a ideia de que são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. “Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 2001, p. 54). E neste esforço do historiador em conhecer melhor algo que está em movimento, eis que a história se apresenta em toda a sua complexidade.

Outro aspecto bastante significativo do campo de preocupação dos historiadores foi a indicação de novas temáticas, que incluíam o cotidiano, as mentalidades, o corpo, as práticas culinárias, as festas, os filmes, as crianças alterando a própria

<sup>6</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a Arte de inventar o Passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

<sup>7</sup> Um dos fundadores da Revista dos Annales que foi fuzilado em junho de 1944. Bloch considerava a História uma ciência que não poderia ser suprimida de sua dimensão poética, mas, por outro lado, não poderia ser resumida a abstrações, leis ou estruturas que faziam do historiador apenas um burocrata do conhecimento, quando poderia ser um andarilho em seu dever de exploração e aventura.

compreensão do que seriam os documentos, em especial na terceira geração dos Annales.

Mediante essa gama de possibilidades, foi escolhido o Diário da Borborema como uma das fontes de pesquisa deste trabalho. O Diário da Borborema, jornal do grupo Diários Associados, fundado no ano de 1957, em Campina Grande, possuía uma página diária dedicada aos esportes, particularmente o futebol. O uso dos jornais em pesquisas, no Brasil, intensificou-se por volta dos anos 70, mesmo com as críticas acerca da subjetividade presente em suas falas. Não será usado, aqui, o jornal como mero veículo de informação, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, mas sim, como um elemento de intervenção na vida social, no qual suas impressões são produzidas a partir de um lugar. Por outro lado, as relações desse jornal com os grupos voltados para uma mentalidade industrial em Campina Grande permitiram a percepção acerca da visibilidade que os clubes da cidade ganharam nesse período, uma vez que seus colunistas acompanhavam o cotidiano esportivo de outros centros do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro e viam no futebol um importante símbolo da modernidade local.

Quanto aos depoimentos orais, é importante lembrar que ouvir testemunhos não se constitui novidade na história. Heródoto e Políbio utilizaram esse procedimento para escrever sobre os acontecimentos de sua época. Assim, com a ampliação da noção de documento, os depoimentos possibilitaram perceber, por outro caminho, como as pessoas elaboravam suas experiências, percebendo uma multiplicidade de memórias muitas vezes em disputa. Nessas conversas, o principal alicerce era a narrativa,



pois nela os entrevistados ao contar suas experiências, transformavam o vivido em linguagem. Não foram utilizados nessa pesquisa os depoimentos enquanto unidades estatísticas, mas procurando enredar as informações obtidas em outras fontes, portanto, não foi estabelecida uma relação hierárquica entre as fontes utilizadas. Realizaram-se entrevistas com torcedores, ex-dirigentes e atletas, porém, alguns não permitiram que suas falas fossem gravadas.

Nesse início de conversa, não poderia deixar de ser ressaltada a relação conturbada dos intelectuais com o futebol, nas cidades onde este esporte ganhou notoriedade, fazendo do futebol uma temática menor para alguns estudiosos. No começo das investigações, percebeu-se concepções que consideram esse esporte um “lazer banal” e a paixão de um torcedor por um time “tema para desocupados”. Essas inquietações também foram levantadas pelo historiador Hilário Franco Júnior, em entrevista recente concedida ao jornalista Juca Kfourri, na ESPN, canal dedicado apenas as coberturas esportivas, levando-o a dizer que a “grandeza” de uma análise deve estar nos problemas que são apresentados. Por outro lado, outros historiadores vêm oferecendo uma contribuição interessante acerca do lugar ocupado pelo futebol em nosso país, discutindo inclusive a proporção assumida pelo debate entre os intelectuais. A esse respeito, o historiador Leonardo Afonso de Miranda<sup>8</sup> realizou uma história social do futebol no Rio de Janeiro e considerou em suas análises a recepção feita pelos literatos da chegada do futebol ao país.

<sup>8</sup>PEREIRA, Leonardo A. de M. **Footballmania: uma História Social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Conforme o autor da “Footballmania”, obra em que é apresentada uma história social do futebol carioca, considera-se que a temática foi abordada inicialmente pela literatura para logo em seguida ser objeto entre outros pesquisadores. Inicialmente, o debate consistia entre os escritores que tentaram justificar a surpreendente proliferação do futebol em nosso país, pode-se destacar nas vantagens e desvantagens do esporte. O autor menciona a relação dos intelectuais com o futebol, a exemplo do escritor Coelho Neto, que mesmo sendo curiosamente míope, entregou-se às delícias emocionais do futebol, tornando-se ideólogo do jogo e defensor apaixonado de sua disseminação. Acompanhando o gosto que o jogo despertava em seus filhos, o romancista, segundo um de seus contemporâneos, já admitia que em sua casa se falava muito de esporte a mesa, e pouco de literatura. Elegantemente, trajado com terno branco, bengala e chapéu de palha, o escritor assistia entusiasmado as partidas do Fluminense do Rio de Janeiro. Como intelectual renomado, colocou-se a serviço do esporte e escreveu o primeiro hino do clube. Via como virtude do futebol o fato de ser praticado a céu aberto, sendo saudável para o corpo e para a mente. E como seus praticantes estavam unidos em prol de um ideal viril, o jogo seria para o país um meio de criar uma “nova raça”, que deixaria para trás a sua infeliz herança cultural. Em Coelho Neto, o futebol apresentaria vantagens eugênicas.

No entanto, ele não era o único a atribuir ao futebol essa missão, suas ideias acerca da vantagem do esporte também eram compartilhadas por outros escritores. Era o caso de Afrânio Peixoto, jovem escritor muito conhecido pela sua atuação como

médico. Ironizava, em seus artigos, os homens de grande ou pequena responsabilidade e que, tratando os esportes com desdém, ainda os considerava uma distração de rapazes, “atrativo de moças”, uns a mostrarem formas atléticas, outros a exibirem o último figurino. Peixoto mostrava sua posição contrária, defendendo seu gosto pelo esporte bretão, assim chamado devido a sua origem entre os ingleses, afirmando ser o futebol um esporte digno de nota, ligado não apenas às atividades físicas, mas também ao intelecto, o jogo de bola era uma verdadeira escola de solidariedade e coletivismo.

Mas nem só de admiradores se fazia o futebol do Brasil. Desses críticos, um em especial fazia questão de expor em seus escritos a sua aversão ao jogo de bola. Tratava-se de Lima Barreto, tido como o paladino do combate ao futebol, logo elegeu como seu principal adversário aquele que era, para os *sportmen*, seu maior apologista: Coelho Neto. A contenda acentuou-se quando da inauguração da luxuosa piscina do Fluminense, ocasião em que Coelho Neto reafirmou as vantagens eugênicas dos esportes, que através de sua disciplina seria responsável pela construção da verdadeira nação. Revoltado, Barreto ataca impiedosamente o literato, caracterizando aquele romancista como “o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual”. Lima protestava contra o destino que Neto dava a literatura ao colocar-se a serviço dessas festas esportivas como “a inauguração de uma dependência de um clube de regatas ou cousa que valha”. Enquadrou Coelho Neto nessa famosa República de Bruzundanga, onde os milionários contratavam trovadores a fim de que contribuíssem com as suas palavras douradas para o brilho de suas festas. Provavelmente um desses

milionários era Arnaldo Guinle, presidente do Fluminense, e o poeta dessa Bruzundanga, Coelho Neto.

Os clubes, como o Fluminense, seriam porta-vozes de uma pretensão absurda de classes e de raça, praticantes de um jogo ideal para almofadinhas, que em Barreto bem que poderia ser chamado “doutor foot-ball”. A língua afiada de Lima Barreto contrariava os que falavam na solidariedade do dito esporte como Afrânio Peixoto, quando afirmava que o futebol não surrava, mas humilhava os negros, principalmente quando detectava-se que os sócios dos clubes eram antigos senhores de escravos, fazendo do futebol um poderoso instrumento de dominação de uma raça que se julgaria escolhida por Deus.

Ainda no início do século XX, o editor do jornal *A Época*, Carlos Sussekind, mostrava-se um admirador da campanha movida por Lima Barreto contra o futebol, considerado por ele “um micróbio da corrupção e imbecilidade”. Escreve um livro em 1921, “O sport está deseducando a mocidade brasileira”, no qual combate os argumentos de defesa do futebol, seja no aspecto físico, moral ou intelectual. O alvo primordial de suas críticas reside nas ideias que pensavam o futebol como elemento de solidariedade e coletividade e afirmava que longe de estimular a união, esse esporte serviria como elemento de desunião e de individualismo, gerando brigas constantes, inclusive dentro dos próprios clubes. Segundo esse autor, as opiniões de Afrânio Peixoto resumiriam as opiniões das classes incultas desse país, uma vez que os desportistas seriam seres incapazes de pensar.

Segundo Leonardo Afonso, por trás das críticas de Lima Barreto e de seus companheiros ao jogo da bola e aos seus defensores, estava muito mais que uma questão literária, estavam

as concepções e projetos políticos de cada grupo para a jovem nação brasileira, os quais eram mostrados a partir do futebol.

A presença dessa historiografia social que vem se dedicando a pensar os esportes modernos<sup>9</sup> se revelou significativa para este trabalho, por apresentar a incorporação de práticas como a do futebol em agremiações que, assim como, o Campinense, não surgiram a priori como times de futebol, tendo acontecido de maneira bastante conflituosa. Pensar a popularização do Campinense remete a uma concepção de que as “novas” experiências culturais vividas no clube, através do esporte, nem sempre se constituíram num campo de construção de harmonias e consensos entre os grupos, mas também, possibilitou um mecanismo de embate entre os sujeitos, a partir das múltiplas possibilidades de significados para o “*ser campinense*” nesse clube social.

Para que esses acontecimentos fossem enredados, esta obra, estruturou-se em três momentos: No Capítulo I, intitulado **Soirée, Tertúlia e Esporte Bretão: O Campinense Clube e a cidade de Campina Grande**, será discutido o primeiro momento do Campinense Clube, quando ainda era uma apenas uma agremiação social. Chama-se a atenção, neste momento, para a ideia

<sup>9</sup> É importante lembrar a existência de outros campos de análise para o futebol. Dentro de uma concepção marxista, temos as análises de Joel Rufino dos Santos, dedicado aos estudos sobre cultura africana e que percebeu no futebol um elemento disciplinador dos trabalhadores pelo patrão. Seus estudos referem-se às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, onde teria sido usado como instrumento de alienação capaz de distrair os trabalhadores de seus problemas e dificuldades. O contexto analisado por Rufino compreende as primeiras greves de trabalhadores, ou ainda a Revolta da Vacina. O medo dos capoeiras teria feito com que as elites estimulassem um jogo que não possuía um caráter de luta; o esporte bretão, seria a vacina adequada, contra a rebeldia popular. Em suma, o futebol aparece em Rufino como uma experiência externa aos seus praticantes, uma verdadeira invenção maquiavélica, um meio de controle sobre as massas, uma concepção bastante questionada na academia pelo seu determinismo. Para maiores informações, ver: SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

de um clube que se fez aristocrático em que as soirées à moda europeia e as tertúlias eram realizadas com vaidade e símbolo de uma cidade que se desenvolvia a todo vapor. Considera-se necessária essa retomada temporal, uma vez que as relações de seus fundadores com os populares, desde então, já se apresentavam tensas. E a experiência do futebol havia sido vivenciada por volta de 1917 e bruscamente suspensa meses depois. Também se considera importante situar o clube no cenário da cidade de Campina Grande, com seus grupos políticos que já haviam percebido nos anos de 1950 os usos possíveis para o futebol, o qual teve na imprensa um importante veículo de propagação desses valores, inclusive no campo esportivo.

No Capítulo II, intitulado “**O Esporte em Marcha**”: **O Centro Esportivo Campinense Clube e o Sonho do futebol profissional**, serão apresentados os primeiros anos do Centro Esportivo Campinense, uma entidade autônoma em um “clube de bacharéis”. Este capítulo tem como fio condutor as tensões gestadas no sodalício, que transformou as atividades futebolísticas num apêndice do clube social. Colocar-se-á o clube no cenário do futebol paraibano, a partir de sua filiação à Federação Paraibana de Futebol, a sequência do hexacampeonato e as “imagens heroicas” do clube, conforme as lentes da imprensa. Enfim, será mostrado o Campinense nas narrativas do Diário da Borborema e na voz do jornalista Joselito Lucena, que infelizmente partiu antes que este trabalho fosse concluído. Neste capítulo, as reflexões do historiador holandês Johan Huizinga<sup>10</sup> serão bastante

---

<sup>10</sup> Historiador holandês que analisou a importância do jogo enquanto um dos elementos da própria cultura. Esse autor considera que os fatores que levam as pessoas ao delírio em uma partida de futebol não possuem sua

úteis, uma vez que ele compreende o jogo em sua função social, aproximando as situações de uma competição à própria existência da vida, fator que se considera de destaque para a aproximação do clube a diversos setores sociais.

No Capítulo III, **Futebol, Rivalidades e Comunidades Imaginadas: Imaginando o ser Campinense** será mostrada a relação do Campinense com outras agremiações como o América, o Paulistano, o Botafogo da capital paraibana, como também será apresentada a emergência da rivalidade com o Treze, noticiada pela imprensa desde o ano de 1958, quando já verificadas, nos jornais da época, campanhas pela pacificação do futebol em Campina Grande, chegando-se mesmo a falar numa Guerra Fria do futebol da cidade. Aqui, o diálogo se dará com autores como Benedict Anderson<sup>11</sup> (2008), que teve no seu conceito de Comunidades Imaginadas a inspiração para que se pudesse pensar na “rivalidade” entre torcedores como elemento indispensável a montagem de uma imagem do ser Campinense, a partir da oposição aos seus rivais.

---

explicação nos aspectos biológicos, mas sim cumprindo as exigências para a vida, descarga de energia, divertimento, enfim, é uma forma específica de atividade como forma significativa, como função social. Cf. HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>11</sup> Cientista político nascido em Kunning, na China, estudioso do sudeste asiático e da Indonésia, que ao estudar “o nacionalismo”, questionou concepções consagradas como aquelas veiculadas pelo historiador Eric Hobsbawn e pelo sociólogo e filósofo liberal Ernest Gellner. Este último vinculou o nacionalismo ao industrialismo europeu. Anderson utilizou como elementos centrais de sua análise sobre o nacionalismo o papel desempenhado pelo “capitalismo editorial” e a “vernacularização” em oposição ao predomínio do latim, para considerar que as nações são “imaginadas”, no sentido de que fazem sentido para a alma e constituem objetos de desejo e projeções e o futebol para ele exerceu um papel decisivo nas concepções sobre o nacionalismo latino-americano. Cf. ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Permeando este capítulo, está presente a reflexão de que o futebol exerceu um forte papel na construção de novos significados para o clube. Olhar-se-á com cuidado especial a chegada do Campinense ao bairro do José Pinheiro, lugar que, de acordo as pesquisas realizadas, transforma a própria concepção de ser campinense, não mais numa característica daqueles que apresentavam um passado comum aristocrático.

Não se pretende esgotar nesta pesquisa a temática sobre o futebol e o Campinense, nem tampouco estabelecer a verdade, ou esgotar as possibilidades de reflexão, mas oferecer o contributo de uma pesquisadora nascida na zona leste de Campina Grande, no bairro José Pinheiro, que desde cedo se encantou com o fascínio que o futebol tem causado nas cidades e em seus personagens, instituindo limites, (re)definindo fronteiras. Com a palavra, os bacharéis campinenses.



# CAPÍTULO 1

## SOIRÉE, TERTÚLIA E ESPORTE BRETÃO: O CAMPINENSE CLUBE A CIDADE DE CAMPINA GRANDE

### 1.1 O CLUBE ARISTOCRÁTICO E A CIDADE

A cidade de Campina Grande está localizada no agreste paraibano e, ao longo dos seus 154 anos de emancipação política tem sido apresentada por suas elites com imagens de grandiloquência. A produção dessas imagens é resultante de uma guerra de sentidos e significados reproduzidos e atualizados<sup>12</sup> que envolveram pessoas e instituições ao longo século XX. Essas falas contribuíram por refletir nas imagens que até hoje foram construídas sobre a mesma. Em alguns momentos, esses relatos foram elevados à condição de verdade, marcando efetivamente a maneira como os habitantes olharam esse espaço urbano. Títulos como “O meridiano político da Paraíba”, “A Rainha da Borborema”, “A Capital do Progresso”, recheiam as páginas escritas da imprensa campinense e dos intelectuais. Nelas, a

<sup>12</sup> Cf. GEMINIANO, Wagner. **Enredando “Campina Grande” nas teias da cultura. (Des)inventando festas (Rei)inventando a cidade (1965-2002)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

cidade é exibida como um grande teatro de cenas complexas e diversificadas, que concedeu à mesma certa policromia. O espaço de Campina Grande foi representado como um lugar de marcante desenvolvimento de progresso acentuado, cosmopolita e civilizado.

A localização geográfica da cidade fez dela um entreposto geográfico e contribuiu para atrair, desde cedo, moradores de outras cidades também do agreste, sertão, brejo e mesmo de outros estados. Esses novos moradores formaram uma camada heterogênea de trabalhadores sem vínculos com as tradicionais correntes políticas locais e logo percebidos como objeto de disputas eleitorais. O período do algodão como elemento de destaque na economia local marcou a emergência dessas “imagens espetaculares” sobre a cidade. O seu comércio produziu fortunas concentradas nas mãos de algumas famílias já bastante tradicionais, ganhando visibilidade a concepção de que esse enriquecimento privado pertenceria a todos os residentes na cidade<sup>13</sup>. Essa mistificação foi capaz de estabelecer um status de glória e progresso que acompanhou Campina Grande ao longo de sua História, mas em muito contradizia as condições cotidianas de seus moradores.

A trajetória de Campina Grande na primeira metade do século XX intensificou os conflitos entre grupos políticos, contrapondo o ideário de um povo campinense ordeiro e homoganeamente identificado com o progresso da cidade,

---

<sup>13</sup> A respeito da mistificação do enriquecimento de Campina Grande e das inúmeras imagens produzidas sobre a mesma, ver: FILHO, Severino Cabral. **A cidade através de suas imagens**: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

bem como pensavam suas elites. As imagens sedutoras de uma Campina Grande apresentada como capital do trabalho proliferaram-se e atraíram um grande contingente de migrantes compostos por mercadores, comerciantes. Nos anos 60, também engrossam as fileiras os retirantes da seca, que atribuíram a cidade um outra imagem a de “Canaã dos Forasteiros”.

Pode-se considerar que na primeira metade do século XX as disputas travadas pelas elites sobre a cidade eram em função dos artefatos do moderno<sup>14</sup>, que chegavam ao local entre os quais podemos citar; no ano de 1907, a chegada da ferrovia que alterou significativamente a maneira como o campinense se relacionava com o tempo e a distância; a comunicação que fez pessoas abastadas se encantarem com a introdução, em 1918, do telefone. Os benefícios recebidos pela Praça Epitácio Pessoa e pela rua Maciel Pinheiro como o meio fio de pedra; em outros espaços, calçadas de laje foram substituídas pelas calçadas de cimento. Em 1926, o início da construção do Hospital Pedro I, com o apoio da loja maçônica; no plano das sociabilidades, a cidade conheceu o auge dos programas de auditório entre os anos de 1950 e 1964, a chegada do cinemascope em 1956, e a introdução da televisão no ano de 1963.

Num segundo momento, esse contexto é alterado, em especial entre os anos de 1950 e 1960, as estratégias e ações políticas passam a se desenvolver em torno de um projeto de

<sup>14</sup> Sobre os artefatos modernos e sua relação com a sensibilidade das pessoas, ver: ARANHA, Gervásio Batista. *Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)*. In: AGRA DO Ó, Alarcon et al. (Orgs.). **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa: Ideia, 2003.

industrialização, com capacidade para modernizar a cidade num curto período de tempo. As mudanças verificadas na cidade nesse momento foram consideráveis como o seu incremento populacional, a perda gradativa do capital financeiro proveniente do algodão, conhecido como o ouro branco campinense, o aumento do prestígio da capital do estado em detrimento do interior, a emergência de novos sujeitos no espaço urbano, o que deslocou a disputa acerca da cidade e das imagens sobre ela edificadas para outros campos não só econômicos, mas também culturais. Entre os vários projetos e sujeitos existentes em Campina Grande, nesse período, deve-se considerar aquele empreendido por uma camada endinheirada ou aburguesada, voltada para os empreendimentos industriais, que com apoio dos meios de comunicação intensificou as falas de grandeza sobre a cidade, que terminaram por reconhecer o papel desempenhado pelo futebol junto aos habitantes da cidade.

Em sua dissertação “Enredando Campina Grande nas Teias da Cultura”, Wagner Geminiano traça uma cartografia política da cidade, identificando que nos anos 60 existia uma “obsessão romântica” por uma “Campina Burguesa”, numa tentativa de rechaçar, ao menos nas falas veiculadas, certo contexto de crise. No ano de 1959, Severino Cabral, aliado político de José Américo de Almeida, venceu as eleições para prefeito representando as antigas oligarquias rurais, seus opositores o apresentaram à cidade como um político conservador e antimoderno cuja base de sua ação política era o paternalismo clientelista, que tratava de exibir a cidade com ares de humildade e pobreza com um povo carente de proteção e apoio. Cabral era costumeiramente

desqualificado por seus adversários por não ter seguido uma carreira acadêmica, por não ser um “doutor”/“bacharel” e, conforme pensava José Américo de Almeida, a cidade deveria se modernizar sem perder as relações de dominação até então estabelecidas.

Contestando essa fala “antimoderna” e “tradicional”, emerge o banqueiro e industrial Newton Rique, que mantinha estreitas relações políticas com os quadros liderados pelo campinense Argemiro de Figueiredo. Em 1964, Rique foi eleito prefeito da cidade, sua campanha foi costurada em eventos como a instalação do banco industrial de sua propriedade e a fundação de uma TV, uma de suas principais armas de divulgação. Sua inauguração foi um investimento político em favor de um projeto “modernizante”, que circulava desde os anos 50. Estava constituída a primeira rede de teledifusão do Norte/Nordeste brasileiro, instalada no andar superior do prédio junto ao Banco Industrial. Ao vencer, Langstein de Almeida, político apoiado por Severino Cabral, estava alicerçando o triunfo de um projeto que colocaria a cidade no “rumo certo”, afastando o “fantasma do atraso” que, conforme os desenvolvimentistas, durante anos ameaçou “a cidade promissora” e “ousada”.

Nesse cenário, os Diários Associados apareciam como um dos veículos de comunicação das elites campinenses, estruturado em função de um jornal, o Diário da Borborema, Emissoras de rádio e TV. Assim, enquanto instituição, os Diários Associados foram condicionados a diferentes arranjos de poder, no jogo político local, modelando o seu perfil e o tipo de argumento que iriam apresentar, sobretudo nas suas páginas jornalísticas. Por

isso, suas notícias eram apresentadas num contexto de euforia e expectativa, passando pelos destaques das “personalidades políticas” de Campina Grande, como Newton Rique e o empresário Edvaldo do Ó, que participaram efetivamente das atividades futebolísticas da cidade. Rique, sendo conselheiro do Treze Futebol Clube e colaborando financeiramente na montagem do elenco de profissionais do Campinense Clube, e Edvaldo do Ó, presidindo as duas agremiações.

Conforme noticiava o Diário da Borborema, eram “desportistas” mais interessados aparentemente no progresso e vitórias da cidade do que nas rivalidades clubísticas. Outro aspecto a ser considerado eram os sucessos obtidos pelas equipes locais sobre os times da capital do estado, a exemplo do Botafogo, que chegou a ser presidido por José Américo de Almeida Filho, sendo as vitórias apresentadas a comunidade esportiva local como a “comprovação da supremacia do interior sobre a capital do estado”. Logo, o futebol se transformou em espaço de disputas entre as elites. Em certos casos, fizeram convergir para o futebol práticas discriminatórias e disputas políticas então estabelecidas na sociedade. Conforme discute o historiador Durval Muniz de Albuquerque<sup>15</sup>, esses preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso ou ainda nos campos dos costumes e das ideias.

---

<sup>15</sup>Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

Considera-se importante esse debate sobre o lugar desses personagens que atuaram na cidade, o seu envolvimento com os projetos políticos para Campina Grande, bem como, as estreitas relações com os veículos de comunicação como o Diário da Borborema, para a compreensão de que o “lugar” ocupado por alguns times de futebol em suas páginas esportivas não foi um acontecimento casual ou isolado, mas sinalizou uma atenção com os moradores dessa cidade que, pela sua condição (des) enraizada sentiram-se atraídos pelas partidas de futebol, fazendo desse esporte um importante elemento de comunicação entre os políticos e as massas. Este momento de euforia que a cidade vivia intensificou-se com a proximidade do ano de 1964, quando Campina comemoraria seu primeiro-centenário.

Conforme o Diário da Borborema, jornal escolhido como uma das fontes de pesquisa deste trabalho, a Campina Grande dos anos 60 já dispunha de condições estruturais para adentrar no Capitalismo Industrial, racionalizando sua economia, uma vez que, em momentos anteriores, havia experimentado os “ventos do progresso”, como na gestão de Verniaud Wanderlay, que concretizou a reforma urbana da cidade nos anos 40. Era marcante a presença neste veículo de comunicação dos letrados da cidade, que enfatizavam Campina Grande em sua predestinação para o progresso. A cidade era um canteiro de obras e a comissão montada para conduzir os festejos do centenário na cidade, presidida pelo advogado Vital do Rego, cuidou de reservar recursos para promoção de melhorias nas praças esportivas e sociais da cidade. As mudanças no cenário político de Campina Grande também não podem ser dissociadas de um conjunto de

transformações do próprio estado nacional, que desde o período de Vargas passa a ser um agente ativo nos processos políticos e econômicos, atuando inclusive no fornecimento de incentivos financeiros e na promoção de eventos esportivos de grande porte, para atender as populações que inchavam as cidades do país.

Contudo, a política na cidade esteve marcada nesse momento pela construção de laços de dependência pessoal e dominação, em que a intolerância, a violência e a perseguição eram os principais instrumentos daqueles que venciam, sendo um ponto de aproximação entre os grupos políticos, mesmo com projetos tão distintos para a cidade.

O processo de empobrecimento econômico da cidade veio com a crise do comércio algodoeiro, que outrora fizera da cidade a “Liverpool Brasileira”<sup>16</sup>, a perda de prestígio de lideranças locais como Argemiro de Figueiredo, a crescente favelização dos espaços urbanos, bem como o golpe militar de 1964, que no plano político produziu a cassação do prefeito Newton Rique e terminou por gerar um forte discurso bairrista de vitimização de Campina Grande, sobretudo no enfoque dos Diários Associados, que mantiveram relações estreitas com os antigos segmentos industriais.

Para agravar a situação da cidade, os militares fortaleceram as funções político – administrativa, comercial e industrial das capitais que passaram a ser grandes centrais distribuidoras dos produtos e serviços. No plano futebolístico, a vitimização

---

<sup>16</sup> Termo usado para designar o papel desempenhado por Campina Grande, enquanto importante praça de algodão regional, em alusão a cidade inglesa que se destacou ao longo dos séculos XIX e XX na comercialização do produto.



se apresentou através das constantes denúncias nos jornais: privilégios envolvendo os clubes de João Pessoa, por parte das entidades organizadoras dos espetáculos futebolísticos, sempre que os resultados adversos apareciam, ou ainda na ênfase fornecida, ao pouco entusiasmo dos moradores da capital por um esporte tão “fascinante”, apresentando como argumento para respaldar essas concepções de supremacia do interior sobre a capital do estado, as médias de público da capital do estado sempre abaixo da “capital do futebol paraibano”.

Por outro lado, era comum a referência aos admiradores do futebol na cidade de Campina Grande como sendo os “matutos do interior”. Concorda-se com o Durval Muniz (2007), quando este destaca que os preconceitos quanto à origem geográfica são marcados pelo simples fato de alguém pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, referendado por um grupo que quase sempre se apresenta como superior, em relação ao outro como inferior, subdesenvolvido, menos civilizado, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Essas disputas por uma hegemonia no estado entre as suas principais cidades também ganhou visibilidade no plano futebolístico.

Os Diários e Emissoras Associados detiveram até 1972 o monopólio da informação, eram duas emissoras de rádio, Borborema e Cariri, o Diário da Borborema fundado em 1957, e a TV Borborema atuando desde 1963. A maioria dos letrados da cidade eram seus colunistas e ajudavam a propagar, sempre com

muita grandiloquência, os acontecimentos de Campina Grande, em todos os setores, inclusive o esportivo.

Não apenas os Diários Associados eram porta-vozes das visões dessas elites na/para a cidade, mas outros veículos como o Correio de Campina, as bandas musicais como a charanga Afonso Campos, ou a filarmônica Epitácio Pessoa, e o próprio Campinense Clube, então frequentado tanto por segmentos rurais como urbanos, pelas famílias mais antigas da cidade, também representavam projetos diferentes para o espaço urbano. Contudo, a participação de membros das camadas mais abastadas da “Rainha da Borborema” nesse sodalício, não impediu que gradativamente o mesmo fosse perdendo seu perfil de “aristocrático”, acredita-se, inclusive, que a popularização do clube seja fruto entre outros fatores do esvaziamento político local, que se intensificará a partir dos anos 60.

O Campinense Clube já vinha embalando a vida social da cidade desde o início do século XX, seus sócios frequentavam outras agremiações, porém o oposto quase não acontecia. Nas atas de suas reuniões, foram verificadas as exigências nos comportamentos de seu quadro de sócios. Inicialmente, os critérios usados para a escolha dos seus sócios era o fator econômico, as elevadas mensalidades cobradas excluía parcela significativa da população campinense, que quase nunca estavam em conformidade com o comportamento adequado a moral vigente daqueles que se divertiam no clube.

Aos sócios, eram oferecidos bailes elegantes, apresentações de piano, jazz, tango, aulas de “etiqueta”, “coreografia”, “soirée”, e, no período vespertino, as tertúlias. Seus oradores

eram tidos como “notáveis”, seus primeiros presidentes, muitas vezes, eram os próprios prefeitos da cidade, ou membros da maçonaria, que faziam questão de nomear a agremiação como o “clube da elite”. Essas imagens contrastam com o Campinense Clube dos dias atuais, reconhecido como um clube popular, da massa.

Na primeira metade do século XX era na sua sede, localizada na praça coronel Antônio Pessoa, que “a juventude” se encontrava e ficava aguardando as atrações que vinham cantar no auditório da Rádio Borborema, e logo seguiam para as apresentações desses artistas nos salões do clube. Pode-se aqui citar a presença de cantores como: Orlando Silva, Cauby Peixoto, Ângela Maria, Altemar Dutra, Josephine Baker, além de orquestras internacionais ou vindas do Recife e Rio de Janeiro, cidades que exerceram forte influência nas práticas culturais do sodalício e mais, chegavam os espetáculos teatrais, intelectuais, desfile das fantasias premiadas no teatro municipal do Rio de Janeiro. Ao estudar a rede de sociabilidades existentes na cidade de Campina Grande em sua tese de doutorado, o historiador da UFCG, Antônio Clarindo Barbosa<sup>17</sup> estudou como os diferentes grupos sociais se divertiam nas décadas de 50 e 60, e ao delimitar e circunscrevendo tais práticas, o autor situa o Campinense:

Para além do carnaval e das tertúlias rubro-negras, promovidos pelo clube todas as quartas e domingos. Outro tipo de evento que empolgava os sócios do mais aristocrático e

---

<sup>17</sup> Maiores informações, consultar: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

mobilizava amplos setores da sociedade eram os concursos de Miss que se popularizavam no Brasil nos anos 50, numa promoção dos Diários Associados. Um clube como o Campinense não podia deixar de prestigiar aquele tipo de certame, por entender que o evento tinha um caráter educativo para as moças, além de divulgar as belezas e regras de etiqueta atribuídas à cidade, como se ela fosse uma entidade com vida própria. Era mais uma forma de mostrar ao mundo que Campina tinha, além de educação, beleza e glamour. (SOUZA, 2002, p. 222)

O autor também descreve a variedade de gêneros musicais tocados, como o bolero, o romantismo das músicas americanas, a bossa nova, o “iê-iê-iê”, twisty e o bom e velho rock. Além disso, os salões do “*mais elegante*” também proporcionaram banquetes para figuras de destaque, e vários encontros políticos. Por lá passaram, em 1950, Getúlio Vargas; em 1962, Leonel Brizola e em 1963, João Goulart. O espaço do Campinense também servia aos ensaios musicais do momento. As bandas, por sua vez, recorriam a nomes que remetiam a acontecimentos políticos nacionais, a exemplo da chegada do homem à lua, animada pelo conjunto musical “os espaciais”, com seu visual futurista. Porém, é importante destacar que outros clubes da cidade seguiram um caminho inverso ao do Campinense, como o Ipiranga, que primeiramente formou seu time de futebol e logo em seguida criou o clube para divertir os seus sócios. Mas, lentamente, a

diversão nos clubes sociais foi perdendo espaço mediante outros gostos e lazeres, como a sedução pelo litoral.

Mediante o cenário, percebe-se que o Campinense Clube desfilou na passarela do século XX apresentando experiências culturais, as quais misturavam a sensação dos carnavais de máscara à moda europeia, os desfiles de fantasias premiadas no teatro municipal do Rio de Janeiro, tudo minuciosamente planejado pelas suas diretorias, até a montagem de ornamentações alucinantes, que encantavam toda a “high society” do momento. As principais datas do ano tinham nas dependências dos clubes festividades específicas, sendo o carnaval o momento mais esperado. Os grupos sociais da cidade eram significativos, seus lugares eram demarcados a partir de barreiras econômicas e concepções políticas para a cidade. Deles faziam parte comerciantes do algodão, fazendeiros, pequenos comerciantes, profissionais liberais, operários, trabalhadores braçais, além de uma imensa gama de outros populares, formando a tensa rede de relações sociais de uma cidade, que aparecia harmoniosa nos salões chiques de sodalícios como o Campinense Clube, frequentados essencialmente pela alta sociedade marcada pelo o exibicionismo e a extroversão.

Assim, os grupos enriquecidos participavam assiduamente da vida nos clubes e seus elementos se revezavam nas diretorias dos mesmos, apareciam nas colunas sociais, e importavam para a urbe uma nova estética clubística. Participar de um clube social como o Campinense conferia status e reconhecimento social. Mesmo já existindo desde o ano de 1915, o Campinense atinge seus anos de glória nos anos de 1940 e 1960, polarizando a cena

cultural local, com outras agremiações como Clube Médico Campestre e Caçadores.

Em tempos de (re)ordenamento da política local, o clube também proporcionou eventos voltados para a juventude, afinal de contas, Campina se preparava para o seu centenário e a cidade precisava de caminhos para efetivar essa onda de desenvolvimento, preocupando-se com a formação de seus futuros dirigentes. Em 1962, em razão do aniversário do clube o seu Departamento de Cultura, dirigido pelo economista Eliseu Lira, organizou a Semana da Juventude, oferecendo um ciclo de palestras transmitidas pelo rádio Borborema. Dela participaram o socialista Raimundo Ásfora, que na ocasião analisou o comportamento das elites dirigentes brasileiras face às reformas de base ao resistir aquilo que ele chamava de os anseios do povo, produzindo toda uma inquietação social; outros intelectuais, como Lopes de Andrade, discutiram a questão social sob o ponto de vista de Karl Marx, Augusto Comte e Saint Simon. Lopes afirmava que toda luta por mais alimentos, vestuário, habitação, remédios seria um combate pela melhoria do homem; na última palestra, Stênio Lopes defendeu o papel da educação na transmissão da herança social, dando aos cidadãos um sentimento de afinidade com seu meio. Como pode ser observado, no clube, circulavam grupos dos diversos segmentos políticos da cidade, imbuídos do propósito de retomar para a cidade um posto que lhe havia sido subtraído.

A vida social do Campinense era apresentada cotidianamente, desde 1957, no Diário da Borborema, em colunas como Grand Mondeo, que tratava de apresentar os eventos organiza-

dos nos clubes sociais, como um grande acontecimento na vida cultural da cidade, a exemplo da planta de sua nova sede, que, conforme o jornal, foi “a expressão do momento de desenvolvimento da cidade”, com patrocínio do setor bancário local. Porém a grande transformação na vida do clube viria com a retomada das práticas do futebol. E como isto ocorreu?

## **1.2 A experiência efêmera do futebol**

Os clubes sociais também foram invadidos pelo gosto das atividades físicas, assim, além da busca pelo lazer, a saúde do corpo também passou a ser perseguida e os esportes concederam a essas agremiações uma maior visibilidade social, atraindo novas parcelas da população. Pode-se destacar que é após a I Guerra Mundial que as práticas esportivas ganham notoriedade, tornando-se uma verdadeira febre e chegam aos sodalícios esportes náuticos como o remo e outras modalidades como o atletismo, que reuniam a juventude nos finais de semana. Porém, foi a introdução do futebol que modificou as concepções de sociabilidade da maioria dos clubes brasileiros e as mudanças verificadas no Campinense fizeram parte desse processo.

Numa sociedade marcada por profundas diferenciações sociais, o futebol trouxe a reboque uma série de processos desencadeados com a implantação da República em nosso país, como as teorias higienistas, que concebiam o futebol como o esporte mais completo e assim retardaria para alguns cronistas a inevitável catástrofe da degeneração física de um povo, com marcante presença de negros. Então se observa nas equipes de

futebol pioneiras de alguns times, a presença dos componentes do próprio clube social como está ilustrado a seguir, da primeira equipe do Campinense, geralmente jovens estudantes, que jogavam o futebol sem interesses financeiros, numa fase que ficou conhecida como do amadorismo.

**Fotografia 01:** O Primeiro Team – 1919



Fonte: <cgretalhos.blogspot.com>.

Mesmo assim, ainda aparecem na foto jogadores como Biscoitinho, conhecido nas pelepas locais. No ano de 1917, o presidente do Campinense Club, senhor Arnaldo Albuquerque, criou um Departamento de Esportes, surgindo assim o seu primeiro Team de football que teve uma vida efêmera, logo:

Numa cidade onde tudo era quente, a começar da política, havia uma grande rivalidade entre o Esporte Clube América e o Campinense. E no domingo em que havia jogo entre os dois rivais a briga já era esperada. E a coisa chegou a tal ponto, com correrias e até pânico entre os



torcedores que, em 1920, a diretoria resolveu dissolver o time, pois a estas alturas, bala se confundia com bola. (REVISTA 60 ANOS DO CAMPINENSE CLUBE, 1975, p. 05)

A intensidade da partida foi acentuada pela vitória do Campinense contra uma agremiação tradicional do futebol amador na cidade, o América, citado pela revista do clube. Os incidentes produzidos durante as primeiras exibições de futebol trouxeram para o clube “aqueles” grupos sociais iletrados, gerando descontentamento nos seus sócios que esperavam a restrição da prática para a meninada do aristocrático, ou seja, para os filhos dos sócios, membros da elite da cidade. A presença de populares não foi bem aceita pelas elites, uma vez que o cavalheirismo e o fair play terminaram por ceder lugar aos trancos e pontapés, assistidos por uma massa torcedora. Alguns anos mais tarde, dos quadros do América, seguiriam alguns membros fundadores do Treze Futebol Clube, em 1925, rival do Campinense Clube até os dias de hoje.

Os clubes sociais, que aderiram às práticas esportivas, incorporaram os preconceitos verificados na própria sociedade, alguns não aceitavam negros, outros não aceitavam pobres e analfabetos, muitas associações tentaram estabelecer em seus círculos fechados um espaço diferenciado em relação aos populares, terminando assim por proibir as práticas futebolísticas. É assim que ocorre a suspensão das atividades do “esporte bretão” no Campinense Clube, que apenas serão reativadas no ano de 1954, funcionando quase como um apêndice do clube social. Durante a pesquisa, conversou-se com pessoas ligadas ao clube, as

quais confidenciaram os fortes debates verificados na instituição, quando da profissionalização, e causou surpresa o desejo de que seus depoimentos não fossem registrados, com o argumento de não “envergonhar” os filhos de alguns ex-presidentes do setor social, que torcem atualmente pelo Campinense e não entenderiam a recusa ao futebol, com o argumento de não aceitar os “pobres”, “deseducados” nas dependências do “aristocrático”.

Mesmo com toda divergência que acompanhou o debate sobre a implantação do futebol, em 1954, o departamento é reaberto, com a defesa feita pelos profissionais liberais que se integraram aos quadros de sócios, a exemplo do médico Gilvam Barbosa. O argumento contrário à retomada das atividades, era de que o clube deveria continuar restrito às famílias abastadas da cidade, afinal de contas um dos elementos de orgulho do clube era a sua fundação por vinte e seis bacharéis, que tinham inclusive o hábito de se reunir em uma banda de música, nos tempos áureos da cidade, em 1915.

Deve-se considerar que a velocidade com que o futebol se espalhou pelo país, os campeonatos mundiais, a difusão das programações esportivas através do rádio e dos jornais, foram alguns dos elementos que impulsionaram o gosto pelo esporte, propiciando sua chegada à Paraíba em 1908 e na cidade de Campina Grande em 1913. Logo foram criadas ligas esportivas, federações e entidades simulares para normatizar a prática do esporte, sem contar com uma série de agentes políticos que já haviam descoberto, desde a década de 30, a função social e eleitoral do esporte, proporcionando a criação de praças esportivas que

fizeram dos políticos eternos “padrinhos” das agremiações mais populares do Brasil.

A retomada do futebol no Campinense, mesmo apresentando a tensão existente com a chegada de sujeitos de camadas menos abastadas ao clube, por outro lado apresenta a visibilidade das sucessivas vitórias do elenco profissional, que passou a desempenhar certo fascínio entre os primeiros grupos de torcedores. Afinal de contas, o esporte já havia sido incorporado ao cotidiano popular. A tensão produzida pela chegada do futebol na cúpula do clube fez com que nascesse um departamento autônomo, com um estatuto próprio e com seus treinamentos realizados em outro espaço, completamente separados das atividades do clube social, com presidente próprio, muito embora nomeado pelo dirigente do sodalício, criando-se inclusive uma denominação específica para o departamento de futebol, o Centro Esportivo Campinense Clube ou CECC. Enfim, no Campinense, o futebol foi a porta de acesso para os populares.

Nos anos de 1950 e 1960, o clube participava da vida social da cidade, oferecendo aos moradores os lazeres tradicionais, como os bailes dançantes e as tertúlias, através do futebol foi criado um novo espaço inclusive para jovens atletas, o que se acredita, possibilitou ao time usufruir no futebol do prestígio que já desfrutava enquanto clube social. Inicialmente, as soirées dançantes ofertadas ao público foram inspiradas na moda europeia, o que limitava o clube as camadas abastadas, que viam nessas manifestações culturais um símbolo de progresso e elegância, materializado nas quatro sedes sociais, que ocuparam áreas de destaque no espaço urbano de Campina Grande. Quanto

ao futebol, sua incorporação inicial também se relaciona com a presença marcante de elementos da cultura europeia, como as expressões em inglês, a exemplo de “team”, que aparece na foto, ou nas regras do esporte, concedendo um ar de elegância a prática esportiva

Lentamente, o futebol venceu o clube social, rompendo os paradigmas de sua fundação, materializando essa mudança no lugar de sua quarta sede social, no bairro da Bela Vista, encontra-se inacabado atualmente o estádio do Campinense, ou do “clube cartola”, que ao longo dos anos conquistou torcedores, muitos desenraizados, recém-chegados à cidade, que, assim como o time reativado, possuía apenas uma meta; vencer. A fundação de um departamento autônomo de futebol fez com que o Campinense não perecesse ao longo das décadas como outros sodalícios, que tiveram que presenciar o deslocamento de seus frequentadores para outros lazers. A fundação do Centro Esportivo Campinense Clube consolidou o futebol na agremiação e também representou a derrota das concepções de uma elite que se fez valer durante décadas da “mística do anel”.

### **1.3 O Campinense e a Mística dos Bacharéis**

O título de bacharel e doutor manteve-se durante longas datas como um importante sinal de classe, era como se as mãos dos filhos dos proprietários rurais, a priori, ou do burguês dos sobrados repugnassem as calosidades do trabalho, numa sociedade onde a nobreza se distinguiu pelo desprestígio ao trabalho manual, pelo poder de se fazer servir, pela busca do

máximo de conforto e mínimo de esforço. E, numa sociedade escravocrata, os valores trazidos por um grupo denominado de bacharéis passou a ser compreendido como um forte elemento de diferenciação social, assim as concepções de nação, pátria, povo, as formas de sociabilidade que se adotam costumaram copiar, no decorrer dos anos, costumes estrangeiros, elaborados a partir das experiências vividas fora do próprio país desde o período colonial. Esse acontecimento ajuda a compreender o prestígio que desfrutou o Campinense, uma vez que nasceu pelas mãos desses bacharéis, intelectuais da cidade, a exemplo de Hortênsio Ribeiro, Acácio Figueiredo. Os seus salões experimentavam as novidades advindas desse gosto europeu, presentes inclusive nas maneiras de vestir, como se pode observar na foto abaixo.

**Fotografia 02:** Os bacharéis fundadores – 1915



**Fundadores do Campinense Clube (1915)**

Fonte: <cgretalhos.blogspot.com>.

O Campinense Clube foi fundado em 12 de abril de 1915, pelos seguintes sócios: Acácio Figueiredo, Adauto Belo, Adauto Melo, Alberto Saldanha, Alexandrino Melo, Antônio Cavalcanti, Antônio Lima, Arnaldo Albuquerque, Basílio Agostinho de Araújo, César Ribeiro, Dino Belo, Elias Montenegro, Gilberto Leite, Gumercindo Leite, Horácio Cavalcanti, João Honório, José Amorim, José Aranha, José Câmara, Luis Soares, Manoel Colaço, Martiniano Lins, Nhô Campos, Sebastião Capiba, Severino Capiba, Sindô Ribeiro, Tertuliano Souto e Valdemar Candeia.

Entre os letrados acima, que fundaram o clube, pode-se destacar Acácio Figueiredo, eleito deputado federal e estadual no governo de Washington Luís. Acácio foi professor de Economia Política, Direito Público e Privado e de Teoria Evolutiva das Ciências Econômicas. Com o movimento de 30, Acácio Figueiredo perdeu o mandato e foi exilado. Fundou e dirigiu a *Voz da Borborema*, periódico que, com o passar do tempo, passou a veicular os ideais de Argemiro de Figueiredo, que ocupou cargo de governador do estado e era irmão do letrado, Argemiro de Figueiredo, considerado para alguns como o “pacificador das elites paraibanas”<sup>18</sup>. Nascido em Campina Grande, sob seu patrocínio, as dissensões interoligárquicas foram arrefecendo, compondo em sua administração uma cúpula que integrava governistas e oposicionistas reconstruindo, no estado, o sistema oligárquico-coronelístico, que fomentou o nascimento de uma prática política conhecida como “argemirismo”. Os irmãos representavam a oligarquia algodoeiro-pecuarista e as

---

<sup>18</sup> Cf. SYLVESTRE, Josué. *Da Revolução à Queda do Estado Novo: Fatos e Personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1930-1945)*. Brasília: Centro Gráfico, 1993.

importantes decisões e alianças do panorama político regional eram por vezes traçadas ou pelo menos brindadas no clube social. Conforme depoimentos colhidos, a interferência de Acácio Figueiredo foi de muita importância para que o Campinense recebesse, na década de 1950, em sistema de comodato, o Estádio Municipal Plínio Lemos, mesmo sem este participar ativamente da vida esportiva da agremiação.

O status social de que desfrutavam aqueles que frequentavam o Campinense, num primeiro momento esteve relacionado à presença desses intelectuais nos seus quadros de fundadores e posteriormente de sócios proprietários. Conforme Uyguaciara Castelo Branco<sup>19</sup>, a valorização gradativa do título de “bacharel”, em especial na Paraíba, deve estar relacionada ao caráter agrário da economia paraibana, formulando uma concepção que passou a considerar supérfluo tudo que fosse desligado dos interesses imediatos. O saber, durante certo tempo, foi visto como desnecessário ao desenvolvimento econômico, por este motivo a formação social paraibana esteve subordinada, inicialmente a Portugal e posteriormente a Pernambuco, onde foi formada parte significativa dos intelectuais do estado.

As dificuldades nas condições de ensino na Paraíba tinham como agravante as precárias condições de comunicação com o vizinho estado de Pernambuco, que formou boa parte dos quadros intelectuais paraibanos, fazendo do ensino superior muito mais uma conquista das elites, do que uma necessidade

---

<sup>19</sup> Maiores informações, ver: CASTELO BRANCO, Uyguaciara Veloso. **A construção do mito “do meu filho doutor”**: fundamentos históricos do acesso ao ensino superior no Brasil-Paraíba. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

de instrução. Castelo Branco (2004) aponta para um sistema de ensino excludente, que terminou por selecionar os melhores entre os mais abastados. Com isso, esses doutores julgavam pertencer a uma “casta superior” que estava destinada a conduzir os rumos políticos da sociedade. Nos tempos iniciais da República, quando da emergência dos principais clubes sociais da cidade, a Parahyba foi a província que mais formou bacharéis em Olinda e Recife, a presença desses “doutores” se revelou um acontecimento de destaque, tendo em vista representar um contraste numa sociedade formada por analfabetos. Essa presença bacharelesca no Campinense possibilitou perceber a rejeição por parte de membros de famílias antigas de uma presença mais efetiva dos segmentos menos abastados nas relações políticas da agremiação, sendo motivo de tensão a presença desses atores nas instâncias diretivas do clube, disputando inclusive espaços na sucessão política do Campinense.

Outra referência para o papel dos bacharéis na cidade de Campina Grande vem da própria historiografia local, com Epaminondas Câmara, autor de obras como os “Alicerces de Campina Grande”, “Datas Campinenses”. Câmara nasceu na cidade de Esperança, técnico em contabilidade, ocupou a cadeira número 12 da Academia Paraibana de Letras, usou como fontes de pesquisa os arquivos, cadernos de anotações de famílias, e forneceu à posteridade um inventário dos elementos que, para ele, constituíram signos do progresso e desenvolvimento campinense. Numa perspectiva diferente daquela apresentada por Castelo Branco, Câmara localiza os bacharéis a partir das mudanças de uma cidade que se urbanizou com rapidez, o



que levou a incorporação de novos hábitos de sociabilidade, na fundação de centros esportivos, dançantes, retretas dominicais, destacando o aparecimento de núcleos espíritas e protestantes, sendo o cinema Fox e o Campinense Club identificados desde então como representantes dessas forças oposicionistas da cidade.

De acordo com Epaminondas Câmara, alguns fatores contribuíram para o incremento da vida intelectual e social na cidade de Campina Grande, no início do século XX; a fragilização das relações patriarcalistas, a diversificação comercial, certo espírito de imitação e vaidade, que tomou conta das elites, que teria sido produzido pelo acontecimento por ele apresentado como “o advento dos bacharéis”, assim percebido pelo historiador:

Os rapazes que frequentavam as escolas superiores, ou os que delas voltavam titulados, adquiriam, sobre o resto da população, tal força sugestiva que pareciam emissários divinos. Isto se gerava em consequência das condições da época e do meio ambiente. Pensava-se que os conhecimentos científicos tinham limite e que eles haviam alcançado a sua plenitude. E é a razão porque naquele tempo, mais do que hoje, os doutores, na esfera social, distinguiram-se como seres privilegiadíssimos, para os quais eram reservados os primeiros lugares. Entes sobrenaturais, caídos acaso dos céus, para guiarem as massas no caminho do bem, da verdade e da vida. Só eles possuíam o condão de dogmatizar. Suas palavras eram ouvidas e acatadas religiosamente, porque inspiradas nas luzes divinas. E, porque não passava duns vinte

o número deles em todo o interior da província, e porque também, devido a esta pequena quantidade, o povo não tomava conhecimento de alguma contestação em matéria jurídica ou terapêutica, por ventura entre eles; as palavras tinham a ação dos taumaturgos e valiam como sanção da infalibilidade. (CÂMARA, 1999, p. 80)

Assim, enquanto em Câmara a chegada dos bacharéis marcou uma redução do prestígio dos coronéis, em Uyuaciara o título de “doutor” manteve-se por longa data como sinal de classe, seus valores funcionavam como um forte elemento de diferenciação social e a presença desta “ilha de letrados num mar de analfabetos”, durante a primeira metade do século XX, transformou a aquisição de um diploma superior em um privilégio e num grande mito, que terminou por naturalizar a ideia de que só existem valor e dignidade no trabalho intelectual, em detrimento ao trabalho manual. Em Uyuaciara, os bacharéis compunham na sociedade patriarcal, uma nova aristocracia, desejosa de uma cultura que propiciasse acesso aos cargos nobres. Durante esse longo caminho que modelou a educação brasileira, esta foi desvinculada dos aspectos endógenos de nossa sociedade, adaptando-se a modelos importados de países ditos mais desenvolvidos, atendendo apenas aos interesses de uma elite dominante que, através de seu diploma, construiu os quadros políticos e manteve seu poderio econômico em diversas localidades.

O debate levantado por Castelo Branco permite que se compreenda por que o futebol, mesmo sendo uma prática

européia, não entusiasmava essa elite letrada que integrava o Campinense Clube. O jogo difundido por Campina Grande era praticado não por diletantismo, ou em busca da saúde física de uma geração de futuros dirigentes e muito menos com o requinte exigido, para um espaço como o “do mais elegante”, mas já estava nas páginas esportivas, com destaque para a violência das partidas, que no período aqui abordado (1954-1964) continuava a registrar a violência das jogadas, agressões de jogadores a juizes, propiciando até traumatismo craniano em um dos “apitadores” da capital, como eram chamados os árbitros pelos jornais da época, ou ainda situações de facadas e homicídios após as partidas de futebol.

#### 1.4 Em jogo os clubes sociais

Pensar as mudanças vivenciadas por um sodalício não é tarefa fácil, sobretudo devido a escassez bibliográfica acerca das sociabilidades nos clubes sociais. Porém, não foi uma experiência verificada apenas no Campinense Clube de Campina Grande, em outras localidades, como o Rio de Janeiro, a chegada do futebol também produziu modificações na sociabilidade de agremiações como o Fluminense também conhecido como pó de arroz ou tricolor das Laranjeiras, que inicialmente frequentado por rapazes da alta sociedade carioca, terminou por cair no gosto popular.

Numa perspectiva voltada para as mudanças sociais, verificadas na metrópole do Rio de Janeiro, durante os tempos republicanos, Rosa Maria Barboza de Araújo<sup>20</sup> discute aspectos

<sup>20</sup> Cf. ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

desse cotidiano, como a chegada dos jogos nessas agremiações, o gosto pelo banho de mar, em sua obra, relaciona a emergência dos clubes sociais ao novo papel assumido pelas famílias, neste caso, cariocas. Ao privilegiar o “consumo do lazer”, essas famílias teriam gerado uma atmosfera cultural cosmopolita, marcada pelo culto do prazer e da alegria. Ao perceber um novo comportamento social com as famílias atravessando as fronteiras do espaço privado de suas casas para o espaço público das ruas, Araújo ratifica a instituição da diversão enquanto hábito, criador de um espaço lúdico na cidade, cuja maior evidência seria a proliferação de centros recreativos em diversas cidades brasileiras. Para ela, a propagação de centros dançantes tornou-se uma mania, que foi compartilhada por diversos setores sociais e se constituiu no grande ponto de identidade entre os moradores da cidade.

Dentro de uma perspectiva inspirada na História Social, o historiador Leonardo Affonso de Miranda discute as tensões sociais verificadas nos clubes cariocas do início do século XX, desmontando a ideia que foi deixada para posteridade do caráter “harmonioso” dessas agremiações que reuniam num mesmo espaço festivo as danças e o jogo. Para realizar suas análises, o autor lança mão de um variado cabedal de fontes, desde os relatos de cronistas da época, através dos jornais ou das colunas informativas, os inquéritos policiais e os documentos oficiais dos clubes, como estatutos e atas, que forneciam importantes pistas sobre condutas e posturas exigidas de seus participantes. E, para ressaltar a importância de sua escolha, Pereira (2000, p. 423) destaca que:

Esta ampla documentação, ao possibilitar que entremos em seus bailes e festas, abre uma nova janela de observação para um pesquisador da atualidade: ao mostrar a existência de organizações, normas de conduta e códigos de valores próprios entre seus membros, permite que analisemos mais detidamente as experiências de homens e mulheres que os frequentavam. Ao mesmo tempo, possibilita que formemos um olhar mais crítico em relação aos testemunhos daqueles que, mesmo sem nunca ter pisado nas sedes destes clubes, lançavam sobre eles objeções de vários tipos.

Miranda dedica-se em especial aos clubes frequentados pelos trabalhadores pobres do Rio de Janeiro, que encontravam nessas agremiações todas as diversões lícitas, que incluíam de passeatas nos dias de carnaval, piqueniques, até os jogos permitidos pela polícia, e através das danças, dos jogos e dos cantos reafirmavam suas práticas culturais. Assim:

Ao fazer do lazer um motivo de união, os sócios desses centros dançantes mostravam ter nos clubes um elemento de identidade. Extrapolando a simples recreação, eles formavam por meio dessas associações laços expressos em momentos diversos. (PEREIRA, 2000, p. 427)

Essa concepção acerca da rede de solidariedade se revelou bastante valiosa para este trabalho, uma vez que as elites que compunham o Campinense também faziam questão de aparecer de maneira harmoniosa. Ao verificarem documentos oficiais do

Campinense Club, foi percebido que as festas “harmoniosas” da elite, que nas colunas dos jornais muitas vezes apareciam como simples momentos de lazer destituídos de relevância social, aos olhos de certa historiografia, pareceram adquirir uma forte possibilidade para a consolidação das mais variadas identidades e construção de solidariedade.

Constatou-se a realização de diversas sessões ordinárias na agremiação, para perdoar os débitos de sócios em apuros financeiros, desde que o sócio fosse membro de famílias com “bons antecedentes morais”, ou a retirada do quadro social daqueles que não possuíssem postura condigna com os preceitos comportamentais do sodalício, envolvendo-se em bebedeiras, brigas ou rompendo suas obrigações financeiras, sendo punido com suspensão e até exclusão dos quadros.

Todas essas ações eram de conformidade com o estatuto do clube e terminavam por regular a conduta dos membros dentro e fora do seu espaço. Curiosa ata registra os preparativos de uma das cerimônias fúnebres ocorridas no sodalício. Trata-se do registro da morte do senhor Sebastião da Fonseca Barbosa, ex-presidente do clube. Inúmeras sessões foram realizadas para organizar o cerimonial e expressar a gravidade do lutuoso acontecimento. As providências tomadas remetiam ao encerramento das portas do sodalício, o hasteamento do pavilhão a meio pau, pavilhão que já possuía o vermelho desde a década de 1920, desmontando o argumento de sua incorporação junto com a mudança da bandeira da Paraíba. Na ocasião, foi designada uma comissão composta por diretores como César Ribeiro, Archimedes Aranha, Flávio Pinheiro, Júlio Honório de Melo e Eduardo Lobo.

O objetivo era em “missão”, acompanhar o corpo das proximidades da vila do Ingá até a residência do morto, passando pelas ruas principais da cidade até chegar ao sodalício, onde estava armada a câmara fúnebre para receber as homenagens.

A minuciosa descrição desse funeral, ocorrido em Outubro de 1933, prolonga-se por inúmeras páginas, registrando o luto oficial por trinta dias na agremiação, a manutenção das portas da sede fechada por oito dias, sendo encerrada a sessão com o minuto de silêncio de todos os diretores com o mais profundo rigor. Lembrando que o ritual fúnebre de passar pelas ruas principais, incluindo as proximidades da matriz, era privilégio apenas dos “ilustres”. Pode-se perceber o aspecto espetacular do ocorrido, afinal de contas numa sociedade recreativa, a morte de um dos membros tinha que ser conduzida de maneira digna.

O lazer propiciado por um clube social, mesmo se espalhando pelas diversas áreas de uma cidade não servia apenas como elemento de união entre os moradores da mesma, em alguns casos, ao invés de uma identidade festiva, os participantes de um salão, por vezes participavam da elaboração de disputas sociais muito amplas que tinham no lazer e na cultura campos propícios de afirmação. Por isso, a retomada tardia das práticas do futebol num momento em que a Paraíba estava experimentando os ventos de um profissionalismo, cujo símbolo maior foi a fundação da Federação Paraibana de Futebol na década de 1940, reunindo clubes de todo o estado que nos primeiros campeonatos tinham suas partidas realizadas apenas na capital, o que terminou dificultando o debate acerca da retomada do futebol no clube, devido ao bairrismo declarado de seus membros, que

fizeram do ser Campinense , também no futebol,um manifesto de oposição à capital.

Neste capítulo, foi apresentado o cenário de Campina Grande, num momento em que no Campinense estava acontecendo um longo debate para retomada do futebol. O contexto de crise da economia algodoeira local fez com que novas imagens e projetos para a cidade fossem percebidos, vindos de grupos políticos emergentes como os banqueiros e industriais, que rejeitavam as associações de uma cidade humilde e pobre rodeada de casebres. Foi discutido que o principal veículo para divulgação das imagens de uma cidade pronta para adentrar ao capitalismo industrial foram lançadas através dos Diários Associados, recheados de falas que a todo tempo mostravam a superioridade de Campina em relação à capital, com seus ares de ousadia e progresso ilimitado. O Campinense ganhou visibilidade nesse cenário com a criação de um departamento de futebol profissional, muito embora desde o início do século já viesse embalando a vida social na cidade.

A presença dos bacharéis no seu quadro de fundadores e de políticos tradicionais na sua cúpula diretiva fez do futebol um tema polêmico na agremiação. Assim, compreende-se que o futebol também participou dessa rede complexa de imagens que fez de Campina Grande um lugar especial para se viver, sendo o Diário da Borborema um elemento marcante nas imagens produzidas sobre o Campinense, pois o mesmo jornal que exibia o cotidiano do lugar como grandioso e majestoso, apresentou as conquistas do Campinense como uma verdadeira epopeia, como será visto adiante, não por acaso, um clube de bacharéis, oposi-



tores dos grupos políticos da capital, que também ganhavam notoriedade nas páginas do Diário da Borborema, com seu cabedal político.

No próximo capítulo, serão discutidos os primeiros anos de profissionalismo do Campinense e o papel do jornal e do rádio, na popularização do clube ao narrar com ares de dramaticidade e heroísmo as conquistas do Campinense.

## CAPÍTULO 2

# “O ESPORTE EM MARCHA”: O CENTRO ESPORTIVO CAMPINENSE CLUBE E O SONHO DO FUTEBOL PROFISSIONAL

### **2.1 Do Campinense Clube ao CECC: o rubro-negro nas páginas esportivas**

Em 1959, quando eu arrumava as malas e partia para o Rio de Janeiro, Campina não era mais a cidade de um time só. Estava plantada a semente do que seria o Campinense de hoje.  
*(Palmeira Guimarães – Jornalista)*

No momento em que as atividades do departamento de futebol do Campinense foram reativadas, eram pouco recorrentes as competições que envolviam agremiações de todo país. De certa forma, alguns aspectos consideráveis dessa organização esportiva nacional poderiam, a partir de então, serem analisados; o sistema de transportes oferecido à população e que interligava distantes espaços revelava-se incipiente para uma população que

crecia, dificultando assim a organização de uma competição nacional entre clubes de todo o país. Por outro lado, com essa ausência, as federações e os clubes, todos isentos de impostos, fortaleciam-se localmente e com frequência desfrutavam de contribuições e instalações subvencionadas pelo estado. Durante os anos 50, eram comuns os torneios realizados em uma cidade ou entre elas, enquanto dos torneios interestaduais participavam as agremiações com melhor poder aquisitivo. Mesmo assim, sua ocorrência alimentava a rivalidade entre estados próximos como Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco atraindo excelentes públicos locais para acompanhar os clubes que já figuravam como destaque no cenário futebolístico regional.

As atividades esportivas constituíram-se num elemento de destaque no cotidiano das cidades brasileiras possibilitando aos moradores acesso a novas tecnologias ligadas ao ambiente urbano, ou a outros equipamentos de conforto como os cinemas, a pequena tela da TV, as largas avenidas, que se tornaram ambientes para desfiles carnavalescos e outras manifestações populares, como as vitórias de um time de futebol. Quanto ao futebol, além da sedução por ele causada em diferentes segmentos sociais, este também passou a ser influenciado pelas premissas do planejamento estratégico, em que os clubes perseguiram objetivos como o de ter seu próprio estádio.

Em 1952, o São Paulo, por exemplo, inicia um projeto para construção de um estádio com pretensão a ser o maior do mundo entre os estádios particulares, com capacidade para 70 mil espectadores. As mudanças também foram verificadas no sentido de obter melhores resultados em campo. As equipes do

sudeste do país já estabeleciam metas para tornar seus times mais competitivos, visando no plano tático elaborar um padrão de jogo que equilibrasse eficiência defensiva e ousadia ofensiva. Assim, os departamentos de futebol passaram a disponibilizar profissionais especializados nos estudos táticos e nas deficiências dos adversários, nas normas disciplinares que deveriam ser aplicadas aos atletas para melhorar seus rendimentos em campo, incluindo nos departamentos esportivos psicólogos fisioterapeutas e dentistas, era a chamada gestão empresarial do futebol, que não chegou homogeneamente aos recantos do país.

Além das mudanças citadas, algumas equipes ganhavam notoriedade no futebol brasileiro. Pode-se citar o Santos, de atletas como Pavão, Pepe e Pelé, este último chamado posteriormente de “Rei” pelo jornalista Nelson Rodrigues, e o Botafogo de Nilton Santos, Didi e Garrincha. O país vivia um clima de euforia no futebol com a conquista de um campeonato mundial em 1958, um bicampeonato em 1962 pela seleção, a conquista da Taça Libertadores da América em 1962 e de um mundial interclubes em 1963 pelo Santos.

Essas notícias chegavam até a cidade de Campina Grande através das colunas esportivas de jornais como o Diário da Borborema e eram acompanhadas com expectativa pelo público local. A imprensa costumava organizar excursões para acompanhar esses clubes, quando vinham se exibir em outras capitais como Recife ou então quando empresários patrocinavam a vinda destes grupos para as comemorações de aniversário da cidade, inauguração de praças esportivas e até mesmo para divulgação dos clubes tradicionais do local. Esse ambiente de

entusiasmo fez com que as novas tecnologias da informação aplicadas aos esportes fossem introduzidas em Campina Grande, como o recurso de fotografar lances das partidas para as reportagens esportivas ou ainda os espaços onde os cronistas esportivos expressavam suas opiniões acerca do cotidiano futebolístico local e dos seus principais acontecimentos.

O momento vivido pelo futebol no país e a existência de uma intensa atividade esportiva noticiada pelos jornais na cidade transformaram os rumores de uma possível profissionalização do Campinense Clube num assunto de destaque, mas que mesmo assim dividia opiniões entre os envolvidos com o esporte. Em 1958, o calendário futebolístico local já contava com a rotina do clube, incluindo suas partidas com as equipes amadoras como o Flamengo do bairro de José Pinheiro, à época conhecido como rubro-negro da Rua Maximiano Machado, equipe que costumava revelar atletas para outras agremiações. O que chamou atenção nessas matérias foi a presença de clubes no estado com denominações similares àquelas de outros centros do país como Santos, Internacional, Palestra, Paulistano e o próprio Flamengo, sugerindo o intercâmbio de informações com outros centros, pelas páginas escritas.

A possível efetivação das práticas futebolísticas no Campinense gerou desconfiança entre os sócios do clube e houve uma longa polêmica que envolveu não apenas os sócios, mas também a crônica esportiva local, que noticiou as sucessivas reuniões, apresentando os possíveis caminhos dessa profissionalização;

Sugeriram alguns, a princípio, que o mais acertado seria a constituição de uma junta governativa provisória para deliberar acerca do rumo a ser tomado posteriormente pela agremiação. Outros, os mais práticos, opinaram pela efetivação de uma reunião para ser formada de pronto uma nova diretoria, que passaria a agir imediatamente, procurando sem rodeios e sem protocolos profissionalizar o aristocrático conjunto. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 15 mar. 1958, p. 05)

Se de um lado era sugerida a formação de uma nova diretoria apenas para o departamento de futebol separada do clube social, outros jornalistas exigiam a necessidade da prática de um futebol com “profissionalismo limpo”;

Que se estude, aproveitando qualquer das sugestões, uma fórmula para profissionalizar o Campinense Clube de possibilidades financeiras, pois conta em suas fileiras com gente que pode gastar muito dinheiro com futebol, sem que isso represente o mínimo esforço. Mas, que se faça um profissionalismo limpo, com uma folha de pagamento relativa, pois, pelo contrário, sofrerão os aristocráticos diretores e os aristocráticos jogadores uma série de amolações e imprevistos, porque em tudo, especialmente em futebol, qualquer passo errado pode ser fatal. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 15 out. 1958, p. 05)

Afinal de contas, o que se entendia nesse momento por “profissionalismo no futebol”? Pode-se dizer que esse processo

vinha sendo verificado nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro desde a República Velha e que alguns anos mais tarde se espalhou pelo país o que colocou um limite na antiga ambiguidade presente no futebol em que os jogadores negros e pobres eram impedidos de jogar bola bem como frequentar os salões dos clubes de elite como o Fluminense carioca. De acordo com Anatol Rosenfeld<sup>21</sup>, a profissionalização elevou os atletas à condição de funcionários dos clubes, sem nenhum direito a participar de sua vida social, segregando o time de futebol do clube social, em clubes que apresentavam essa singularidade. Além disso, a profissionalização das equipes reduzia a saída de jogadores brasileiros para países que já haviam adotado a regra, como a Itália e a Espanha, que desde a década de 30 já conhecia o emigrante brasileiro do futebol. A abertura do debate para a profissionalização era o reconhecimento da popularização do futebol no país, o que não tornou o processo de reconhecimento menos conflituoso. O sociólogo Waldenyr Caldas<sup>22</sup> apresenta a profissionalização como um dos primeiros impasses gerados no futebol, sobretudo por parte dos clubes de elite, que reagiram com desconfiança ao surgimento de clubes suburbanos quando esses começaram a ganhar visibilidade utilizando em suas equipes jogadores pouco abastados.

Essa foi uma alternativa também para fugir do “profissionalismo marrom”, ainda conforme os estudos do sociólogo, que era marcado pelos pagamentos feitos aos jogadores sob a forma

---

<sup>21</sup> Cf. ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>22</sup> CALDAS, Waldenir. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun/ago. 1994.

de “bichos”, termo que provavelmente vem do jogo do bicho, em que os atletas costumavam receber conforme seu desempenho em campo “um cachorro”, “um coelho”, “um galo”, “uma vaca”, o que não correspondia aos lucros obtidos pelos clubes e dirigentes com as arrecadações das partidas. Acredita-se que essa consideração ajuda a compreender a exigência feita anteriormente pelo colunista, de que caso queira o Campinense profissionalizar seu quadro de amadores, que seja através de um “profissionalismo limpo”, que acompanhasse esses rumos adotados pelo futebol nos grandes centros do país<sup>23</sup>.

A mesma notícia sobre os rumos do Campinense indica a presença de segmentos enriquecidos da cidade, formados por médicos, advogados, alguns vindos do vizinho estado de Pernambuco e outros pertencentes a famílias já tradicionais da cidade, chegando inclusive a proporem a existência, no Campinense, de um grupo social abastado conhecido como os “18 do Forte”, que patrocinaria as atividades futebolísticas do clube e que seria composto de “nomes” de destaque, inclusive na política da cidade. Acontecimento também recorrente na política do “profissionalismo” brasileiro em que até então os dirigentes dos clubes eram em sua maioria políticos profissionais que passaram a ser conhecidos posteriormente como “cartolas”.

Mesmo com toda a divergência existente acerca do caminho a ser seguido pelo clube, quanto à profissionalização, eram

<sup>23</sup> A maioria dos estudos sobre o futebol no Brasil tem como referência a obra do jornalista Mário Filho que com o olhar voltado para o futebol no Rio de Janeiro, divide a história do esporte em três momentos: Até 1910 um jogo de elite, até 1920, intensa exclusão de negros e pobres e ascensão social dos negros em 1930. Através do jogo, Mário Filho tenta construir uma imagem coesa do país. Maiores informações, ver: FILHO, Mário. **O Negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.



recorrentes os argumentos favoráveis, sobretudo devido às vitórias obtidas pelo time em campo, entusiasmando os defensores do futebol, uma vez que o sucesso não se resumia apenas diante das equipes locais, mas também das equipes convidadas de outros estados do nordeste do Brasil como Sergipe (SE), Autoesporte (PE), Central (PE), Náutico (PE) etc. O Departamento de futebol foi ativado em 1954, quando da presidência do médico Gilvam Barbosa. No ano seguinte foi formado o primeiro time com o clube participando apenas de competições amadoras da cidade.

Nessa fase de pré-profissionalismo<sup>24</sup> existia na cidade outra equipe conhecida como Esporte Clube Campinense, ou “o rubro-negro da rua Venâncio Neiva”. Ainda em 1958, ocorreu a tentativa de fusão dessa equipe com o Campinense Clube. O Esporte Clube Campinense contou nos seus quadros com atletas como o jornalista Joselito Pereira de Lucena, a ideia era a nova agremiação chamar-se Campinense Esporte Clube, mas não ocorreu acordo entre as partes, uma vez que os clubes possuíam bens próprios e não aceitavam abrir mão de suas referências clubísticas.

Dentro de um projeto de uma Campina “industrial e desenvolvida”, conforme propagavam as elites campinenses, o futebol era noticiado pelo Diário da Borborema como um dos aspectos dessa modernização que o mundo capitalista exigia, o que fornecia aos confrontos das equipes de Campina Grande

---

<sup>24</sup> Usou-se o termo “pré-profissionalismo” para designar o momento em que o Campinense Clube se preparava para montar um elenco e disputar competições oficiais, organizadas pela Federação Paraibana de Futebol, o que apenas se concretiza em 1960.

cores especiais. No ano de 1959, o time do Campinense já era apresentado como um dos destaques nos meios esportivos do nordeste ao promover, na cidade, partidas com equipes conhecidas nacionalmente e, mesmo sem ainda ter disputado competições estaduais era apontado pelas crônicas como uma das “forças do futebol paraibano”.

E numa prática que se tornou frequente nos meios esportivos nacionais, seus embates passaram a ser transmitidos pelas ondas da Rádio Borborema, que registrou os amistosos nacionais realizados pelo clube, a exemplo do confronto com o conhecido elenco do Bangu<sup>25</sup>, numa partida em que os atletas do clube local foram apresentados pelo jornal como “os rapazes do Aristocrático”, em alusão à fama do clube social. Essa partida aconteceu no estádio municipal Plínio Lemos, e na edição do Diário da Borborema de 10 de abril de 1959, a coluna de esportes noticiava que eram “Esperados em Campina Grande os mulatinhos rosados”, apelido da agremiação carioca, que tinha como principal atração

---

<sup>25</sup> Essa equipe do Bangu surgiu em 1904 com o nome de The Bangu Athletic Club, foi fundada por altos funcionários ingleses da Companhia Progresso Industrial do Brasil, sua localização geográfica era num bairro periférico e proletário, promovendo a sua aproximação com os trabalhadores. A própria companhia inglesa estimulou o futebol como forma de lazer entre seus executivos. Mas o reduzido número de funcionários graduados não era suficiente para formar dois times. A alternativa encontrada foi aceitar operários para completar o quadro, segundo alguns critérios como desempenho profissional, tempo de serviço, e comportamento pessoal, sendo o Bangu o primeiro time brasileiro não composto essencialmente por membros da elite. Quase sempre os operários jogadores eram protegidos pelos diretores da empresa, e conforme a popularização do futebol, o time do Bangu se tornaria mais conhecido que a própria companhia inglesa. Costuma-se também chamar o Bangu da primeira metade do século XX do time “da elite operária” do futebol. Maiores informações, ver: CALDAS, Waldenir. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista da USP**, São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.

o zagueiro Zózimo<sup>26</sup>. As atividades futebolísticas colocavam a cidade neste cenário movimentado e de desenvolvimento estimulado pelas práticas físicas.

Desta maneira, foi através das coberturas jornalísticas, que as massas passaram a vincular-se mais efetivamente com determinados clubes, nos estádios e fora dele, e em meio a uma crise que envolvia defensores do amadorismo e do profissionalismo, o que culminou com a transformação do futebol brasileiro no grande espetáculo das multidões. O jornalista Mário Filho teve importante papel nessas mudanças, uma vez que, nos seus comentários, tratou de nacionalizar a nomenclatura de vários clubes brasileiros que resultou na elaboração das bandeiras, hinos, símbolos e mascotes dos clubes. Também vem do Rio de Janeiro a primeira revista brasileira dedicada ao futebol em 1938 “o Sport ilustrado”. Quanto ao rádio, este ganhou forte impulso com as narrações apaixonadas de Ari Barroso a partir de 1936, tornando-se um elemento de incorporação do torcedor ao universo do futebol brasileiro (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Os amistosos interestaduais e nacionais realizados antes mesmo da profissionalização, as vitórias obtidas pelo Centro Esportivo Campinense Clube, diante de adversários conhecidos como o Esporte Clube Bahia, a cobertura realizada pelo rádio e pelo jornal, foram aspectos que colaboraram para a popularização do campinense. Algumas partidas, porém, merecem destaque como o confronto contra o Flamengo do Rio de Janeiro, no estádio municipal Plínio Lemos. Conforme a crônica

<sup>26</sup> O zagueiro Zózimo nasceu em 19 de junho de 1932 e começou sua carreira no Bangu dos anos 40, foi campeão mundial pela seleção brasileira em 1958 e 1962, onde realizou 36 jogos, faleceu em 1977 num acidente de carro.

esportiva, a participação do Campinense fez com que “Milhares de torcedores aplaudissem o feito espetacular dos garotos do mais elegante” ou ainda, a contratação de atletas experientes no futebol nordestino, como o atacante Zezinho Ibiapino, goleador com passagens pelas equipes do Náutico Capibaribe e Ceará Sporting, que concedeu maior visibilidade ao desempenho do clube nos meios esportivos.

Essas imagens grandiloquentes, repletas de situações espetaculares que, muitas vezes, são apresentadas pelos jornais, se por um lado permeavam as falas sobre a cidade, por outro compõe a atmosfera do futebol e ainda sugerem que esse esporte tem funções sociais que podem ser interpretadas de diversas maneiras. Um clube de futebol é um bom exemplo de um elemento da sociedade de concorrência intensa e sem vencedor preestabelecido, caso existisse, o futebol e o capitalismo não mais existiriam. Nessa sociedade da competição, jogadores como o Zezinho Ibiapino se tornaram personagens bastante importantes por tornar visível a própria especialização do trabalho que existe no esporte. A vida desses jogadores é alternada de vitórias e derrotas em uma carreira bastante curta, fazendo-os sair do centro das atenções ao ostracismo.

A comoção narrada pela imprensa com os amistosos do Campinense ou a chegada de Ibiapino, que no clube se destacou como jogador e treinador campeão, rodeado de prestígio, não impediram que o atleta fosse secundarizado pelo esporte, ficando, após as conquistas, sem clube e sem espaço no mercado da bola, pelo avançar da idade. Contudo, sua presença nos primeiros anos de profissionalização do clube, juntamente com

outros atletas de destaque, foi importante para obtenção de uma sequência de vitórias e títulos que marcaria a cultura clubística do Campinense. Os atletas do clube passaram a integrar uma narrativa feita de personagens e episódios conhecidos por todos, como os próprios gols marcados por Ibiapino, na campanha pelo tricampeonato estadual, como discutiu Hilário Franco Júnior (2007, p. 264):

[...] os torcedores de um clube sentem-se unidos por um destino comum repleto de heróis e de vilões, de momentos épicos e outros trágicos, que, mesmo não tendo sido pessoalmente vividos por todos, fazem parte da vida de cada um. Assim como os ritos religiosos sintetizam, relembram e revivem a história sagrada que os fundamentam, os ritos futebolísticos fazem o mesmo com a história dos clubes.

Essas narrativas passaram a ser expressivas para uma sociedade na qual os laços de solidariedade foram fragilizados, tornando possível a transformação de um clube de futebol numa fonte de afeto despertando emoção entre os torcedores que o acompanham. Com relação à fragilidade desses laços de solidariedade da sociedade capitalista, o cientista político Benedict Anderson (2008) realizou um exaustivo estudo a esse respeito, em que buscou o nascimento das raízes culturais do nacionalismo, apresentando de que maneira uma nação é uma comunidade política imaginada, distintas pelo estilo como são imaginadas e pelos recursos que são utilizados com esse propósito. Em Anderson (2008), uma nação é limitada, uma vez

que apresenta fronteiras finitas, sem imaginar são uma extensão única da humanidade; são imaginadas como comunidades por se conceberem numa estrutura de camaradagem horizontal, fazendo presente a ideia de um “nós” coletivo, mesmo irmanadas em relações distintas.

O autor deseuropeiza o estudo do nacionalismo e apresenta o declínio das comunidades, línguas e linhagens sagradas, como fator que produziu uma transformação nas maneiras de “aprender o mundo” e permitiram “pensar uma nação”. A sua sugestiva ideia de um “capitalismo editorial” é algo que leva a uma reflexão, uma vez que, tanto os romances, quanto os jornais se constituíram nos meios técnicos ideais para representar a comunidade imaginada da nação. Assim, por meio desse material impresso, a nação se converte numa comunidade, que recorre constantemente a uma história previamente selecionada. Os jornais passaram a veicular notícias de locais distintos em tempos variados, mas com uma contiguidade capaz de naturalizar a história e o próprio tempo. Todavia, esse processo não é externo às populações, que também tem suas “imaginações” e são capazes de morrer por elas, e o futebol moderno que chegou ao Brasil faz parte desse processo, a ponto de perder sua identidade inglesa e transformar-se numa marca da brasilidade.

As concepções de Anderson (2008) concedem um destaque especial ao papel da imprensa, em especial aos jornais no capitalismo, uma vez que permitiu as pessoas se relacionarem em números cada vez maiores, pensando sobre si mesmas e sua relação com os demais de maneiras singulares numa busca incessante de unir efetivamente fraternidade, poder e tempo. O

jornal passou a ser pensado enquanto um produto cultural, em que os fatos aparecem justapostos enquanto uma forma de livro vendido de maneira colossal com uma popularidade efêmera e uma obsolescência intrínseca aos bens duráveis.

As análises acerca desse capitalismo editorial mostram o lugar que os jornais passaram a ocupar nas sociedades atuais, em que as leituras são feitas “ora no silêncio da privacidade” ou ainda “nos escândalos do cérebro”, numa cerimônia repetida simultaneamente por milhares de pessoas reguladas pelo relógio. “Ao mesmo tempo, o leitor do jornal, ao ver réplicas idênticas sendo consumidas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginário na vida cotidiana” (ANDERSON, 2008, p. 68).

Assim, discutir o enredo que tornou possível a popularização dos clubes de futebol não seria possível sem antes considerar o lugar que a imprensa ocupa no cotidiano, bem como no imaginário das cidades e o reconhecimento de que o futebol está enraizado em nossa cultura, a ponto de nascer na primeira metade do século XX um gênero específico de crônica como a esportiva, marcada por uma relação de subjetividade e afetividade de seus escritores. O Diário da Borborema desempenhou um papel considerável ao apresentar certo significado para as conquistas do Campinense. Essa versão jornalística tomada de pontos de vista críticos aos acontecimentos e fortes descrições dos espetáculos esportivos, aparentando muita emoção, paixão e excitação, colaborou para que inúmeros clubes caíssem no gosto popular.

## **2.2 “Uma epopeia desportiva”: O Campinense e as primeiras conquistas oficiais**

A criação da Football Association em 1893 na Inglaterra, reunindo 26 escolas em Cambridge para normatizar as 14 regras que davam identidade ao futebol, concedeu a esse esporte características semelhantes as macrossociedades que o acolheram, ao instituir a presença do capitão do time, presidente de time, conselho disciplinar, confederações e para normatizar o esporte em âmbito estadual as federações de futebol. Algumas destas regras funcionam até recentemente como mecanismo para restringir comportamentos, haja vista que o esporte praticado inicialmente era marcado pela violência entre os participantes. A fundação dessas novas entidades no futebol gerou, desde cedo, contendas. A própria criação da FIFA no pós I Guerra Mundial, como entidade máxima do futebol do planeta, foi bastante conturbada, uma vez que países desenvolvidos como a Inglaterra não aceitavam a participação dos países vencidos no confronto.

As novidades elaboradas para o futebol chegaram aos mais longínquos lugares através da criação de ligas esportivas locais ou federações. No estado da Paraíba, desde 1947, a Federação Paraibana de Futebol vem organizando as competições estaduais, muito embora os primeiros confrontos tenham sido mediados pela Liga Desportiva Paraibana que organizou os primeiros 20 campeonatos estaduais, a partir de 1919, a Federação Desportiva Paraibana com 06 campeonatos, de 1941 a 1946, e a atual Federação Paraibana de futebol, que já organizou mais 63 campeonatos.



O Centro Esportivo Campinense Clube inscreve-se pela primeira vez num campeonato organizado pela Federação Paraibana de Futebol (FPF) no ano de 1960, campeonato que contou com a participação do Paulistano de Campina Grande, sendo os demais clubes da capital paraibana, o Botafogo, Estrela do Mar,<sup>27</sup> Auto Esporte, Comercário, Santos e Ibis. O campeonato foi disputado em dois turnos sendo que no primeiro turno, as duas equipes com pior desempenho seriam eliminadas, no segundo turno os seis clubes classificados iniciariam com zero pontos perdidos, ao final, os dois campeões dos turnos decidiriam numa melhor de quatro pontos o certame paraibano. A fórmula de disputa da competição, bem como a participação do Campinense, foi bastante questionada dentro do clube e na própria cidade, uma vez que a maioria das partidas seriam realizadas na capital do estado, dificultando financeiramente a participação de equipes locais.

A participação do clube, representado pelo seu departamento esportivo autônomo no estadual daquele ano, significou a vitória inicial dos partidários do futebol, dentro do clube social. Coube ao médico Gilvam Barbosa que desfrutava de larga experiência no futebol pernambucano, liderar o movimento de profissionalização do futebol, bem como a Edvaldo do Ó, então presidente, consolidar o empreendimento. Este último eleito com propósito de “revolucionar” a administração do clube, condição essa expressa em seu slogan de trabalho: “Administrar é ter coragem, mas, sobretudo, disposição moral para criar inimigos”. A presença de Edvaldo do Ó entre os segmentos industriais da

---

<sup>27</sup> Equipe campeã de 1959 e posteriormente foi desativada das competições oficiais.

cidade, concedeu à sua administração no clube uma maior visibilidade. A cobertura feita durante sua gestão foi intensa pelos meios esportivos, sendo a ele dedicados cadernos especiais que ressaltavam seu “dinamismo” e seu lado “empreendedor”.

Edvaldo foi atuante em diversos setores da sociedade local, integrou os quadros de empresas ligadas ao abastecimento de água, comunicação, ensino superior, enfim, o empresário-presidente conduziu os destinos do clube até o ano de 1963, conseguindo conciliar vitórias no campo esportivo, bem como o desenvolvimento do quadro de sócios, que até então contava com pouco mais de 200 participantes, ainda oriundos da geração dos fundadores e sócios proprietários. A ampliação do quadro de sócios foi fruto da necessidade de incorporar os grupos advindos do futebol que foram atraídos pelas possibilidades de lazer no clube social e a abertura social promovida por Edvaldo do Ó favoreceu inclusive a adesão ao clube de torcedores de outras agremiações.

A introdução das práticas esportivas num clube social de destaque na cidade fez-se com intuito de representar a cidade e colaborar para, em sua rede de sociabilidade, desfazer intrigas das elites locais sendo por isso chamado de “cadinho”, mesmo sendo verificados conflitos nas concepções que envolviam o próprio clube. Também propiciou o olhar atento dos anônimos moradores da cidade que, com as vitórias da equipe de futebol e através desse esporte, tornaram-se sócios do clube social e torcedores de suas jornadas.

Além do Diário da Borborema, os acontecimentos de destaque no sodalício eram descritos em outros informativos

como o “Jornal Aristocrático”, organizado por Evaldo Cruz, sócio e advogado do clube em questões de âmbito nacional, e que também foi prefeito da cidade em 1976. Neste ano já davam conta dos projetos empreendidos pelo departamento de futebol, que segundo suas palavras causariam impacto, sobretudo, nos meios esportivos da Paraíba, ao adotar altos salários e gratificações. E assim caminhou a agremiação entre as colunas do “Grand Mondeo e das páginas esportivas”. Nas colunas sociais, eram noticiadas festas como aquela intitulada “Uma Noite no Recife”, em que na programação artística os associados e convidados pernambucanos “abrilhantaram” os salões do mais elegante, seus organizadores apresentam seu exibicionismo ao ressaltar que: “Para dar uma ideia do que foi a repercussão no Recife desta festa, basta citar que o <lorde aéreo> transportou em dois voos especiais os visitantes convidados pelos organizadores” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 1960).

No mesmo ano, o pianista norte americano Joel Rosen, acompanhado do adido cultural do consulado norte-americano, realizou um concerto de músicas clássicas, executando números de Chopin, Haydin, Beethoven e outros nomes da música internacional. Em agosto do mesmo ano, foi apresentado pelo clube o espetáculo teatral “A Tupi está aqui”, do Rio de Janeiro. E numa noite de domingo do mês de agosto, apresentou-se a cantora Maysa, recém-chegada de uma “tournee” pelos EUA sempre acompanhando de perto pelo empresário Edvaldo do Ó.

A intensa atividade cultural do Campinense nos anos 60 torna possível compreender esse período como um momento áureo do clube. Contudo, era pelos campos do Brasil que o time

arregimentava seus admiradores, através das práticas esportivas com as garotas praticantes do voleibol, os rapazes do futebol de salão e principalmente com seu time profissional de futebol. As atividades empreendidas pelo campinense, fossem elas nos salões ou nos campos, eram recebidas como importantes eventos sociais, não raro as “senhoras finas” do clube eram conclamadas a vender ingressos das partidas visitando os ambientes comerciais da cidade ou, ainda, promovendo eventos beneficentes bem à moda dos clubes da elite. De qualquer forma, a retomada do futebol parece ter alterado o panorama esportivo da cidade, fazendo o jornalista apresentar o acontecimento da seguinte forma:

Disse repetidas vezes que o aparecimento do Campinense como clube profissional foi o acontecimento esportivo de mais evidência na última década, porque além de constituir-se numa força de realce no futebol nordestino, passou a obrigar os seus mais próximos rivais a uma ação mais positiva em determinadas circunstâncias. De vitória em vitória, o rubro - negro passou a ser cotado como competidor sério às pretensões trezeanas. E hoje divide com o <galo> as honras da liderança do nosso futebol. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 27 out. 1960, p. 05)

Permeando os argumentos do jornal, pode-se perceber a ruptura de uma situação de vitórias e títulos até então em poder do Treze<sup>28</sup>, na cidade de Campina Grande, fazendo com

<sup>28</sup> O Treze Futebol Clube foi fundado no dia 7 de setembro de 1925, seu fundador foi Antônio Fernandes Bióca também introdutor do futebol em Campina Grande. No ano de 1913, ele trouxe a primeira bola à cidade

que os torcedores do Campinense construíssem sua identidade a partir de uma oposição a um/outro. Na escolha de um clube para torcer estão envolvidos fatores como reforços identitários com familiares/amigos e as vitórias da agremiação, em suma, um complexo processo sócio-psicológico. A profissionalização do Campinense, com seu caminho inicial de sucesso, mostrou-se um importante fator para atrair seus primeiros torcedores. Ao ameaçar as pretensões trezeanas, estabeleceu-se um ambiente de rivalidade, conforme alertou o jornal, que fez com que um grupo passasse a existir tal como ele próprio se conhece em função da existência de um/outro.

As conquistas do Campinense acentuaram esse quadro de rivalidades que passou a envolver os bairros onde os clubes desempenhavam as suas práticas. Mesmo a notícia destacando a rivalidade com o Treze Futebol Clube, conhecido como o alvinegro do bairro de São José<sup>29</sup>, é preciso destacar a rivalidade do Campinense com outras agremiações como o América e, na década em questão, o Paulistano, para onde migrou parte dos dirigentes do Campinense.

O Campinense foi campeão invicto do I turno do campeonato estadual de 1960 na última partida contra o

---

e organizou um grupo de amigos que logo começou a praticar o novo esporte. Antes do Treze, Bióca fundou o High-life, que seria a primeira equipe de Campina Grande. A partir disso, outros clubes foram criados, como o América, o Palestra, que se tornaria Paulistano e o Campinense, que nesse primeiro momento só jogaria até 1919. O nome do clube "Treze" se deve ao número de sócios reunidos quando de sua fundação. Para maiores informações, ver a revista "1925 - 1975 Cinquenta anos de Futebol" (1975).

<sup>29</sup> O bairro do São José é onde está localizado o Estádio Presidente Vargas, de propriedade do clube alvinegro. O seu terreno foi uma doação do então interventor federal Argemiro de Figueiredo e foi inaugurado em 1939. Para maiores informações, ver a revista "1925 - 1975 Cinquenta anos de Futebol" (1975).

Paulistano, com vitória por 3 X 1, após sair de um resultado adverso ou conforme expressão conhecida no futebol, de virada. Finalizando o turno, ¼ dos gols que foram marcados no campeonato era do Campinense, num total de 28, conquistando sete vitórias, em sete partidas disputadas. Ao término do ano de 1960, o primeiro de disputas profissionais oficiais, o time registrou em 41 partidas disputadas, 28 vitórias, 6 empates e 7 derrotas. Levantando um troféu inédito para sua galeria, o de Campeão Paraibano de Futebol em 1960.

A conquista ocorreu com um mês de antecedência, numa competição que se prolongaria para o ano de 1961, encerrando-se no mês de Abril, mediante as dificuldades financeiras dos clubes, o que ocasionou as mudanças constantes de datas das partidas. A longevidade dessa competição fez com que a crônica esportiva caracterizasse o campeonato como "O Campeonato Tartaruga".

O sucesso obtido nos gramados também estava relacionado a implementação no departamento de futebol de alguns elementos marcantes do profissionalismo, tratados anteriormente como bons salários, política de gratificações ou o famoso "bicho". Além desses aspectos, é importante considerar a chegada ao clube de elementos que haviam tido no passado experiências marcantes no futebol brasileiro e mundial. Pode-se citar, neste último caso, a presença do treinador Húngaro Janos Tratay, que em 1959 foi incumbido de apresentar em amistosos ao nordeste brasileiro o mais novo scratch/quadro profissional de Campina Grande, o Campinense. A biografia desse comandante técnico é bastante significativa e reveladora acerca das singularidades do futebol. O "gringo", como era mais conhecido, nasceu na

cidade de Veszprém, em abril de 1922, sempre foi envolvido com o futebol, ora jogando amadoristicamente, ora admirando a arte e os mistérios desse jogo.

Sua chegada ao Brasil esteve relacionada à Guerra fraticida que atingiu quase toda a Europa em escala mundial. Sua trajetória foi apresentada num caderno especial produzido para o centenário da cidade, em que o Húngaro apresentou o ambiente que possibilitou sua chegada ao Brasil.

Lutei, em 1945, contra os russos e terminei ferido e hospitalizado na Alemanha. Depois da capitalização, então percorri quase toda a Europa na condição de refugiado. Entre 46 e 47 em Tyrol, na Áustria, fui instrutor na seleção militar francesa que ocupava parte do território austríaco (dividido em quatro partes pelas forças de libertação). E ainda tive o ensejo de dirigir na própria Áustria, o Linz [...]. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 13 out. 1964, p. 05)

É importante considerar que os ventos que trouxeram Tatray para o Brasil, em especial para Campina Grande, também conduziu outra leva de esportistas húngaros que vislumbravam no futebol uma possibilidade de superação para suas dificuldades. O país, durante os anos iniciais da Guerra Fria, conheceu o despontar do esquema tático 4-2-4<sup>30</sup>, idealizado

<sup>30</sup> No esquema tático do 4-2-4, o goleiro deixava de ter função limitada à sua área trabalhando como um líbero, saindo várias vezes da área. Os demais atletas possuíam grande mobilidade, executando funções inclusive quando estavam sem a bola, tornando-se um protótipo do “futebol total”, em que todos os jogadores atacavam e ao mesmo tempo defendiam. O esquema ajudou a Hungria a derrotar a Inglaterra por 6 X 3 em Wembley, num momento bastante conhecido na história do futebol mundial, presenciado por 100 mil torcedores, quebrando uma invencibilidade de 90 anos dos britânicos. Cf. FRANCO JUNIOR, 2007.

pelo treinador húngaro do MTK de Budapeste, Marton Bukovi, e aprimorado na seleção húngara, comandada pelos dirigentes do Partido Comunista, que então fazia do futebol um instrumento de propaganda e luta contra o capitalismo. Entre 1948 e 1949, todos os clubes de futebol da Hungria foram nacionalizados, com objetivo de impedir a contínua emigração de indivíduos para países da Europa Ocidental para trabalhar como futebolistas.

Em 1953, Janos Tatray chegou ao Rio de Janeiro, onde foi apresentado ao mundo esportivo brasileiro. A receptividade que obteve no país certamente esteve relacionada ao destaque dessa escola húngara de futebol que, nos gramados, não poupou da derrota nem a seleção brasileira e, mesmo recebendo propostas de equipes renomadas do sudeste como o Bangu, preferiu o Nordeste do país. Em 1956, levou o Auto Esporte (PB) a uma importante conquista estadual frente ao Botafogo (PB), quebrando uma longa sequência sem vitórias. Em 1957, é contratado pelo Treze de Campina Grande, inaugurando uma fase que ficou conhecida como “Fase de Ouro do Galo”. Em 1959, chega ao Campinense, juntamente com os desportistas Raiff Ramalho e Buarque Gusmão, montando uma grande equipe de profissionais. Tatray era adepto do futebol “científico” e disciplinado praticado pela Hungria, e com sua colaboração no departamento esportivo do rubro-negro foi montada a base de uma equipe, que a priori abriria caminhos para a conquista de seis campeonatos consecutivos.

O campeonato de 1960 deu o passaporte para que o Campinense disputasse a Taça Brasil, sendo o primeiro clube paraibano a disputar uma competição nacional e o Torneio Pernam-



bucu-Paraíba. A partida envolvendo Campinense X Treze pelo torneio teria sido a primeira em que as duas equipes disputaram em situação de profissionalismo, terminando empatada em 1 X 1, tendo Géó marcado pelo rubro-negro e Nogueira pelo alvinegro. Neste torneio também marcou presença o Santa Cruz (PE) e o Clube Náutico Capibaribe (PE).

Gradativamente, as referências ao time dos aristocráticos nas páginas esportivas vão sendo substituídas por expressões como o “clube cartola” ou “clube raposa”. Neste último caso, uma referência ao mascote do clube. A ideia folclórica de uma raposa deve-se a predileção do animal em consumir “galo”, mascote de seu rival. A mesma foi idealizada por Evaldo Cruz, ex-prefeito da cidade na década de 70. Um dos argumentos apresentados pelos diários para as conquistas do clube, em 1960, recaiu mais uma vez na ideia de supremacia do futebol da cidade aliada a inferioridade do futebol da capital em relação a verdadeira “capital do futebol” paraibano, Campina Grande, ou ainda a ausência de equipes como o Treze, no certame, que neste ano discordou dos termos da disputa atribuindo a não participação ao predomínio de clubes de João Pessoa, o que segundo seus dirigentes tornava a disputa desleal.

Em sua segunda participação no certame estadual, o clube raposa marcou estreia contra o Santos da capital, no estádio Plínio Lemos, vencendo pelo placar de 9 X 1. Neste cenário de vitórias, notamos mais um elemento importante para a popularização do time do Campinense: a presença marcante do rádio, que no quesito esportes impulsionou o público a ir aos estádios, principalmente por se considerar que o crescimento

do futebol no país esteve relacionado a sua difusão. Além da cobertura do rádio, que acompanhava a agremiação em todas as partidas, inclusive fora do estado, o Campinense possuía um programa próprio no mesmo grupo dos Diários Associados, no qual noticiava o futebol e a vida no sodalício, diariamente às 12h20min. A exemplo das promoções realizadas pelo Centro Esportivo Campinense Clube para seus torcedores, as quais não se resumiam apenas às partidas de futebol, ainda na gestão Edvaldo do Ó, o jornal realizava a propaganda das principais atividades do Campinense, como na visita do maestro Strichazu.

Visando proporcionar bons momentos à sua torcida, patrocinará hoje às 19 horas e 30 minutos uma apresentação do famoso maestro Charles Strichazu, no Estádio Municipal Plínio Lemos. O fenomenal músico Frances de nascimento e residente nos EUA é detentor do instrumento musical Theremin, que transmite e movimenta cordas vocais através de radar. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 27 set. 1961, p. 02)

Certamente, essas apresentações culturais no Estádio Municipal Plínio Lemos seriam um mecanismo para popularização do clube, que em outras ocasiões disponibilizou para os torcedores apresentações de piano e flauta doce. Essas atividades eram comuns na gestão Edvaldo do Ó, que também promoveu mudanças nos termos do estatuto do clube, que passou a proibir tanto o debate político quanto as manifestações de caráter religioso. Considerando essas alterações no fazer cotidiano do clube, talvez se possa pensar que o futebol terminou por se prestar a múlti-

plas apropriações no rubro-negro aparecendo como esse idioma comum que mediava um amplo debate entre diferentes grupos que almejavam um lugar de destaque no clube e na cidade. Não apenas no mundo esportivo, as partidas do Campinense foram transformadas num grande evento social, com palanque político, ampla cobertura pela imprensa, atividades culturais abertas ao público, desfiles pelas ruas da cidade e carnaval na sede do clube. O departamento de futebol no Campinense tornou-se um terreno fértil para as disputas entre diferentes tradições, práticas e projetos sociais, que não se encaixava com tanta facilidade nas imagens harmoniosas veiculadas sobre o clube pelo jornal.

Um exemplo sintomático foi a passagem polêmica, porém vitoriosa, do economista Edvaldo do Ó pela presidência do clube. As mudanças empreendidas no futebol do clube propiciaram a migração de dirigentes do rubro-negro para outras agremiações. Dentre as mudanças propostas, a mais visível esteve relacionada ao tratamento dado aos atletas, que costumavam receber multas de até 60% em seus vencimentos quando o desempenho da equipe não era satisfatório ou ainda seus exercícios físicos, que variavam dos aquecimentos no gramado de jogo e não nos vestiários como de costume, aos seus treinos coletivos realizados às cinco horas da manhã, no dia da partida.

As concepções lançadas no mundo do trabalho também chegaram ao esporte e partiram da premissa de que apenas poderiam obter o máximo dos atletas se lhes oferecessem melhores condições de trabalho e “apoio humanitário” nos momentos difíceis. A ruptura com a antiga filosofia esportiva do departamento veio com a eliminação prematura da equipe na Taça Brasil e a

chegada do técnico gaúcho, Álvaro Barbosa<sup>31</sup>, estudioso do futebol e que usava os pressupostos da psicologia no plano esportivo.

E foi sob o comando de Barbosa que veio a conquista da primeira vitória, no clássico da cidade, numa competição estadual sobre o Treze, após uma sequência de 20 partidas com inúmeros empates entre as equipes e vitórias pró-alvinegros. Vencer o maior rival no campeonato de 1961 significava ainda interromper a invencibilidade do adversário nas partidas do I turno, impedindo a conquista direta do certame estadual, sem a necessidade de uma disputa final numa série de três partidas consecutivas, conhecida como "a melhor de três". A vitória veio no estádio Presidente Vargas, território do adversário. Essa partida em especial foi apresentada como um "duelo de gigantes", termo que seria substituído posteriormente por "clássico dos maiores".

Os diretores e torcedores do Campinense Clube promoveram verdadeira festa domingo à noite e ontem em regozijo ao sensacional triunfo contra o Treze, no jogo de gigantes do futebol paraibano. Logo após a partida, a torcida invadiu o campo e carregou nos braços os atletas e o técnico Álvaro Barbosa, o que foi complementado à noite com um carnaval em miniatura realizado à Rua Cardoso Vieira. Enquanto isto, os diretores do Campinense promoveram um banquete improvisado na sede do clube à Praça Coronel Antônio Pessoa.

---

<sup>31</sup> Álvaro Barbosa era conhecido por ser adepto do esquema tático WM. O "WM" dominou a Europa durante cerca de duas décadas até que Puskas e companhia, na magnífica equipe "magiar", a Hungria dos anos 50, apresentaram o 4x2x4 pela primeira vez.

(DIÁRIO DA BORBOREMA, 17 out. 1961, p. 05)

Ao compreender o futebol como um aspecto da vida, Hilário Franco Júnior (2007) considera esse esporte como um meio de reprodução simbólica do corpo social, passando a fazer parte da lógica de um clube seu reconhecimento por parte dos congêneres, ao mostrarem todo seu poder em que as vitórias esportivas não são os objetivos últimos, pois se transformam em instrumentos privilegiados para o fortalecimento da imagem do clube. Por isso a presença nos jornais de imagens megalômanas tanto para os acontecimentos relacionados ao Campinense quanto ao Treze, que ao protagonizar um “clássico dos maiorais”, no futebol paraibano, diferenciavam-se de outros clubes da capital.

Quanto à conquista do campeonato, seria necessário ao Campinense vencer as últimas partidas do retorno e disputar “a melhor de três” com seu maior rival. E assim conseguiu. Derrotou o Auto Esporte, pelo marcador de 4 X 1, no estádio Olímpico em João Pessoa. Nessa partida, o árbitro perdeu a noção de tempo e encerrou a primeira etapa aos 56 minutos de bola rolando; derrotou o Paulistano por 2 X 0; derrotou o Santos da capital por 2 X 1. E se quanto mais próximas geograficamente as torcidas e mais afastadas da imagem social que se atribuem, mais conflituosa a convivência entre elas, alvinegros e rubro-negros passaram a protagonizar uma rivalidade que extrapolava os campos de futebol e envolvia os próprios dirigentes. Num campeonato em que a última partida da melhor de três terminou com a vitória rubro-negra por 2 X 1, era a conquista do bicampeonato, em cima do seu maior rival.

A maneira como a comemoração pela vitória é apresentada ao final do campeonato de 1961 mostra como o futebol se tornou uma festa profundamente ritualizada, que mesmo apresentando elevado teor de tensão entre seus participantes é capaz de envolver a sociedade.

A torcida rubro-negra conduziu nos braços os craques campeões. Antes do apito final do juiz, os fogos já marcavam a conquista do título – Atletas e torcedores emocionados choraram de alegria – festa no estádio, nas ruas e no clube (...) A pequena, (Domingo até que era grande) porém heróica, torcida rubro-negra vislumbrou, com incontida satisfação, o novo título conquistado pelo seu quadro, o que não parecia fácil antes da <melhor de quatro pontos>-sabendo-se que o seu adversário seria o Treze Futebol Clube quadro afeito a grandes batalhas (...) Terminado o sensacional encontro, a torcida da <raposa> não se conteve: invadiu o campo e foi ao encontro aos seus heróis. Zezinho Ibiapino, Cazuza, Braga, Preta, Salomão, Tonho Zeca e todos os demais campeões eram abraçados e carregados para o vestiário pelos aficionados do clube da Praça Coronel Antônio Pessoa. Foram momentos de viva emoção, tanto para a torcida rubro-negra, para aqueles que diretamente participaram das emoções, como para aqueles que observavam toda aquela onda de satisfação. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 12 dez. 1961, p. 05)

A notícia concebe a partida um caráter guerreiro, que transparece em alguns indícios, como ao referir-se ao Treze como

“um quadro afeito a grandes batalhas” e assim são denominadas as partidas entre Campinense e Treze, “uma verdadeira guerra”, com direito a artilheiro, que conforme a emoção do gol, pode ainda ser um “matador” ou “carrasco” para o adversário. As referências bélicas no futebol também se apresentam nas transmissões esportivas que costumavam apresentar o ambiente onde a partida acontecia de arena, cercada por escudos, bandeiras, gritos de guerra dos torcedores e hinos.

No início de 1962, o Botafogo da capital paraibana foi convidado para o jogo de entrega das faixas de campeão do estado de 1961 ao Campinense, sendo que nenhum “apitador”<sup>32</sup> da cidade queria aceitar a tarefa de mediar a partida, em virtude das sucessivas agressões de que haviam sido vítimas esses profissionais no Estádio Olímpico, uma vez que “quase todos eles já apanharam dos torcedores, técnico e mesmo da polícia da progressista capital do estado” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 13 jan. 1962). A notícia apresentada com ironia pelo jornal aparecia com certa frequência nos noticiários esportivos, que apresentavam certa desconfiança, principalmente quando de decisões com o Botafogo da capital. Mas, na própria cidade de Campina Grande, eram comuns as denúncias de atletas escalados irregularmente, jogadas violentas e até pancadaria entre os dirigentes. Essas informações de que o futebol intensificara os “embates entre torcedores e dirigentes” e que “promovia pancadarias” continuavam a ser os argumentos daqueles que não aceitavam o futebol dentro do clube, enfim, por ter o esporte perdido seu perfil de jogo da elite, evidenciado no despreparo dos participantes do evento.

<sup>32</sup>A reportagem chamava de apitador os árbitros de futebol.

As partidas que envolvem clubes da capital e do interior do estado, principalmente, são recheadas de polêmicas de todos os lados, apresentando denúncias de que até os policiais terminam torcendo como qualquer expectador, alimentando um sentimento presente nos estádios de futebol: o bairrismo. Por outro lado, a rivalidade exacerbada entre os principais clubes da cidade já era apontada como um fator para um possível esvaziamento do nosso espetáculo,

Lembrem-se, senhores e diretores, de que um exemplo do resultado dessa desconfiança mútua, dessas incompreensões, está estampado bem claro e bem próximo: o exemplo de João Pessoa. Lá a torcida foi se aborrecendo com decisões erradas, foi se divorciando de confiar nos dirigentes e o resultado nós conhecemos. Lembrem-se de que rimos muito do futebol pessoense e poderemos, se o clima continuar sendo o mesmo, derramar lágrimas pela nossa própria miséria. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 20 fev. 1962, p. 05)

O alerta feito pelo jornal, movido pela divergência entre Treze e Campinense na polêmica escolha do árbitro para condução de mais uma partida, teria para a cidade um efeito lamentável, haja vista que contrariava os destinos de uma cidade, que entre tantas “vocações” apresentava mais uma para os esportes. Porém, os últimos incidentes entre as equipes já expressaram a existência de uma “Guerra Fria” no futebol de Campina Grande, alertavam os jornais, mesmo assim essa rivalidade era alimentada pela própria imprensa.



Podemos pensar que a participação efetiva do Campinense no futebol do estado, a partir de 1954, modificou o cenário esportivo local, sendo alguns acontecimentos bastante significativos, como a vitória por 2 X 1 do Campinense sobre seu rival, quando sequer participava de competições estaduais. Isso terminou por encorajar seus dirigentes a profissionalizarem em definitivo a agremiação, defendendo o argumento de que chegara ao fim a fase de um só “mandão” no futebol de Campina Grande e que o Campinense Clube dali por diante viera para quebrar essa escrita<sup>33</sup>. De fato, o time movimentou o futebol nordestino, ao tornar-se seis vezes consecutivas campeão estadual, feito até então sem equivalente nas circunstâncias em que ocorreu, com o clube disputando pioneiramente uma competição. Até que ponto esses títulos conquistados pelo Campinense, de 1960 a 1961, podem ser expressos em número de torcedores? Não há como precisar ao certo, mas pode-se destacar que o clube adquiriu capital moral para influenciar gerações de torcedores, que passaram a sustentar o prestígio do clube conquistado em um momento que alguns sequer haviam nascido.

É pensando na fidelidade do torcedor, a partir dessa longa sobrevivência psicológica de triunfos passados, que Hilário Franco Júnior (2007) apresenta situações de clubes que passaram décadas sem títulos, mas mantiveram-se populares, como é o caso do Corinthians paulistano, que passou 22 anos sem uma conquista estadual, mas seus torcedores continuaram a crescer, ou o Flamengo carioca, que mesmo oscilando campanhas negativas nos últimos 15 anos, correndo risco de rebaixamento, não

<sup>33</sup> Cf. REVISTA COMEMORATIVA DOS 60 ANOS DO CAMPINENSE CLUBE, ano I, n. 1, 12 abr. 1975.

teve seu posto de maior torcida do país abalado. Também foram verificadas semelhanças com o próprio Campinense, que vem registrando um aumento considerável no número de seus torcedores, num momento bem diferente de sua fase inicial, quando em uma década conquistou seis títulos, mas, ao contrário, manteve seus torcedores, mesmo após um jejum de 11 anos sem um título estadual, interrompido pela conquista estadual de 2004.

Nesse retrospecto de conquistas no ano de 1962, o Campinense atravessou uma excelente fase técnica, bastando dizer que chegou a 25 partidas sem conhecer uma derrota, e em pouco mais de um mês conquistou dois torneios, o de inauguração dos refletores do Estádio da Graça e o Paraíba - Rio Grande do Norte. Foi ainda vice-campeão do Pernambuco-Paraíba, além da participação em amistosos interestaduais realizados com equipes como Esporte de Recife, o Ipiranga da Bahia e o Globo Esporte de Natal, equipe que lhes tirou a invencibilidade. Essa última equipe era na ocasião líder do campeonato Norte Rio Grandense, do Globo de Natal chegou ao então bicampeão paraibano o atleta José Ireneo, meia-direita conhecido habilidoso, que em sua exibição primeira na cidade e última pelo globo, viu o Campinense devolver a derrota sofrida com uma goleada de 5 X 0.

Na campanha pelo tricampeonato de 1962, o Campinense inicia a competição contra o União da capital, também conhecido como o time da gráfica que, no dia 20 de agosto, no estádio municipal, é goleado por 6 X 2, marcando pelo Campinense, Zé Luís (02 gols), Chiclets, Zeca, Araponga e Zezinho. Era uma equipe de destaque: o atacante Chiclets chegou a ser considerado

o melhor atacante do futebol nordestino, sendo cobiçado por grandes equipes do futebol brasileiro. Foi transferido durante o campeonato paraibano para a Portuguesa de Desportos (SP), a transação foi estipulada em três milhões de cruzeiros. Fez sua estreia na equipe paulista contra o Santos, que tinha como principal ídolo o jovem Pelé. Chiclets, além de jogador, era funcionário público de carreira, em sua nova equipe foi batizado de Moraes. Em depoimento ao jornal o “Dia” do Rio de Janeiro, que teve como título da matéria “Revelação de Campina Grande, esperança da Lusa”, Moraes ressaltou a importância do Campinense em sua trajetória como atleta, sobretudo pela escola da disciplina representada pelo clube raposa.

A estrela de “Chiclets” ou “Moraes” brilhou fora dos gramados paraibanos. Em seu jogo de estreia contra o Santos, no Pacaembu lotado, comandou a vitória da lusa por 2 X 1, fazendo o primeiro gol da partida e quebrando uma longa invencibilidade do Santos, que naquela ocasião jogava na linha frontal com Pepe e Pelé. Outros atletas do clube também foram disputados por outras agremiações, a exemplo de Araponga, disputado pelo Botafogo, pelo Flamengo do Rio de Janeiro e pelo Sporting de Portugal, ou até mesmo Zé Luiz<sup>34</sup>, que também foi transferido para o futebol paulista, tendo uma carreira de sucesso na Lusa. Há também aqueles que vieram de outros centros nordestinos como o famoso centro-avante Zezinho Ibiapino, que já pertenceu ao Treze e depois ao Náutico do Recife, ao Ceará, antes de ser transferido para o Campinense.

---

<sup>34</sup> Foi vice-prefeito de Campina Grande nas gestões do prefeito Veneziano Vital do Rêgo (2004-2012).

Nesse mesmo ano, o clube participa mais uma vez da cobiçada competição nacional, Taça Brasil e, após vencer adversários como ABC de Natal e CRB de Alagoas, ganhou o direito de jogar no estádio da Fonte Nova (BA), enfrentando o Bahia, conhecido como “Esquadrão de Aço”. Na primeira partida fora de casa, vitória dos baianos, por 1 X 0, gol de Didico. Mesmo assim, ao final da partida, o time do Campinense foi amplamente aplaudido pelos torcedores adversários, sobretudo pelas defesas do goleiro Augusto. Na partida de volta, em Campina Grande, o rubro-negro quebrou a invencibilidade de 52 partidas do Esporte Clube Bahia, assinalando dois gols de Zezinho e Araponga, ganhando o direito de disputar uma partida extra, já que houve uma vitória para cada lado, o Campinense jogaria pelo empate.

Os lances dessa última partida foram mostrados de maneira detalhada e com ares dramáticos<sup>35</sup> nos periódicos locais, uma vez que o Bahia partiu na frente, marcando com Hamilton aos 18 minutos e, apenas ao término do segundo tempo, Araponga marca e empata a partida. O gol veio num momento em que o atleta rubro-negro Zé Preto fora expulso, mediante o suspense dos minutos finais da partida, que chega à prorrogação de dois tempos de 15 minutos. A descrição da partida feita pelo

---

<sup>35</sup>Quando um jogo exige aplicação de conhecimentos, habilidades, coragem e força maior, a tensão entre os que a ele assistem, e quanto mais intensamente for vivido pelo indivíduo, mais rapidamente fará parte da civilização. O vencedor conquista honrarias, beneficiando o grupo ao qual o vencedor pertence, fazendo com que o êxito passe do indivíduo para o grupo. O objetivo pelo qual jogamos e competimos é a conquista das vitórias, e quando esta vem é sempre acompanhada de inúmeras formas de aproveitá-la, a exemplo da celebração do triunfo por um grupo, com grande pompa, aplausos e ovações. Essas considerações nos ajudam entender as celebrações pelas conquistas do Campinense. Cf. HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

jornal leva a pensar que na plateia, assistindo à partida, estariam os torcedores de Campina Grande e não apenas do Campinense.

Aqueles milhares de torcedores só voltaram ao seu estado normal, depois do pesadelo de 30 minutos, quando o juiz Cláudio Magalhães trilou o seu apito. Toda a gigantesca torcida explodia, transformando a saída dos craques do gramado num autêntico carnaval. Atletas e torcedores choravam de alegria; estava desclassificado esse que é considerado o maior clube de futebol do Norte-Nordeste do país e que se chama Esporte Clube Bahia, de Salvador (...). Essa é a história da epopeia em que o Campinense Clube, de Campina Grande, derrubou da Taça Brasil o Gigante Esporte Clube Bahia. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 13 nov. 1962, p. 05)

Competições como a Taça Brasil confrontavam os clubes inicialmente por chaves regionais e colaboravam para desenvolver laços desses com as cidades que representavam. Certamente essa deva ser a razão da ênfase da notícia, não como a vitória do Campinense Clube, mas do “Campinense de Campina Grande”, a ponto de unir temporariamente torcedores de outras agremiações. A campanha no estadual rumo ao tricampeonato e na Taça Brasil, em que se tornou vice-campeão do norte-nordeste, foi recebida com entusiasmo por uma plateia esportiva, carente de lazer e conquistas. Se na campanha pelo Tri o Treze venceu de forma invicta o I turno, no segundo turno foi a vez de o Campinense repetir o feito protagonizando mais um encontro emocionante entre as duas equipes, em que o rubro-negro vence

por 2 X 1, marcando Ireneu e Ibiapino, pelo Campinense, e Lelé, pelo Treze. Aos 42 minutos de segundo tempo, o goleiro Augusto (que já havia experimentado um tetracampeonato em Sergipe) defende uma penalidade máxima cobrada pelo atleta trezeano Milton, no dia 21 de abril de 1963, no estádio municipal Plínio Lemos. Neste mesmo ano, o goleiro Augusto foi negociado com o Santa Cruz de Recife e Moraes transferido para o Fluminense do Rio de Janeiro.

Enquanto pelos campos do Brasil o Campinense conquistava títulos e resultados expressivos nas competições nacionais, os dirigentes do departamento de futebol destacavam através de notas na imprensa a garra da torcida, em especial dos mais humildes torcedores suburbanos, "que com seus gritos alucinantes, superavam toda a multidão contrária", chegando inclusive a fazer uma gozação em que afirmavam que o centroavante Ibiapino mudaria seu nome para I-TRI-APINO, por ser autor de um dos gols da vitória na conquista do Tri campeonato. Ao mesmo tempo, a vida no clube mantinha-se intensa. Nos seus salões, grupos políticos da cidade preparavam homenagens ao empresário Newton Rique, chegando a promover na sua posse como prefeito da cidade, a vinda da campeã do carnaval carioca, Acadêmicos do Salgueiro, para um desfile nas ruas da cidade e salões do clube.

Um aspecto marcante da campanha pelo tricampeonato foram as imagens da recém-inaugurada TV canal 6, que apresentou em forma de filme os lances do tricampeonato de futebol e as festividades do aniversário da agremiação naquela ocasião. Esse título foi bastante comentado por ter sido apresentado como

uma conquista de “Campina Grande através do Campinense” equiparando um feito antes realizado apenas por “João Pessoa através do Botafogo”. No dia 21 de outubro de 1963, a TV Borborema, canal 4, estava no ar em caráter de experiência, e pela primeira vez uma partida de futebol foi televisionada na cidade, um clássico Treze e Campinense, que teve um placar final de 1 X 1. Essa partida foi realizada no estádio Presidente Vargas do Treze, e teve portões abertos, como parte da programação dos festejos do pré-centenário de Campina Grande.

Para as conquistas subsequentes do clube, uma importante alteração no panorama político foi registrada: a eleição do jovem, e ainda estudante universitário de Direito, Lamir Mota, uma das figuras mais emblemáticas do futebol paraibano e do Campinense Clube, conhecido nos meios esportivos locais pelos embates realizados contra a Federação Paraibana de Futebol. Chegou a romper com a entidade e participar de uma “liga pirata”, com calendário paralelo nos anos 70. Foi eleito com uma maioria surpreendente de votos na agremiação. Dos 70 sócios aptos a votar, recebeu 67 votos. Sua eleição foi uma surpresa para os meios esportivos, uma vez que o candidato natural do clube seria o médico Firmino Brasileiro. Com “Dr. Lamir”, como era conhecido na imprensa, o futebol se consolidava em definitivo no sodalício fundado por bacharéis, para o lazer e a promoção cultural das elites da cidade. Sob seu comando, o rubro-negro conquistou 31 títulos em diversas modalidades, futebol profissional, categorias de base, futsal etc.

Com a chegada de Lamir Motta<sup>36</sup>, inicia-se a campanha pelo tetracampeonato paraibano, o terceiro consecutivo em cima do seu maior rival, em pleno estádio Presidente Vargas. Num jogo que ao término os atletas do Campinense fizeram questão de pagar suas promessas, Nogueira andou de joelhos até a concentração do Municipal no I andar e Cocó foi a pé do campo do Treze ao do Campinense. Enquanto isso, os torcedores já haviam encomendado com antecipação as faixas, nas quais estava escrito; “Campinense Mais Uma Vez Campeão”. Esse comportamento exibicionista é bastante marcante nas atitudes dos torcedores de todos os times, como também no Campinense, que faz questão de insultar seus adversários de diversas maneiras como ridicularizando seus mascotes, fazendo paródias ou mostrando a certeza de uma vitória. O futebol passa a ser para eles pretexto para a autoglorificação, inclusive nos momentos que antecedem uma partida, mesmo que a torcida adversária ainda não esteja presente, as bandeiras, os gritos, as coreografias a exibição de uma faixa confeccionada com antecedência, conforme noticiou o jornal, compõem um espetáculo que a torcida oferece também a si mesma.

---

<sup>36</sup> Em depoimento concedido, Lamir Mota, fez questão de informar “que sempre foi de direita”, seu irmão Luís Mota foi interventor da cidade no período militar. Economista e formado em direito na Católica de Pernambuco, fez cursos na ESG e era acionista do Jornal do Comércio em Recife, que realizava a cobertura da vida social do campinense. No campo administrativo esse mandatário esteve à frente das conquistas do tetra, penta e hexa campeonato, é com ele que o clube recebe a determinação da extinta Confederação Brasileira de Desportos para optar ou pela denominação Campinense Clube (clube social), ou Centro Esportivo Campinense Clube (departamento de futebol), e em Dezembro de 1962, desaparece o então CECC e prevalece a nomenclatura mais antiga, Campinense Clube, que identifica o time até os dias atuais.



### 2.3 Um campeonato para Campina Grande: É Penta...

As conquistas futebolísticas do Campinense nos anos 60 não podem ser compreendidas como externas aos caminhos seguidos pela cidade de Campina Grande, que vinha ao longo do século XX, reunindo alguns elementos necessários ao gosto exacerbado pelos esportes como uma população heterogênea vinda de localidades diversas, sem laços estabelecidos com a cidade; presença de imigrantes europeus atraídos pelo movimento das ferrovias, que praticavam o futebol nas horas de lazer e se constituíram num importante elemento de propagação do esporte; influência cultural inglesa nos jovens estudantes de famílias abastadas; existência de veículos de comunicação como rádio, jornal e posteriormente televisão, que ajudaram a propagar as atividades futebolísticas de um clube que já vinha embalando a vida social da cidade desde 1915, quando Campina Grande tinha pouco mais de 10 mil habitantes.

Somado a esses elementos, acredita-se que as conquistas contínuas foram outro importante elemento para a popularização do clube. Essas conquistas adquiriram significados expressivos pela maneira como aconteceram e foram narradas pela imprensa e apresentadas com heroísmo pelas ondas do rádio ou pelas páginas do jornal. Neste contexto, a campanha pelo penta campeonato foi sintomática, afinal de contas aconteceu no ano em que a cidade de Campina Grande completaria seu primeiro centenário, quando ocorria um redimensionamento das imagens que vinham projetando Campina como cosmopolita e industrial, deslocando a batalha não apenas para outros campos da economia,

mas também simbólicos e culturais e o futebol também participa dessa redefinição. Em 1964, a comissão do centenário da cidade presidida pelo parlamentar Vital do Rêgo, responsável pelas comemorações do aniversário de Campina Grande, idealizou um torneio entre as principais equipes do futebol nordestino, com abertura marcada para o Estádio Municipal Plínio Lemos.

Além das equipes locais, foram convidados o Fortaleza (CE), o Bahia (BA), Náutico (PE), ABC (RN) que desistiu logo em seguida, entrando em seu lugar o Botafogo (PB), Confiança (SE), CRB (AL). O torneio ficou conhecido como “Torneio Centenário” e foi vencido pelo Náutico (PE). O torneio, juntamente com algumas partidas amistosas, serviu de preparação para a campanha do penta, que começou com a contratação dos dois melhores atletas da capital, o centro-médio, Janca e o meia-esquerda Coca Cola.

O primeiro título do clube no ano do centenário da cidade foi o de campeão do Torneio Início do Paraibano, competição curta, que sempre antecedia os campeonatos organizados pela FPF. O bom desempenho era destacado em números, basta dizer que dos oito gols assinalados em tempos normais, os rubro-negros marcaram sete. No futebol amador, a “raposinha”, nomenclatura das categorias de base, sagrou-se campeã do esporte amador na cidade.

A imprensa regional registrava os caminhos percorridos pelo clube Campinense e a curiosidade que gerava nas cidades onde era convidado a jogar, como em Arcoverde, onde foi recebido com festa, para as duas partidas de inauguração da praça de esportes local. Na ocasião “Arcoverde decreta feriado municipal

na estreia do Tetra Campeão”, noticia o Diário da Borborema de 11 de setembro de 1964. Não apenas no futebol, mas nas outras atividades esportivas, o clube vinha se destacando, como o vôlei e o futebol de salão, modalidade em que se apresentava como um dos melhores da cidade.

A marcha pelo pentacampeonato teve como pontapé inicial o enfrentamento do Campinense com o União e o Red Cross, num momento em que a imprensa classificava o futebol do time como “coreográfico”, ou mesmo “futebol-arte”. Para esta campanha, o clube contratou atletas, que vestiram a camisa do Confiança de Sergipe, e se destacaram na Taça Brasil, como Ruitter e Tícarlos. Mais uma vez, o I turno do campeonato foi vencido pelo Treze, e o segundo turno se mostrou difícil para o Campinense, pois a maioria das partidas que disputaria seria fora de seus domínios. Mesmo assim, inicia o retorno vencendo o União, considerada a melhor equipe da capital, a 5 de agosto, e até goleando, num dia que, segundo o DB “não muito inspirados, os atletas do Campinense goleiam o Red Cross por 11 X 0”, não sendo maior o placar porque o Red Cross se retirou de campo, antes do término da partida.

No ano de 1964, o rubro-negro havia realizado 61 jogos, vencido 38 partidas, obtido 13 empates, sofrido 10 derrotas, marcando 163 gols, sofrendo 74 e ficando com saldo positivo de 89 tentos. A partida final aconteceu no estádio municipal Plínio Lemos e já com o Jornalista Joselito Lucena no comando do departamento esportivo do Diário da Borborema. A partida final contra o Treze aconteceu no estádio municipal Plínio Lemos, com o alvinegro do São José saindo na frente do placar:

Coube a Zé Luiz o gol da vitória, mas quem saiu na frente foi o Treze, com Adeildo aos 15', com o gol de empate. Ainda na comemoração, Zé Preto foi expulso, mas 'com dez o campinense foi mais time que com onze. Superou a si mesmo. Endiabrou-se. Tomou conta da partida. Contaminou todo mundo. Deu cores mais dramáticas à conquista e, finalmente com gol de Zé Luiz, aos 20 minutos da etapa final, recebeu o justo galardão do – PENTA CAMPEONATO. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 09 fev.1965, p. 05)

A mesma notícia apontou o trabalho do técnico Astrogildo Nery como importante para a conquista, destacando-o como “o dedo mágico que salvou o time na hora H” da competição, e ainda apresentou a reação da plateia diante dos “onze jogadores do Centro Esportivo Campinense Clube” que concluíram a batalha, com “aplausos e lágrimas”, naquela “noite fria de 08 de fevereiro”, no estádio municipal Plínio Lemos, em 90 minutos de pura emoção. O término da partida e o regozijo dos torcedores marcou o início do carnaval de 1965.

Os torcedores, conforme os relatos da imprensa, sequer acreditavam numa reação como a que foi presenciada ante a inferioridade numérica de jogadores e ante o resultado adverso do marcador. Também mereceu destaque a comemoração dos simpatizantes do clube “bacharel Odimar Agra, que ao primeiro tento do Campinense, bateu com a cabeça na marquise da arquibancada, desmaiando. Mais tarde foi visto na Praça da Flórida sambando animado ao som de uma escola de samba” (DIÁRIO DA BORBOREMA, 14 fev. 1965).

O caderno especial trazendo a campanha que culminou com a conquista do penta campeonato trouxe ainda algumas partidas importantes que ajudaram o clube a ganhar notoriedade na cena esportiva da Paraíba como; A partida contra o Flamengo do Rio que, apesar de contar com três ou quatro jogadores de destaque da seleção nacional não foi além de um empate em 2 X 2, marcado por Géo do Campinense e Dida pelo clube carioca; o empate em 0 X 0 com o Botafogo do RJ, quando Augusto praticou “a maior defesa de sua vida”; 15 de outubro de 1961, a primeira vitória do quadro profissional sobre o Treze, encerrando um ciclo de 20 jogos sem vitória, gol de Clovis aos 17 minutos do segundo tempo; A vitória sobre o Santa Cruz em Recife por 3 X 2; as goleadas sobre o Esporte Clube Bahia e o Vitória 4 X 2 e 6 X 1, respectivamente; a campanha na Taça Brasil, que resultou no vice-campeonato do norte/nordeste; Vice-campeonato do II Torneio Pernambuco-Paraíba; e até a data da edição comemorativa do jornal os cinco campeonatos consecutivos, feito realizado apenas pelo Bahia no norte-nordeste.

Lembrando que as conquistas foram em dez anos, quatro dos quais dedicados ao amadorismo. Quanto à equipe que conquistou o penta campeonato, parcela significativa dos jogadores era de outros estados, não justificando a classificação desse time como do “José Pinheiro”, como até hoje aponta alguns esportistas da cidade, ou seja, aquele que foi formado essencialmente por jovens rapazes do bairro, situado à zona Leste de Campina Grande, o que de fato ocorreria a partir de 1967. Aqui estão listados alguns dos seus atletas e suas naturalidades: Abelardo Coca Cola, natural de Patos (PB); Nogueira, natural de Areia (PB); Rui-

ter, natural de Pesqueira (PE); Zé Luiz, natural de Bezerros (PE); Cocó, natural de Natal (RN); Janca, natural de João Pessoa (PB); Erandir, natural de Bananeiras (PB); Zé Preto, natural de Vertentes (PE); Augusto, natural de Vertentes (PE); Ivo, natural de Garanhos (PE); Tonho Zeca, natural de Campina Grande (PB) – esse atleta atuou em todas as posições no futebol, exceto goleiro; Ticarlos, natural de Aracajú (SE); Elias, natural de Campina Grande (PB); Raimundo, natural de João Pessoa (PB); Araponga, natural de Patos (PB). A maioria desses atletas já possuía um vasto currículo no futebol nordestino antes de vestir a camisa do Campinense.

Parte do elenco vencedor foi negociada com grandes equipes do futebol brasileiro. Augusto foi para o Esporte (PE), Cocó e Zeca fecharam com o Santa Cruz (PE), Araponga despertou interesse do Palmeiras (SP) e do Santos (SP), sendo considerado pelo árbitro Romualdo Arpi Filho como o maior cobrador de pênalti que já conheceu, Ruitter foi pretendido pelo Palmeiras (SP). A equipe pentacampeã ficou marcada para os torcedores, que nas horas de dificuldades contam essas glórias “de antigamente” aos mais jovens, sempre analisando os times atuais pelas façanhas do passado. Essa equipe foi cantada pelos poetas, tornando possível a identificação do Campinense com os valores populares. Estava na boca do povo a escalção do time e o destino trágico dos adversários, conforme os hinos populares da época:

**“Eu sou rubro-negro e não posso deixar**

**Eu vi Campinense esse ano abafar**

Eu peguei o galo que tava com gôgo

Dei no Guarabira, dei no Botafogo  
Dei no Red Cross  
Peguei o União  
Nóis tava disposto ao Penta Campeão  
**Eu sou rubro-negro e não posso deixar**  
**Eu vi Campinense esse ano abafar**  
Augusto goleiro tem boa visão  
Ivo e Zé Preto boa marcação  
Janca de half foi mesmo um leão  
Ticarlo e Tonho Zeca foi um paredão  
**Eu sou rubro-negro e não posso deixar**  
**Eu vi Campinense esse ano abafar**  
Jogou com dez homens  
Fez bem o que quis  
Na ponta direita jogou Zé Luiz  
Abelardo e Ruitter, Araponga e Cocó  
No municipal deu show de futebol  
**Eu sou rubro-negro e não posso deixar**  
**Eu vi Campinense esse ano abafar**  
Eu peguei o galo que tava com gôgo  
Dei no Guarabira, dei no Botafogo  
Dei no Red Cross  
Peguei o União  
Nóis tava disposto ao Penta Campeão  
**Eu sou rubro-negro e não posso deixar**  
**Eu vi Campinense esse ano abafar**  
Foi muito futebol  
Pela ponta direita com Zé Luiz  
Pela ponta esquerda com Abelardo”

O cancionero popular, como se pode perceber, enfatizava o feito de uma conquista obtida em condições adversas, com apenas 10 homens, e exibindo um futebol superior tecnicamente, derrotando seus adversários não apenas em 90 minutos de um simples jogo, mas em mais “um show de futebol”. As vitórias do Campinense, superando as dificuldades, primeiro de não aceitação do futebol nos quadros do clube pelos sócios fundadores, segundo a luta contra os adversários no campo esportivo, em situações em que quase sempre saía de condições adversas e atingia triunfos pouco imaginados. Assim, tornou-se fator de forte apelo popular. Por isso, a própria história do Campinense, como a da maioria dos clubes no Brasil, vem sempre acompanhada nas canções com expressões como “raça”, “taça”, “heróis”, “ídolos”, “superação”, as quais terminam transformando a vitória desses clubes em um triunfo coletivo de seus seguidores.

A presença do Campinense na coluna esportiva do Diário da Borborema reúne alguns ingredientes que colaboram com a concepção inicial de que teria o futebol essa possibilidade de aproximar o clube de outros segmentos da sociedade e não apenas dos grupos letrados. O pensamento do antropólogo Roberto Da Matta<sup>37</sup> pode ajudar a apresentar um outro argumento para essa compreensão, uma vez que considera o futebol um ritual agonístico, com uma profunda capacidade de dramatizar situações da vida das pessoas, abrindo espaços reveladores. Assim, o corpo do esporte não é o mesmo maltratado do trabalho,

---

<sup>37</sup> DA MATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista da USP*, São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.



reunindo elementos de saúde, prazer e beleza, num espetáculo de profunda emoção estética. Num país subdesenvolvido como o Brasil, o futebol termina ajudando a sociedade a afirmar-se coletivamente em busca das vitórias e passa a operar em benefício dela, propiciando aos mais pobres a experiência rara da vitória, ao testemunhar com seu clube de coração momentos de alternância entre ganhadores e perdedores.

As descrições minuciosas do jornal, como identificar o minuto exato do gol de Aldeído aos 15 minutos do primeiro tempo de jogo, a reação do Campinense com a virada no placar aos 20 minutos do segundo tempo, as estatísticas presentes ao final de cada ano esportivo, apresentando o desempenho das equipes e por atletas terminam por exibir o rigor de uma sociedade marcada pelo cronômetro. Igualmente, as colunas que narram partidas de futebol e situações de um confronto futebolístico apresentam imagens, expressam sentimentos, inclusive daqueles que fazem a cobertura da partida, possibilitando pensar inclusive sobre o impacto que a cultura recebeu dos esportes<sup>38</sup>. Então, foram encontradas colocações de que o “campinense endiabrou-se em campo”, “contaminou a todo mundo”, inclusive quem escreveu a matéria.

## **2.4 Um campeonato para toda a História: É Hexa...**

“Hexa é Luxo” é a frase encontrada com frequência em camisas e símbolos do Campinense, sobretudo quando o clube está próximo de uma partida importante, pois, para muitos

<sup>38</sup> Cf. SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles e Desatinos. *Revista da USP*, São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.

torcedores, o “hexacampeonato é para toda a história”. Contudo, a campanha rumo ao hexacampeonato foi marcada por um início de temporada com baixo rendimento técnico da equipe, uma vez que os principais valores haviam sido negociados com grandes equipes do futebol brasileiro. Até mesmo no salonismo o clube, segundo a crônica esportiva, vinha registrando baixo rendimento técnico. Mesmo assim, o Campinense ainda figurava como “o dono da bola” em matéria de futebol. Só a negociação de Salomão para o Santos de São Paulo contabilizou 80 milhões de cruzeiros.

Com a ausência dos resultados, logo no início da caminhada, o treinador Astrogildo Nery foi substituído por um velho conhecido, o Húngaro Janos Tratay, pouco tempo depois mais uma troca no comando, desta vez chegando Pedrinho Rodrigues. Descrito como um homem misterioso, sempre com um cachimbo na boca, sobre ele ideias misteriosas foram levantadas, diziam nos bastidores ter ele toda uma irmandade a sua disposição, com capacidade de fazer o mal com aquele que se lhe opõe. Logo ao chegar à cidade, os adversários o surpreenderam escutando o jogo Treze e Guarabira, que segundo os supersticiosos de plantão, resultou na derrota do alvinegro de Campina Grande. A respeito das superstições no mundo do futebol, Franco Júnior (2007, p. 297) analisa:

É bem sabido que superstições estão disseminadas no mundo do futebol. Elas podem estar associadas a gestos, palavras, objetos, cores, locais, pessoas, partes do próprio corpo. Do lado dos jogadores, a intensidade delas acompanha

de certa forma a proximidade do evento que se quer favorecer. De acordo com Desmond Morris, no futebol inglês 11% dos atos supersticiosos acontecem nas vésperas da partida, 7% na manhã dela, 19% a caminho do estádio, 40% no vestiário, 9% no túnel que dá acesso ao gramado, 14% no próprio campo. De forma geral, as práticas mágicas no futebol são regidas pelo que os antropólogos chamam de princípio da similitude.

Conforme esse princípio, o que foi feito e não deu certo não é mais repetido, repetindo-se apenas o que deu certo. Não apenas no Campinense os exemplos são variados: do ex-técnico Zagallo, com sua obsessão pelo número 13 ao jogador Zinedine Zidane, que antes de suas exibições punha no armário do vestiário um chaveiro em forma de bola de bilhar com o número 7, não se constituindo assim em práticas isoladas e sim de um ambiente psicológico-religioso que permeia o futebol. Essas concepções perpassaram inclusive os dirigentes como o presidente do clube a época, Lamir Mota, que em depoimento revela:

Eu comprava aqueles bonecos de pano na feira, comprava mercúrio cromo, eu, Zezito Ribeiro e Menininho fazíamos umas setas no coração do boneco e derramávamos mercúrio, passava no campo do Treze sacudia por cima do muro, ou então mandava botar num terreiro pras bandas de Bodocongó que a gente tinha feito uma macumba. Certa vez, o técnico do Treze que era Vavá, ex-atleta do Botafogo, tirou quatro jogadores do time, que segundo ele estavam sob efeito de despacho. Nós tínhamos

descoberto que ele era impressionado com isso, e nós ganhamos do Treze no Presidente Vargas. Isso nós fazíamos muito. Cheguei inclusive a boatar que era protegido por entidades e tinha o corpo fechado. (MOTA, 2011)

Além dessas práticas, com intuito de “desestabilizar os adversários”, é relevante dizer que desde cedo existia na cidade uma banca de apostadores profissionais de todos os grandes clubes que regados a muito uísque, desafiavam a sorte ao apostar quem cobraria o primeiro escanteio, o primeiro lateral, quem faria o gol de falta, em partidas oficiais ou não. É importante ressaltar que a “sorte” sempre foi um elemento de destaque do jogo. Johan Huizinga (2007) considera que desde a idade média já existiam apostas, sobre a vida e a morte das pessoas, o sexo das crianças, a escolha de um Papa, o resultado de viagens, ou sobre qualquer outra futura eventualidade, até que o imperador Carlos V torna a atividade ilegal. Como pensou Huizinga, as ideias de felicidade, de sorte, de destino, sempre estiveram muito próximas do espírito humano. E ao considerar o futebol como um jogo esses elementos se fazem presentes. O autor considera o jogo como um elemento dado, existente na própria cultura, uma forma específica de atividade que, como forma significativa, possui uma função social.

Quanto ao treinador Pedrinho Rodrigues, este havia jogado profissionalmente até 1952, vestindo as camisas do Botafogo carioca, Bahia, foi bicampeão nacional pelo Atlético Mineiro, sendo o terceiro de uma lista de seis técnicos que passariam no ano de 1965 pela raposa. Pode-se acrescentar à lista, Ibiapino (ex-

jogador), Rafael Santos e finalmente retornando e conquistando o hexa, o técnico Álvaro Barbosa. O primeiro turno se mostrou tumultuado, além da saída dos principais atletas, incluindo o craque José Ireno (que, logo em seguida, seria reintegrado ao elenco). O Botafogo da capital era apontado como favorito ao título e o Campinense perde o título do I turno jogando no sertão contra o Esporte de Patos por 2 X 1.

O certame estadual de 1965 foi mais um que apenas foi concluído no ano posterior em 1966, sempre recheado de muita tensão. Aliás, sua marca até as versões mais recentes marcou no profissionalismo a primeira grande final entre o Botafogo e o Campinense, apresentada pela crônica como o combate da “capital do futebol X capital do estado” A participação de Campina Grande nas competições organizadas pela FPF era algo recente para aquela ocasião e, nesses anos 60, a hegemonia estava nas mãos do Campinense como campeão e do Treze como vice, sequência quebrada no campeonato de 1966.

No retorno de 1965, o clube raposa reapareceu e no primeiro clássico contra o Botafogo venceu por 4 X 1 na capital do estado e com o Botafogo disputou o campeonato do mesmo ano. A conquista do hexacampeonato foi contada em forma de LP, pelo jornalista baiano Joselito Pereira de Lucena que, conforme destacado, já havia assumido o comando do caderno esportivo do Diário da Borborema, muitas vezes narrando as conquistas do rubro-negro como sendo suas. É através de sua voz marcante e de sua compreensão do futebol como sendo um espetáculo que as vitórias do clube se transformam numa verdadeira “saga” ou, como ele costumava dizer, uma epopeia. Esse universo

jornalístico do qual Joselito Lucena fazia parte era abundante em informações da época, como se pode observar nos trechos do Diário da Borborema, apresentados ao longo do trabalho e repleto de matérias positivas acerca do Campinense, e de tudo mais que dissesse respeito a cidade, colaborando simbolicamente para elaboração dessa imagem grandiosa do clube perante os populares, numa cidade que demonstrava um amplo prazer em participar dos torneios esportivos.

O “bom baiano”, como era chamado na crônica esportiva local, além de escrever parte das notícias sobre o clube, chegou a gravar um disco no qual narra os lances que culminaram com a conquista do hexacampeonato. Suas narrações deram cores e entusiasmo as conquistas de um clube, do qual nunca negou ser torcedor. O encontro de Joselito Lucena com o Campinense é um exemplo do encontro entre o rádio e o futebol, veículo bastante importante nos dias de hoje, mesmo com o advento da globalização, uma vez que nem todos os clubes do país têm suas programações incorporadas nas grades de programação das redes de TV. O jornalista termina participando da elaboração das imagens marcantes do clube e do seu torcedor, clube que ele tratou de identificar como “fênix” e “torcida que na sua concepção ganhou campeonatos no grito dos seus torcedores”.

As vitórias do clube entre os anos de 1950 e 1960 também são resultantes das mudanças experimentadas na administração do clube, que passou a ser composta por grupos oriundos de outras localidades, revelando o próprio momento da cidade. Por exemplo, o ex-presidente Lamir Mota é filho de pernambucanos, nasceu na Bahia, chegou à Campina Grande com seis meses e

aqui foi radicado. Sua história no Campinense começou quando foi jogador da equipe amadora e convidado pelo médico Gilvam Barbosa a integrar a equipe de dirigentes do departamento profissional, foi tesoureiro, diretor social, nomeado presidente do Centro Esportivo Campinense Clube, pelo então presidente Edvaldo do Ó e por fim presidente do clube social.

Durante sua gestão, o clube aprimorou o departamento de futebol profissional que na época contava com 03 assistentes sociais, comandadas por Inaura Suassuna, departamento médico, odontológico e o departamento estatístico que acompanhava o desempenho dos atletas, dados do clube como partidas oficiais, escalações, amistosos, desempenho dos juízes que apitavam as partidas. Inovou no futebol paraibano quando profissionalizou, mesmo com as críticas da imprensa, todo o time tricampeão amador do campinense. Um dos destaques do pentacampeonato, Zé Ireneo foi uma aposta sua:

Quando eu trouxe Zé Ireneo de Natal, Astrogildo que era o técnico, olhou para mim e disse; - Dr. Lamir tá desaprendendo é?. Porque ele (Zé Ireneo) era baixo e buchudo, aí eu disse, isso é um fenômeno de Deus, aí ele disse, como? Bote pra treinar que você vai ver, eu respondi. Quando Araponga deu três lançamentos, o homem tinha uma velocidade que não era um ser humano, pela formação física dele, mas foi um artilheiro extraordinário, e tinha uma velocidade alucinante. (MOTA, 2011)

A habilidade de atletas como Ireneo e Araponga transformava, aos olhos dos torcedores, em verdadeiros heróis

mediante os apaixonados pelo futebol fomentando as descrições da imprensa. No caso de Araçuaia, natural de Patos, além de ser considerado um dos maiores cobradores de penalidade máxima do país, pela sua frieza, chegou a ser advertido pelo árbitro Armando Marques, durante uma partida oficial, para não desmoralizar seus adversários com aquelas jogadas, que o livravam de seu marcador.

A maneira como essas conquistas foram apresentadas aos torcedores, através das músicas, das páginas dos jornais, pelas circunstâncias das partidas, colaboraram para que um clube que, até o início da década de 50, tinha menos de 200 sócios, quase todos sócios proprietários, adquirisse uma média de 2.000 sócios atraídos pelos resultados do futebol. Além disso, a imprevisibilidade do jogo de futebol e do aspecto espetacular que foram atribuídos aos seus feitos fez desses atletas metáforas de uma luta cotidiana pela sobrevivência travada pelos torcedores, que terminavam vendo naquelas partidas ou situações de jogo, uma condição de superação de suas próprias adversidades. Um exemplo dessa situação foi o atleta Debinha, desprestigiado no Santa Cruz (PE) pela sua baixa estatura, e trazido pelo Campinense para disputar o campeonato de 1965. Ele surpreende a todos ao pedir, de luvas ou gratificação inicial, uma espingarda e um cachorro perdigueiro, já que há alguns meses não recebia salário em seu time de origem. Coube a ele o gol da vitória em pleno estádio Olímpico em João Pessoa, contra o Botafogo, consequentemente o gol da conquista do hexacampeonato.

Procurou-se discutir neste capítulo, num primeiro momento, a chegada do futebol profissional no Campinense



Clube enquanto elemento das mudanças do futebol no país, sendo fundado no clube um departamento autônomo conhecido como Centro Esportivo Campinense Clube, desativado em 1962, conforme a determinação da Confederação Brasileira de Desportos. Num segundo momento, foram apresentadas as conquistas do clube, como sua participação em competições nacionais, como a Taça Brasil e a sequência conhecida como hexacampeonato. Partiu-se da premissa de que esses primeiros anos de conquistas tiveram a capacidade de popularizar o rubro-negro, uma vez que contou com a cobertura feita pelo jornal e pelo rádio, veículos de grande importância para a propagação do futebol, bem como pela capacidade desse esporte de criar significados dentro e fora do campo.

No próximo capítulo, será discutida a relação do Campinense com o bairro de José Pinheiro e o estádio municipal Plínio Lemos, palco das partidas do clube no período estudado, ainda apresentaremos a rivalidade com as demais agremiações como um aspecto importante para edificar um ser campinense, como sinônimo daqueles que torcem pelo time de futebol e não apenas sinônimo daqueles que nasceram em Campina Grande.

## CAPÍTULO 3

# FUTEBOL, RIVALIDADES E COMUNIDADES IMAGINADAS: “IMAGINANDO” O SER CAMPINENSE

### **3.1 “Esse jogo não é um a um, se meu time perder tem zunzun”: O Campinense Clube, as ligas e os rivais**

“Não existe futebol de elite; futebol é do povo e o Campinense é um time do povo.”  
*(REVISTA COMEMORATIVA DOS 60 ANOS  
DO CAMPINENSE CLUBE, 1975)*

A filiação futebolística de um torcedor no Brasil constitui-se num elemento tão importante quanto a família e a comunidade religiosa, uma vez que somos “livres” desde criança para escolhermos nosso time, mesmo que paradoxalmente essa escolha dependa de outras variantes. A lealdade absoluta a um time e o intenso modelo classificatório do futebol possibilitam a formação dos torcedores por identidade contrastiva, ou seja, uma torcida não se afirma isoladamente, mas surge em oposição a uma

outra. O futebol interliga cidades menores ou maiores através de seus campeonatos estaduais e regionais, regulamentados por ligas, federações, confederações, etc.

Para se compreender o quadro de rivalidades estabelecido entre os clubes na Paraíba situando o Campinense em especial, faz-se necessária uma retomada de alguns elementos que lhes foram peculiares. O futebol chega ao estado em 1908, quando um grupo de estudantes em férias na capital do estado resolveu trazer do Rio de Janeiro a primeira bola e fundou o “Club de Foot Ball Parahyba”. Para a primeira demonstração, dividiram o time em duas equipes, Norte e Sul. Tomadas todas as providências, em 15 de janeiro do mesmo ano, ocorreu o primeiro ensaio futebolístico, nas imediações da atual Praça da Independência. Contando com a presença de inúmeras famílias e de grande massa popular, os “sportman” foram calorosamente saudados pela boa nova trazida ao estado.

As regras do novo esporte foram difundidas por pessoas como o inglês Frederico Voldkes que prestava seus serviços à Great Western, empresa do setor ferroviário. A expectativa tornou-se grande nas partidas que se sucederam. O campo de jogo logo foi chamado de “derby” e, totalmente modificado, tornou-se dali em diante um importante espaço festivo, contando com bandas de música como a 29 de junho. Assim, à medida que os convidados entravam, eram recepcionados com composições diversas. Nos primeiros ensaios de jogo, era notável a falta de domínio sobre as regras técnicas do “*esporte bretão*”, mesmo assim, arrancava aplausos do público que assistia. Todos os aspectos chamavam atenção, os lances, a angústia, a espera de

um gol e os uniformes usados pelos rapazes em questão que conforme a literatura sobre o futebol no estado trajavam calções brancos e blusas fofas “feitas na quietude do lar, com o devido cuidado das mães e irmãs dos jovens”, que de tudo faziam para que o brilhantismo de uma partida tivesse seu começo desde a chegada da equipe.

O entusiasmo contagiante do futebol resultou na fundação de pequenos clubes, alguns dos quais sem o material necessário. No ano de 1910, nasceram o Parahyba United, de uniformes verde e amarelo, o Red Cross e o América. As partidas aconteciam, mas com intervalos acentuados, devido a dificuldades pontuais, como a demora na chegada de bolas vindas do Rio de Janeiro.

O entusiasmo produzido pelo futebol fazia com que fosse necessário a criação de uma entidade para orientar e disciplinar o grande número de clubes que já existiam. Nascia assim, em 1914, a “Liga Parahybana de foot Ball”. A fundação de novos clubes era uma mania. “As reuniões para qualquer assunto eram realizadas a qualquer hora; até mesmo ao meio dia, sempre em casa dos mais animados.

A notícia de um novo clube era recebida como coisa normal” (MARQUES, 1975, p. 20).

A estação da Great Western tornara-se o lugar preferido para os jogos interestaduais, como aquele que em 1914 confrontou a Liga Parahybana e a Liga Pernambucana que conforme registros reuniu boa quantidade de pessoas. Também o encontro entre o Internacional de Cabedelo, que venceu um combinado, ou seja, uma equipe de alemães, saindo esses últimos derrotados por 2 X 1, já que a equipe de Cabedelo, sempre aproveitava a presença

de tripulantes brasileiros e estrangeiros para movimentar o futebol na cidade portuária. Parecia que os jovens não percebiam obstáculos para o jogo, optando por partidas inclusive durante a semana, já que apenas aos domingos tornariam-se longos.

Em 1915, surge o Cabo Branco Sport Club, também destinado a prática do futebol, a exercícios físicos variados, a pedestrianismo, a ginástica e também a regatas. Conforme a imprensa, a ideia surgiu de um grupo de rapazes, quando se banhavam na praia de Tambaú ao contemplar a beleza encantadora do lugar. Após 40 dias de fundação já realizavam partidas e desfrutavam de grande prestígio no esporte local tendo essa equipe o Cabo Branco, conquistado inúmeros títulos.

Em 1919, o jornal “O Norte” já anunciava o nascimento de uma nova entidade esportiva, a Liga Desportiva Paraibana, sendo também oficializada perante a Federação Brasileira de Futebol. Se por um lado a entidade movimentou o cenário esportivo paraibano resultando no nascimento de outros clubes como o Sport Clube da cidade de Esperança, o Royal da capital, por outro lado inaugura uma excelente praça de esportes para época com o futebol retomando a hegemonia no gosto popular, uma vez que sofreu relativa concorrência das corridas de cavalo e outros jogos que envolviam aposta. O primeiro jogo oficial realizado por essa entidade reuniu Cabo Branco X Royal, com vitória do Cabo por 1 X 0. O primeiro campeonato oficial organizado pela LDP foi bastante diferente dos demais, contou com um Torneio início de abertura, em que existiam várias modalidades de competição como corrida de 3 pernas, corrida de sacos, velocidade, resistência e corrida de obstáculos e, no

intervalo das modalidades, uma partida de futebol envolvendo o Cabo Branco, São Paulo, Palmeiras, Royal e Pytaguares.

E como não poderia deixar de ser, em 1920, surge a primeira entidade de Cronistas Desportivos da Parahyba, com a finalidade de promover o futebol através da divulgação de notas oficiais, tabelas, resultados e estatística dos jogos oficiais. Coube a ela a notícia de fundação em 1922, do Umbuzeiro Foot Ball Club, tendo logo em seguida recebido a sugestão de mudar seu nome para 16 de Março Foot Ball Club, em homenagem a memória do coronel Antônio Pessoa, e do Sanhauá Foot Ball Club.

Na cidade de Campina Grande, o futebol chegou em 1913, através de Antônio Fernandes Bioca, que jogou nas equipes do Cabo Branco e Red Cross, citadas anteriormente, cabendo a ele a iniciativa de fundação de mais um clube paraibano. No dia 7 de setembro de 1925 ocorreu uma reunião em sua casa e, após alguns encontros, foi sugerido o nome Treze, número final dos presentes à reunião. Após 60 dias de sua fundação, o Treze fez seu primeiro jogo contra o Palmeiras de Campina Grande, em 6 de novembro, vencendo pelo placar de 1 X 0. No mesmo ano, derrotou o Palestra por 2 X 0 e em seguida com o mesmo Palestra empatou, em 1 X 1 e 0 X 0, tornando-se, em 1926, campeão da cidade. Além do Treze, outras equipes figuravam, no início do século, no futebol de Campina Grande como o Paulistano, o América, o Palestra Itália, Huimatá, e o Centro Atlético Campinense, etc.

Em 28 de setembro de 1931, surge o Botafogo Futebol Clube. A reunião que resultou de sua fundação foi realizada no chalé número 45 a Rua Borges da Fonseca, atual D. Pedro II, na

capital paraibana. Praticando na época “futebol de pelada”, que apresentava peculiaridades como seus atletas jogavam descalços, caindo no gosto popular desde cedo. Um ano após sua fundação, vinculou-se à liga desportiva de Barreiras, atual Bayeux. Sagrou-se em 1933 campeão da liga suburbana de desportos. Porém, esse clube apenas é filiado a Liga Desportiva Paraibana em 26 de março de 1934. Algumas das agremiações citadas anteriormente sequer existem, na passagem do futebol para a sua fase profissional desapareceram do cenário esportivo paraibano, a exemplo do Palestra e do Paulistano.

Ao ser retomado nesse capítulo um cenário esportivo do início do futebol no estado teve-se como objetivo destacar a forma bastante movimentada desse esporte e como se estabeleceu espacialmente, bem como situar melhor os clubes que rivalizaram com o Campinense, ressaltando que o esporte acompanhou a cartografia da Paraíba. Basta olhar que atualmente os clubes que costumeiramente disputam o campeonato do estado estão no agreste, sertão e litoral, em localidades de destaque no panorama tanto político quanto econômico, a exemplo de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras, sendo que Campinense, Treze e Botafogo são os grandes detentores de títulos no estado. Na cidade de Campina Grande, onde a crônica esportiva, desde os anos 50 concedeu-lhe o título de “capital do futebol paraibano”, as atividades esportivas do início do século passado foram intensificadas após a chegada da ferrovia, em 1907. A presença de ingleses e de alguns outros imigrantes de outros países europeus, concedeu ao futebol jogado na Paraíba uma característica mais agressiva, sendo sempre partidas em

que a força física termina associando-se aos recursos técnicos do esporte moderno.

Até a década de 60, o futebol paraibano teve suas atividades oficiais suspensas, em algumas situações por razões diversas: em 1930, após o assassinato do então candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa, cujos desdobramentos afetaram diretamente a vida do estado; na década de 40, quando um choque de interesses políticos envolvendo a mentora do esporte na Paraíba e a Confederação Brasileira de Desportos resultou na desfiliação da entidade local, das competições oficiais. Foi nesse quadro que nasceu, em 1947, a Federação Paraibana de Futebol ou FPF, até hoje responsável pela organização da prática futebolística na Paraíba e que teve entre seus clubes fundadores o Botafogo de João Pessoa e o Esporte Clube União também da capital do estado. A Fundação da Federação Paraibana de Futebol sinalizou para a chegada do profissionalismo no estado conforme alguns cronistas do estado, tendo o Campinense participado apenas das competições que foram organizadas por essa entidade.

Assim como em outros campos de nossa historiografia, no futebol também houve um destaque inicial ao papel das elites como protagonista da história. É assim que, em boa parte da bibliografia consultada, viu-se a ênfase no papel de rapazes abastados como Charles Miller e Oscar Cox, introdutores da prática futebolística em nosso país quando na verdade uma década antes de sua atuação, os jesuítas já praticavam um jogo denominado “bate bolão” que apresentava elementos do futebol que conhecemos.



Quando dos estudos sobre o futebol paraibano, percebeu-se uma paternidade quase heróica na busca das raízes do futebol e nela os populares não estão presentes, são os políticos, as moças e rapazes de famílias abastadas que são descritas nas páginas de autores como Walfredo Marques<sup>39</sup>, que chegou a ser presidente da Federação Paraibana de Futebol, sendo deste uma das principais obra sobre o futebol do estado. Em suas reflexões os grupos políticos do estado, são apontados como responsáveis pelo sucesso do esporte, através de suas visitas e discursos que prestigiavam o espetáculo esportivo e garantiam sua visibilidade. Porém, a busca dessas paternidades e datas oficiais não esclarece as relações mais significativas entre o futebol e o ambiente social no qual ele se desenvolve, uma vez que suas significações mais profundas residem na apropriação feita pelos diversos setores sociais que o transformou num acontecimento marcante para a sociedade.

O futebol passou por momentos singulares em sua chegada ao estado foi exaltado durante o amadorismo quando apenas os jovens abastados poderiam praticar e os juizes não cobravam suas taxas, já que sua mediação era por amor ao esporte e não por dinheiro. Nesta ocasião percebe-se que ele se tornou um importante elemento da modernidade europeia, que não podia faltar aos anseios de uma elite, e por isso praticado por pessoas de igual condição social e racial. Essa concepção ajuda a compreender o destaque dado por Walfredo Marques (1975) a presença dessas famílias ilustres nos primeiros momentos do futebol paraibano. Por outro lado, a prerrogativa de fundação de ligas para

<sup>39</sup> MARQUES, Walfredo. *A História do Futebol Paraibano (1908-1968)*. João Pessoa: União, 1975.

organizar o evento esportivo como a Liga Desportiva Paraibana citada anteriormente, revelava desde cedo a necessidade de racionalização do próprio esporte retirando dele os aspectos que o tornaram impopular entre as elites o que revela o caráter excludente da própria estrutura que cercou o futebol nacional e local, marcada por desconfianças, tal como acontecia numa esfera de um país em que apenas 4% da população poderia votar nas primeiras décadas da República. E com esses elementos caminhou o futebol paraibano em várias de suas etapas, trazendo à tona desconfianças mútuas entre os seus participantes, relatos de violência, campeonatos paralisados e títulos contestados.

O futebol, por outro lado, criou vínculos de solidariedade entre as comunidades artificiais, agregando sócios, jogadores e torcedores de origens diferenciadas. O embate entre os times do estado terminou alimentando uma onda de bairrismo, acirrada pela política local que colocava em campos distintos a capital e o interior do estado, ainda nas décadas de 50 e 60, quando Campina Grande começa a declinar no cenário político e econômico do estado. A partir de então, a crônica esportiva local passou a apresentá-la como “a capital do futebol paraibano”. Quando a questão era a defesa do futebol da cidade até os rivais eram conclamados pela imprensa a se “unir”. Na documentação pesquisada em 1962, depara-se com uma excursão nos gramados do Norte do país, realizada pelo Treze que obteve resultados adversos. Os torcedores do Campinense, mesmo após um breve ensaio de ridicularização ao adversário, prática recorrente no futebol, demonstraram certo sentimento de pertencer ou ser campinense, o que tomou conta dos admiradores do esporte.

Até a segunda queda, a torcida adversária ainda ensaiou uma satisfação aparente. Digo aparente porque sei que qualquer brincadeira esboçada pelo torcedor mais exaltado, não representava o seu sentimento. Isso ficou demonstrado depois da terceira derrota. O <gozo> da torcida contrária, mais claramente de alguns adeptos do Campinense Clube, esfriou sensivelmente depois do terceiro fracasso. Eles, como bons campinenses, sentiram-se um tanto ou quanto abatidos também. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 10 abr. 1962, p. 05).

Esse sentimento tornava-se mais intenso à medida que as coberturas jornalísticas e as locuções pelo rádio aproximavam as massas do espetáculo, compartilhando não apenas dos lances do jogo, como também das querelas que os envolvia, criando vínculos cada vez mais fortes do torcedor com um time. Assim, a imagem do Campinense foi favorecida entre os populares, pois era o clube em evidência no estado no momento em que o modelo político e econômico da cidade apresentava sinais de desgaste. As vitórias do clube passaram a ser de Campina Grande, sobretudo quando estas vinham contra os adversários da capital do estado, por isso o caráter emblemático do hexacampeonato, conquistado quando tudo parecia perdido, em pleno estádio Olímpico, contra o Botafogo paraibano. Nesses tempos, paixões política e futebolística eram estimuladas pelas ondas do rádio. Programas diários como o Esporte em Marcha, da rádio Borborema, conseguiam agrupar ouvintes num corpo de torcedores que eram convocados a irem para os estádios com suas bandeiras, (a essas alturas) para defender seus times e a própria Campina Grande.

As mudanças empreendidas no futebol do estado, a partir dos anos 50 estiveram relacionadas com aquelas verificadas em todo o país. O setor esportivo passou a ser viabilizado pelo financiamento público estatal, vinculando dirigentes e clubes as próprias engrenagens do poder, o que terminou comprometendo profundamente o futebol brasileiro que passou a ter dirigentes de clubes ligados a grupos políticos tradicionais, os quais contratavam jogadores famosos, conquistavam títulos e terminavam ganhando ascendência sobre as massas. Essa prática foi inaugurada no país com Getúlio Vargas, que compreendeu os usos do esporte, e começou a patrocinar estádios para os clubes. Lógico que a maioria levando o seu nome, incluiu o jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas. Mesmo assim, sobreviveu durante décadas a prática de atletas que atuavam lesionados, ou não tinham direito a seu período de férias. O descumprimento dessa regulamentação paralisou o campeonato paraibano por muitas vezes, sob ameaças da antiga CBD, e levou atletas como José Luiz, que teve atuação nos clubes do futebol paraibano, inclusive na campanha do hexacampeonato, a liderar um movimento para discutir as condições de trabalho dos atletas no estado.

Como exemplo desse estreitamento entre Estado e massas através do futebol, pode-se destacar a solenidade de inauguração, em 26 de julho de 1955, do estádio municipal Plínio Lemos, que recebe o nome do prefeito da cidade. Na ocasião, foram registradas as presenças do general Juarez Távora e sua comitiva, da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba e outras lideranças políticas do estado e do próprio município. Houve ain-

da desfile das delegações do Sport Club Recife, Flamengo local, Sport Club Bahia, Clube Ciclista de Campina Grande e o Treze da cidade. Sob os olhares do prefeito, a partida principal de inauguração é disputada entre Treze e Bahia, terminando em 1 X 0 para os visitantes, com um gol marcado por Juvenal II, aos 12 minutos do segundo tempo. Esse estádio foi cedido em regime de comodato ao Campinense Clube e tornou-se palco das grandes conquistas da agremiação, a exemplo do pentacampeonato. Nas canções do período, futebol e carnaval integravam esse cotidiano da cidade, onde torcedores “cantavam e gritavam viva o rubronegro”, sendo a conquista do penta campeonato motivo para “um carnaval com grande emoção”<sup>40</sup>.

As canções do momento exaltavam a figura de Vital do Rego, advogado que chegou a concorrer à prefeitura de Campina Grande, não logrando êxito e a quem o jornal concede uma postura decisiva na conquista do pentacampeonato, afinal de contas, ele “gritava na beira do gramado”, empurrando o clube na partida decisiva e presidiu a comissão do centenário destinando recursos aos clubes da cidade. Quando da fundação do Estádio Municipal Plínio Lemos, o Campinense ainda era uma equipe amadora, que treinava aos sábados à tarde para não prejudicar o trabalho de seus integrantes, mesmo assim alguns abandonaram a equipe por não conseguir conciliar com o tempo produtivo. Em 1954, o clube fez sua primeira exibição oficial, enfrentando o ferroviário,

<sup>40</sup> A canção criada para o penta campeonato transformou-se em LP com as narrações do jornalista Joselito Lucena, foi comercializada entre os torcedores e dizia: “A melhor de três no Municipal / Depois do penta foi grande o carnaval / Foi um carnaval com grande emoção/ Depois do tetra foi penta campeão / Nossos torcedores com Vital do Rêgo / Cantavam e gritavam viva o rubro-negro / Nessas alturas nós já era pentacampeão paraibano”.

no estádio do bairro da Liberdade. Sua formação pioneira foi Wilson Rodrigues, João Pequeno e Zé Souto; Eudes, Ribot e Edilson; Luís Lima Neto, Nelson Santos, Eurimar, Bismarck, e Orvandil (Wanda). Na ocasião, o Campinense saiu vencedor por 3 X 2 numa decisão por pênaltis cobrados por Eurimar Oliveira.

Contra o seu maior adversário, o Treze, a primeira exibição ocorreu em 20 de novembro de 1955. A equipe era formada por Geneton, Nogueira e Cariri; Silvio, Rot e Ladinha; Nelson, Eudes, Miro, Renato e Eurivo (Dedé), perdendo por 3 X 0. As exibições continuaram no campeonato amadorístico da cidade. Num desses intervalos, no dia 13 de outubro de 1957, o Campinense abateu o galo em seus próprios domínios por 2 X 1 com gols de Renato e Maisnovinho, e o gol solitário do treze foi marcado de pênalti por Nelson.

A emergência de uma rivalidade com as agremiações mais tradicionais do estado em busca das vitórias e dos títulos, colaborou para essa definição de um ser Campinense, pautada nessa comunidade futebolística e os próprios jornais noticiam o aparecimento de torcedores munidos com suas charangas, cuja especialidade era insultar os adversários como pode ser analisado no fragmento a seguir:

Sr. Getúlio resolve a parada na hora H, Ronaldo (gordinho), o grande chefe da torcida rubro-negra, desempenha um papel importante: insultar. É torcedor de primeira linha, e sua presença no estádio sempre convulsiona o ambiente, pois sua grande especialidade é abespilhar o lado contrário... Na arte de saturar a torcida adversária, Ronaldo é absoluto.

Quando o time do campinense obtém uma vitória, ou que seus adversários a desejavam ardentemente, ele faz questão de sair na frente de seu bloco para “chingar” mais ainda sem temer nada, procurando ferir “in loco” o reduto contrário. Diz que o campinense será sempre campeão, pois o treze não nasceu campeão. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 14 fev. 1965, p. 05)

Na mesma reportagem, outros torcedores são mencionados como José Teixeira de Lima, integrante do “bloco compressor” da torcida rubro-negra liderada por Ronaldo. Ele afirmou que não perdia um jogo do campinense desde o profissionalismo rubro-negro. Não temendo consequências na hora de torcer pra valer, participou inclusive do enterro simbólico do adversário nas grandes derrotas para o seu clube. Pode-se dizer que a participação do clube nos campeonatos organizados pela Federação Paraibana de Futebol, a conquista de títulos num momento em que a cidade precisava de vitórias e outras imagens que a referendassem no cenário político estadual deram maior visibilidade as conquistas do Campinense. Faltava apenas o espaço onde essa tradição seria inventada. Ele chega com a concessão do Estádio Plínio Lemos ao clube, que tinha a seu favor a localização da praça de esportes no bairro de José Pinheiro, um dos redutos do futebol amador na cidade, que já contava com equipes conceituadas como o Flamengo local.

Os relatos fornecidos por alguns moradores do bairro de José Pinheiro, a exemplo do senhor Gilvam Marques<sup>41</sup>, são

<sup>41</sup> Nasceu em Campina Grande no ano de 1941, é um sapateiro aposentado do bairro de José Pinheiro, que participou ativamente da vida cultural da cidade, foi membro do Flamengo de José Pinheiro, integrante da escola de samba Bambas do Ritmo, e sujeito histórico que como tantos

bastantes reveladores no cenário desse lugar e do papel exercido pelas atividades físicas na sociabilidade desses sujeitos, a saber:

“Eu morava no bairro do Santo Antônio e quando ainda criança comecei a fugir para o bairro de José Pinheiro, era só atravessar uma ponte, fui fazendo amizade, batendo bola de meia, depois jogando pelada e Zé Pinheiro era pequeno. Meu pai era trezeano e teve uma época que ainda não tinha o time do Campinense, e eu gostava do Treze, do Ypiranga, do Flamengo de Zé Pinheiro. No começo do Campinense era um time da alta sociedade e eu nem simpatizava com ele. Depois eu fui morar em frente ao Estádio Municipal, quando o doutor Gilvam Barbosa começou a implantar o profissionalismo no Campinense e foi chegando jogadores como Massangana, Geneton, eu fiquei curioso e comecei a assistir aos treinos do time. Quando implanta um time profissional numa cidade é uma novidade. Numa bela tarde de Domingo eu sai de casa para assistir Campinense e Treze no Presidente Vargas, foi nesse jogo que eu comecei a gostar do Campinense pela sua coragem e raça, o jogo foi 1X1 e como nenhum dos dois queria perder o campo do jogo virou uma batalha entre os atletas”. (MARQUES, 2011)

O depoimento acima sinaliza para o papel que o bairro desempenhou na construção da imagem do clube para os seus outros construíram a popularização do Campinense Clube, no seu caso comandou as divisões de base do rubro-negro na década de 90 quando a agremiação chegou a ser desfilada das competições estaduais. Conhecido na comunidade como Gilvam Leão, para uns devido aos longos cabelos que usava e para outros pela maneira como enfrentava as suas dificuldades, fez questão de ressaltar em sua fala, “que gosta do Campinense até quando ele não joga bem”.



torcedores. No bairro, o Campinense constrói a sua identidade de time popular num reduto tradicional de boêmios da cidade, base da primeira difusora conhecido pelo seu tradicional pastoril, pelos seus carnavais e pela meninada jogando pelada nos espaços vazios. Com a chegada do Campinense, o estádio passou a ser chamado pela crônica esportiva de “toca da raposa”, e para os torcedores de “Campo do Campinense”. Nos dias de jogos, a população saía às ruas para receber o clube num grande carnaval. Justamente no Municipal, o clube conquista o tetracampeonato e o penta. No José Pinheiro, as vitórias do Campinense ganharam significados especiais, fazendo do clube aristocrático, “O Campinense do Zé Pinheiro” a partir do seu “templo sagrado do futebol”. De acordo com seu Gilvam:

O Plínio Lemos foi construído numa época que Campina Grande só tinha o Presidente Vargas, passando a ser um estádio modelo, uma sensação, tinha até piscina. Mas como pouco se usava para jogo só os amadores, tornou-se campo de vaquejada e não tinha sossego a população com os animais correndo na rua, até o Campinense assumir. E quando o Campinense assumiu foi outra coisa para o bairro de José Pinheiro, nós tivemos jogos sensacionais, todos os times do nordeste vinham para nosso bairro, além de outras equipes como Bangu e Flamengo, depois que o Campinense tomou conta se formou outros lances de arquibancada, foi quando sua torcida começou a crescer, com o Municipal. Chegou uma época que o Municipal não cabia os torcedores e o povo ficava de fora do estádio

na esquina da igreja do bairro, juntava mais de oitocentas pessoas para acompanhar os jogos e depois agente saía em passeata pela rua Maximiano Machado. Zé Pinheiro quando os Bambas do Ritmo e o Campinense tava no auge era uma cidade que sempre vivia em festa, ainda hoje é alegre, mas não é como naquela época não. (MARQUES, 2011)

O José Pinheiro vivenciado pelos populares era bastante diferente dos anúncios grandiloquentes das páginas dos jornais ou das falas das elites da cidade, uma vez que estes brincavam, pulavam, dançavam, gesticulavam e até mesmo brigavam na defesa dos seus clubes de futebol, fazendo do gozo de suas experiências a vitória de um time ou o desfile de uma escola de samba<sup>42</sup> uma experiência especial.

### **3.2 Futebol, metáfora da sociedade; Agora é a vez do Campinense de José Pinheiro**

As partidas de futebol são constituídas por gestualidades como chutes, carrinhos, dribles, sonoridades como os gritos, apitaços, palmas, vaias e cânticos, atitudes essas que possuem significância para todos os envolvidos no espetáculo. Para que um rito de futebol aconteça, faz-se necessário um espaço específico, um estádio de futebol que é por muitos considerado

<sup>42</sup> A escola de samba Bambas do Ritmo, de acordo com seu Gilvam Marques foi idealizada em baixo da marquise do Estádio Municipal e oficializou-se como escola de samba em reunião realizada na sede do Flamengo de José Pinheiro, suas fantasias eram confeccionadas pelos trabalhadores do bairro, uma vez que possuía entre seus integrantes sapateiros, costureiros etc. As cores da escola são vermelho e preto, em razão da presença de torcedores do Campinense em sua formação, bem como da rivalidade existente com a escola de samba 15 de Novembro que era alvinegra. A década de 70 marca um período de destaque nos desfiles populares.

um “templo sagrado do esporte” e para outros “um santuário do mundo industrial”. Independente de sua localização, os elementos que constituem essa cena se assemelham. Do ponto de vista econômico, mesmo com as recentes exigências da FIFA, entidade máxima do futebol mundial, para redução do tamanho das praças de futebol sob o pretexto de aumentar a segurança de quem assiste aos jogos, os estádios de futebol ainda são, na atualidade, os maiores espaços públicos fechados. Basta que se pense no estádio Luis II, em Mônaco, inaugurado em 1985, para um público de 18.500 torcedores, quando a população do lugar a época tinha pouco mais de 22.000 habitantes. Nos estádios de futebol, se convive com a alegria de grandes vitórias e a dureza das grandes derrotas ou a indiferença dos empates conforme a situação.

De certa forma, um estádio de futebol possui uma importância simbólica ocupando ainda nas cidades em geral, os maiores espaços disponíveis para diversas sociabilidades. A necessidade de possuir uma praça esportiva ou esse “templo do futebol” para realizar seus treinamentos e suas partidas oficiais, conduziu o Campinense ao bairro de José Pinheiro, em especial ao estádio Municipal Plínio Lemos. A relação do clube com o espaço urbano de Campina Grande é significativa, uma vez que os mesmos são construções do olhar humano, das práticas mais diversas e dos sentidos que lhes são atribuídos, por formas de ver e fazer.

Ao utilizar a categoria espaço, cabe destacar que, durante algum tempo, os historiadores minimizaram o papel do *espaço* enquanto uma dimensão considerável na experiência humana,

contudo, novos olhares foram encaminhados para a questão valorizando os espaços artificiais organizados pelo homem. Um fator que produziu essa virada de concepção foi a emergência dos estudos pós-modernos, sobretudo no campo da Física possibilitando compreender a natureza como construção cultural e humana, por conseguinte os espaços deixariam de ser cenários de acontecimentos ou receptáculos passivos e passam a ser também criações humanas.

Com o físico belga Ilya Prigogine, e os estudos sobre a Física do não equilíbrio e dos sistemas dinâmicos instáveis, pode-se verificar uma ruptura com a visão newtoniana da natureza e a emergência do que se considera a visão pós-moderna. Esta alteração na forma de dizer e ver os eventos naturais produziu repercussões diretas, na maneira mesma de conceber a produção do conhecimento e conseqüentemente a ciência, a partir dos anos 50.

Essas descobertas passam a encarar a natureza pela sua instabilidade, pelo seu desequilíbrio, pela sua criatividade, edificando as bases de um pensamento probalístico e não determinista que procura as múltiplas interferências e não busca as leis naturais. “Na pós-modernidade a ciência deixa de ser o lugar das certezas, para se tornar o exercício permanente da explicação possível e provável dos fenômenos e eventos” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p. 52).

Nesse momento é importante questionar: até que ponto essa forma de dizer a natureza levou a redefinir a forma de pensar a História e sua relação com o espaço? Num primeiro momento rompeu com a dicotomia imposta entre a Natureza e a

Cultura pensando a natureza em sua própria historicidade. Por outro lado, se descobriu que ver é diferente de enxergar, fazendo possível perceber os espaços como construções também do falar, do sentir, enfim, das práticas mais diversas e dos variados sentidos.

Ilustrativo estudo foi realizado nos anos 80 pelo historiador francês Michel de Certeau, que compreendeu o espaço enquanto um lugar praticado e fruto dos relatos das práticas, das representações que nele ocorrem, desnaturalizando a noção de que os espaços seriam cenários desligados dos eventos que nele ocorrem, na verdade seriam fruto das artes e astúcias dos seus passeantes. Ainda em Certeau, o lugar aparece como uma configuração instantânea de posições enquanto o espaço é produzido pelas operações que o orientam, o escritor jesuíta de linguagem barroca, usa imagens, metáforas em seus textos e com bastante astúcia, consegue olhar os espaços de diferentes lugares. Sua obra foi elaborada num contexto político e cultural turbulento para a história francesa, sob o pretexto oficial de se obter um panorama da identidade de uma nação, porém, o estudo de Certeau apresentou a diversidade dos praticantes, que se expressava nas suas maneiras de morar, comer, caminhar pelas ruas, em suma suas astúcias e antidisciplina:

Esses praticantes jogam com os espaços que não se vêem, tem dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros escapam a legibilidade. Tudo se passa como se uma

espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. (CERTEAU, 2007, p. 171)

Durval Muniz (2008) discute a ideia de espaço, enquanto produção cultural e representação social relacionando política e relações de poder, como elementos que interferem nas fronteiras por onde transitam as gentes e se definem as fronteiras sociais, segundo o autor:

Tratar da categoria espaço é, pois, estar atento para o conjunto de posicionamentos que cartografam e escondem um dado recorte espacial, que estabelecem e demarcam uma dada fronteira, que distribuem lugares e marcam dados territórios. É abordar as relações sociais, as relações de poder, as relações econômicas, simbólicas, que definem dados posicionamentos e as demarcações espaciais, as posturas espaciais que carregam e que tentam sacralizar. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p. 75)

Assim, os espaços não podem ser resumidos a sua dimensão física. Dialogando com autores como Certeau, Foucault e Deleuze, acredita-se que são as práticas que trabalham esse espaço, que o tornam vivência e experiência, os sentidos que seus praticantes lhes dão que o constituem social, cultural e historicamente.

Essa concepção de que as relações estabelecidas com o espaço também trazem a possibilidade de demarcar novas fronteiras conduz a refletir sobre esse encontro do clube com o

bairro que durante décadas sediou o seu futebol. Mesmo durante as conquistas e com todo o prestígio desfrutado pela equipe de futebol, as atividades futebolísticas estiveram espacialmente separadas da vida do clube social. No bairro do José Pinheiro, o Estádio Municipal Plínio Lemos e no bairro da Bela Vista, sua sede social próxima ao centro de Campina Grande, que tinha como um de seus atrativos um moderno Ginásio, certamente testemunho dessa tensão gerada com a chegada do futebol.

Deve-se considerar que o clube transitou por lugares diferenciados na cidade. Em algumas ocasiões, acompanhando o movimento das populações que nela habitavam. Num primeiro momento em direção ao centro, no auge da economia algodoeira e durante sua fase de sodalício social, e num segundo momento rumo a periferia, quando da chegada do futebol. Esse movimento centro da cidade, bairro da Bela Vista e José Pinheiro atraiu os olhares de uma clientela heterogênea, que se divertia nos salões ou, em outros casos, torcia pelo rubro-negro, e até experimentavam as duas possibilidades, fazendo com que esses ambientes se tornassem produto desses extratos constituídos por nomes, mapas, ditos, formas de ver e de fazer<sup>43</sup>.

A consolidação das práticas do futebol profissional proibidas durante anos possibilitou ao presidente do então Centro Esportivo Campinense Clube, nomeado e subordinado ao presidente do sodalício, desfrutar de mais prestígio na cidade que o presidente do clube social. A aproximação do Campinense com os moradores da cidade, vindos de tantas localidades, ou que torciam por agremiações como o Esporte Clube Campinense,

<sup>43</sup> Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos Destinos de Fronteiras: História, Espaços e Identidade Regional**. Recife: Bagaço, 2008.

também rubro-negro e extinto no decorrer da década de 1960, vieram somar as vozes daqueles que, inicialmente poucos, conforme apresentavam os jornais, conseguiam “calar os muitos”, num acontecimento não raro nas cidades onde o futebol foi introduzido.

A localização do estádio municipal no bairro do José Píneiro trouxe peculiaridades as quais facilitaram a popularização do Campinense enquanto time de futebol. Situado à zona leste da cidade, esse bairro ocupa um dos níveis mais baixos do sítio urbano de Campina Grande, razão pela qual não desenvolveu vista panorâmica para outros espaços, como aconteceu com o Alto Branco, Mirante, Prata e o bairro da Bela Vista. Devido a sua geomorfologia a priori, constituiu-se num lugar essencialmente agrário. Durante a década de 60, possuía 18.475 habitantes, portanto o mais populoso, uma vez que correspondia a 15% da população da cidade.

A forte urbanização empreendida em Campina Grande, nos anos 30 e 40, com o prefeito Verniaud Wanderlay, destruiu a paisagem natural do bairro, com suas antigas fruteiras, verduras, pastos, criação de gado e aves, para dar lugar às construções de residências, casas de negócios, igrejas, colégios, hospitais e, logicamente, um estádio de futebol, o estádio Municipal Plínio Lemos, edificado na área conhecida como Lagoa dos Canários. É interessante acrescentar, ainda, sua importância geográfica, já que algumas de suas principais ruas como a Campos Sales e a Fernandes Vieira são eixos de ligação com o centro da cidade, propiciando um intenso fluxo de pessoas, seja atraído pela



diversidade comercial do bairro, ou empurrado pela rápida urbanização da cidade.

Apesar de ter sido verificado seu incremento populacional nos anos 60, a história do bairro tem seu início por volta de 1910 nas imediações do Açude Velho da cidade, distante cerca de 2 Km do centro. Seu terreno foi adquirido pelo casal de agropecuaristas, José Dantas e Marinheira Agra Dantas, que à época pagaram a importância de três contos de réis, por 15 hectares de terreno. Da sua residência de alvenaria, cercada de alpendres e plantas, iniciou-se lentamente a ocupação do lugar, que abriu espaço para o nascimento da principal rua do bairro: a Campos Sales. O casal fornecia produtos, criava gado e vendia até mesmo latas de água doce. Com o tempo, novos casebres foram construídos, novas ruas abertas e novos personagens surgiram, como o senhor Manuel Sales, pedreiro e construtor, descendente de árabes, nascido na região do Oriente Médio, de onde fugiu em 1911. Chegou a Recife em 1913 e a Campina Grande em 1914, casou-se e teve três filhos, montou uma pequena fábrica de doces, que eram distribuídos pela feira da cidade.

Outro personagem significativo dessa trama foi o senhor José Pinheiro, conhecido como curandeiro e conhecedor da utilidade dos produtos homeopáticos. Este edificou uma bodega de ofertas variadas, da cachaça até os produtos da “medicina popular”. Sua fama de curandeiro se espalhou, atraindo a curiosidade dos populares que o procuravam e, conseqüentemente descobriam a localidade. Sua boa condição financeira propiciou a construção de uma mercearia maior, e a manutenção de um

salão com piso alto, vizinho a sua casa, que servia de palco para um pastoril, maior atração do bairro até então.

De todos os lugares, vinham homens ver de perto as pastoras dos cordões azul e encarnado. O prestígio do senhor José Pinheiro terminou por produzir uma transformação na paisagem efetiva do lugar, até então chamado de bairro Açude Velho. Aos poucos, essa denominação foi desaparecendo e seguindo o gosto popular, já que o povo, ao procurar os serviços do animador-homeopata, dizia que ia ao bairro de José Pinheiro, conforme analisa Eliete Gurjão:

Assim, na evolução da urbanização do bairro, a troca do nome foi irreversível. Moradores mais antigos e tradicionais do logradouro, juntamente aos memorialistas históricos da cidade, tentaram lutar contra tal fato, mas nada conseguiram obter, pois o Açude Velho ficou restrito apenas a um cartão postal da cidade. (GURJÃO, 1999, p. 39)

Ao longo de 1950, o bairro sofre mudanças significativas, os terrenos da família Agra começam a ser fragmentados, cedendo lugar a diversas construções como a Igreja Católica, o Círculo Operário, cômodos para aluguel e atraindo pessoas de diferentes camadas sociais, que afluíam ao “mundo zepinheirense”. As estiagens prolongadas culminaram com a expulsão crescente de moradores de fazendas circunvizinhas, formando no bairro um excedente de mão de obra, carente de trabalho e diversão. E assim foi estruturado o bairro, com suas contradições: de um lado ruas largas, com casas grandes e do outro, becos, mocambos e

favelas. De um lado fundadores saudosistas, do outro uma população carente de benefícios e disponível para o voto, enfim, um ambiente fértil para os empreendimentos esportivos. Sobre a relação populacional e o incremento urbano do bairro, a historiadora analisa que:

Justamente nesta década de quarenta, conforme explicado anteriormente, a população do bairro crescia rapidamente em decorrência da chegada de grande quantidade de antigos moradores do centro da cidade, de lá expulsos em decorrência da reforma arquitetônica promovida pelo então prefeito Verniaud Wanderley. Tratava-se de modernizar a cidade, de promover um novo traçado, criando ruas e avenidas lineares, abolindo velhos becos e ruas tortuosas, desabrigando, assim, pessoas pobres. A localização de José Pinheiro, bem próxima ao centro da cidade e, sobretudo da feira central, atraiu grande parte dessas pessoas que passaram a habitar no bairro, continuando a exercer suas atividades na feira central como feirantes, balaieiros ou biscateiros, bem como a trabalhar no comércio e indústria ou prestar serviços no centro da cidade. (GURJÃO, 1999, p. 53)

Gurjão nos apresenta o bairro de José Pinheiro através de suas intensas atividades econômicas e também culturais e como importante representante das tradições populares na cidade, no pastoril, grupos de teatro, quadrilhas de rua, bailes, escolas de samba, retretas, vaquejadas, argolinhas, corridas de cavalo, futebol, voleibol, festas cívicas e religiosas e tantas outras

atrações. As retretas, por exemplo, começaram na década de 50, a partir do funcionamento da “difusora do gaúcho”, que era um serviço de alto-falante montado ao longo da Rua Campos Sales. Seu proprietário era natural do Rio Grande do Sul e foi um dos pioneiros do rádio em Campina Grande, como também proprietário de um “Studio”, onde realizava concursos de música, dança ao vivo e uma animada competição de calouros em que escolhia “a melhor voz do bairro”. Pelas ruas do José Pinheiro, cantarolavam artistas conhecidos como Marinês, Abdias e o “rei do ritmo”, Jackson do Pandeiro, intérprete do cotidiano da cidade. Nos anos 50, Jackson do Pandeiro grava a canção “Um a Um”, na qual exaltava o jogo ofensivo e encantador e considerava o empate igual a uma derrota. Em seu refrão, o artista afirmava que “esse jogo não pode ser um a um, se meu time perder tem zum, zum, zum”.

A criatividade, a originalidade e a efetiva participação dos moradores nas atividades culturais constituem marcas do dia a dia do bairro, porém a constituição dos seus moradores e o dinamismo de suas funções fizeram do José Pinheiro “uma cidade dentro de outra cidade” e, aos olhos da elite local, reduto da marginalidade, por isso chamado pejorativamente de “Zepa”.

Foi neste lugar repleto de singularidades, que o Campinense Clube viveu importantes momentos de sua história esportiva, a exemplo da conquista do penta e arrebatou inicialmente a maior parte de seus torcedores, que chegavam constantemente ao bairro. Nesse ambiente, a relação do povo com o futebol se desenvolveu de maneira intensa e profunda, a ponto de muitos esquecerem que o Campinense, assim como essas populações, não

teve sua origem no José Pinheiro mas, assim como elas, migrou ao longo do século XX pelos espaços da cidade. O caminho que seguiu o Campinense até os anos 60, período analisado nesse estudo, assemelha-se ao próprio fluxo urbano da população dos grandes centros em direção à periferia. O rubro-negro, com suas várias sedes demarcou lugares, estabeleceu elos, possibilitou o aparecimento de novas relações de sociabilidade. Seu ciganismo assemelhava sua existência à própria vida da população de Campina Grande nessa etapa do século XX.

Pode-se apontar que, desde a fundação do clube, em 1915, o Campinense possuiu “quatro residências” ou “quatro sedes”, para acomodar o crescente número de sócios, o que mostra o constante desenvolvimento urbano da cidade. A primeira delas foi provisoriamente instalada nas dependências do antigo Colégio Campinense até que o clube logo conseguiu construir a sua sede própria, segundo os registros sociais da época. Situava-se ao lado do prédio onde funcionou a antiga Associação dos Moços Católicos e depois a Faculdade de Filosofia, esquina com a Rua Afonso Campos, no Centro. Esse prédio não existe mais e, no início da década de 30 o seu espaço tornou-se pequeno para abrigar os seus frequentadores.

**Fotografia 03:** Palacete do Campinense Clube – 1936



**Fonte:** <cgretalhos.blogspot.com>.

Assim, ganha força o movimento para a construção da terceira sede, iniciada no ano de 1933. A construção desse “novo” e amplo edifício, um palacete, foi empreendido em um terreno na Praça Coronel Antônio Pessoa, como mostra a foto acima. Na época, a obra foi orçada em 100 contos de réis. O então prefeito da cidade e sócio do clube, Pereira Diniz, que mandara fornecer parte do material utilizado na construção, doou todo o material resultante da derrubada de outros prédios públicos para a construção da nova sede social, que foi somado aos 43 contos de réis em dinheiro arrecadado inicialmente de doações dos sócios. Assim foi iniciada a edificação, que foi inaugurada em 22 de fevereiro de 1936, num sábado de Carnaval. Esse prédio ainda existe, embora muito modificado interna e externamente. Como pode ser observado na fotografia seguinte:

**Fotografia 04:** Na antiga sede, hoje uma faculdade



**Fonte:** <cgretalhos.blogspot.com>.

Atualmente, onde funcionava o palacete do clube, existe uma instituição de ensino superior e nas suas proximidades é possível observar os sinais da urbanização da cidade expressas na verticalização do seu centro e na diversidade dos estabelecimentos comerciais em sua proximidade. Finalmente, no início da década de 60 o palácio da Antônio Pessoa é vendido na gestão do presidente Edvaldo do Ó que adquiriu uma estratégica área na Rua Rodrigues Alves, no bairro da Bela Vista, na qual construiu um espaço dançante para os sócios do clube, o qual ficou famoso por mais de três décadas como a “Boate Cartola”.

Na gestão Lamir Mota, tem início a construção do ginásio César Ribeiro, dando aspectos definitivos a quarta sede do clube, composta por um ginásio, quadras de esportes e a boate cartola, que embalou gerações de sócios do Campinense, sua estrutura a época foi considerada uma das mais modernas do nordeste. Veja foto a seguir:

**Fotografia 05:** A Boate Cartola em seu primeiro ano – 1960



**Fonte:** <cgretalhos.blog.spot.com>.

No lugar onde funcionou a Boate Cartola, recentemente, apenas as ruínas sobreviveram e na área ocupada pela sede social foi erguido um estádio que serve para os treinamentos do clube. Quando de sua fundação as rendas obtidas com o aluguel da boate e do ginásio para eventos como formaturas, shows, ou a promoção dos bailes e eventos do próprio clube, funcionavam como importantes fontes de rendimento.

É perceptível o declínio das atividades sociais do Campinense Clube, sobretudo a partir dos anos de 1980, num momento crucial para a própria cidade que presencia um deslocamento nos espaços ocupados pelas elites e passa a conviver com acontecimentos como uma diáspora industrial, a pauperização econômica dos seus moradores e um forte aumento da violência urbana. Ainda neste contexto, famílias tradicionais vinham perdendo seus lugares sociais e existenciais e seus descendentes passaram a ser marcados pelo anonimato, e costumavam considerar as dificuldades vivenciadas pela cidade como produto da perseguição estadual, enquanto uma estratégia que justificava o esvaziamento político da cidade.



E durante essas andanças, na primeira metade do século XX o Campinense passa a desempenhar suas atividades futebolísticas no bairro de José Pinheiro. No José Pinheiro, o carnaval, as festas juninas, o pastoril, a música e o futebol passaram a ser componentes do próprio cotidiano do lugar, e a saga do Campinense, no início de suas atividades profissionais, sem lugar para treinar, sem possuir estrutura física, muitas vezes se fazendo valer de espaços ociosos da cidade para realizar seus treinamentos, refletia muito os populares em suas idas e vindas, a procura de um lugar adequado para se estabelecer. Com a simpatia dos torcedores suburbanos ao “clube aristocrático”, sua cúpula diretiva preferiu separar por completo o time do clube social. Logo, o futebol do Campinense, foi transferido para a periferia da cidade, enfim, chegando ao estádio Municipal Plínio Lemos.

A justificativa para a concessão da praça esportiva, em regime de comodato para a equipe rubro-negra, era dada pelo quadro deplorável em que se encontrava sua estrutura física. Os jornais denunciavam a transformação do bar do estádio, “numa concentração de boêmios e de prostitutas”, a presença dos animais no campo de jogo, ironizava o Diário, era responsável pelo “corte” natural da grama e, apesar da ação dos administradores do local, o apadrinhamento político era apontado como o grande obstáculo a intenção de bem dirigir a praça da municipalidade. Coube ao Campinense, mediante campanha da imprensa, a tarefa de administrar o Estádio Municipal, porém, cabe ressaltar que, mesmo o jornal não destacando a interferência de Acácio Figueiredo, ele foi um importante elemento político para a decisão. As reformas propostas pelo clube, a exemplo

da construção dos lances de arquibancadas e da iluminação encomendada a PHILLIPS do Brasil, foram apresentadas como grandes acontecimentos esportivos da cidade.

A chegada do clube, com suas vitórias ao “Zepa”, possibilitou a recriação de um conceito específico de família para muitos dos seus moradores e em uma comunidade profundamente dividida, o futebol ajudou-a a afirmar-se coletivamente em busca de vitórias que no cotidiano eram negadas pelo silêncio dos poderes públicos os quais faziam questão de não ouvir aquelas vozes a reivindicar moradia adequada, trabalho, condições de higiene pública, e tantas outras reivindicações, sendo seus moradores resumidos à condição de “Zé Povinho”. As vitórias do Campinense possibilitaram a muitos uma afirmação coletiva, oferecendo aos mais pobres a rara experiência de sucesso e o doce sabor das conquistas.

O bairro do José Pinheiro era considerado como um celeiro de grandes jogadores, viabilizado pela própria geografia do lugar; proximidade do Estádio Plínio Lemos com a sede do Flamengo, existência de diversos campos de pelada em pontos estratégicos do setor, inclusive ao redor do Municipal, que atraía todos os dias um grande contingente de jovens para as partidas amadoras sem contar com a própria plateia assistente, que aproveitava os jogos e rachas para movimentar o comércio informal. No interior do estádio existia piscina, quadra de futsal, futebol de campo, ambiente para concentração dos atletas, movimentando assim outras modalidades esportivas além do futebol.

Neste contexto, o futebol tornava-se diferente da política, as regras não mudavam de acordo com os interesses ocasionais,

o jogo possibilitava a alternância entre ganhadores e perdedores, num fenômeno que o antropólogo Roberto Da Matta chama de “A glória da alternância”, uma lição e um bálsamo para um povo massacrado pela injustiça. É nessa experiência que é construída uma nova concepção para o ser campinense, bem diferente daquela formulada pelas elites da cidade. No “zepa”, o Campinense recebe o apelido de “time de chegada”, os torcedores propagam que nas maiores adversidades, pode confiar que a raposa vai dar a volta por cima, outros ainda dizem que o Campinense quando está desacreditado é um perigo. Nessas situações, o “ser” Campinense era duvidar da própria sorte não se conformar com a condição que lhe havia sido designada bem diferente do ser Campinense das elites que reduziu o ser Campinense ao universo dos letrados, das famílias tradicionais, que na política ou na memória já haviam demarcado o seu lugar na própria cidade.

## 4 Fim de Papo

Fotografia 06: Estádio “O Renatão” – 2010



Fonte: <[www.campineseclube.net](http://www.campineseclube.net)>.

A base da expansão mundial do futebol e dos múltiplos usos que dele foram feitos, em contextos democráticos ou autoritários, teve um elo em comum, o nacionalismo. O caso brasileiro talvez seja mais sintomático, poucas vezes se escuta o hino nacional ou se vê a bandeira. Mas, nos anos de copa do mais luxuoso edifício ao mais humilde casebre tremula a bandeira verde amarela, símbolo nacional. E, se em alguns países existe uma distinção entre o futebol e o país, aqui no Brasil chega-se a pensar numa “Pátria em Chuteiras”. Não seria exagero pensar que em países historicamente maltratados por seus dirigentes, pátria seria uma abstração sem sentido a não ser quando materializada em uma equipe de futebol como uma seleção fazendo valer a

frase do atleta camaronês Roger Milla. Segundo ele, “o futebol é o que permite a um pequeno país tornar-se grande”, fazendo muitas vezes um país ou cidade esquecer durante uma partida de futebol, suas misérias e a dureza da vida.

Assim, um olhar atento ao futebol pode nos conduzir a uma compreensão antropológica interessante reconhecendo numa partida de futebol um ambiente fortemente emocional para os que assistem, jogam e transmitem seus principais lances. O ambiente em que ocorre é marcado pela instabilidade que reúnem ao mesmo tempo, festa e dança, dentro de certos limites de tempo e espaço, segundo regras aceitas e absolutamente obrigatórias, costumeiramente acompanhado de um sentimento de alegria tensão e uma compreensão de ser diferente da vida cotidiana.

Escolher um time de futebol para tentar entender como nasce a paixão de um torcedor e o que faz esse clube ser tão popular entre os diversos segmentos fez com que se tivesse outro olhar sobre o futebol considerando outras possibilidades muito mais que isso, passou-se a desnaturalizar situações, antes aparentemente inquestionáveis.

Percebe-se que a ação dos meios de comunicação colaborou intensivamente para que os clubes ganhassem visibilidade, contudo, até a década de 40 o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Mesmo assim, a junção crônica esportiva e futebol tornaram-se um dos fatores mais prodigiosos na construção de sentimentos nacionais. A crônica debateu sobre a questão civilizatória, a ginga, a malandragem, o amadorismo e o profissionalismo, mas sem sombra de dúvidas a

sua marca maior é o envolvimento emocional de seus profissionais.

Foi assim, nesse panorama, que o campinense foi apresentado ao mundo esportivo paraibano através das páginas esportivas do Diário da Borborema que exaltava toda e qualquer informação que fosse capaz de manifestar a prosperidade e grandeza de Campina Grande, em especial quando o assunto era rivalidades com a capital do estado. Com os colunistas esportivos do jornal, as conquistas do Campinense ganharam destaque especial, uma vez que os autores dos escritos tanto sofriam influência do público como também eram fortes formadores de opinião.

Nesse gênero, a paixão não precisa ser negada e jornalistas confundem as vitórias dos clubes com as suas próprias falando sempre a partir de um “nós”, como Joselito Lucena, que na década de 60 assume o comando da equipe esportiva dos Diários Associados e na melodia de suas narrações a história do Campinense ganha beleza e heroísmo e aos seus torcedores é atribuída a valentia. O rubro-negro descrito pelo jornalista baiano sempre ressurgia das cinzas e curiosamente essa tem sido a tônica da existência do Campinense, como de tantos outros clubes país afora.

Procurou-se mostrar, ainda, que o espaço onde essa concepção foi costurada foi o bairro de José Pinheiro, palco esportivo do Campinense até a década de 90. Nesse lugar especial, o clube constrói novos significados para o povo campinense, não necessariamente atributo daqueles que nasceram em Campina Grande, mas sinônimo de todos que pertencem a essa comunidade imaginada, que adotaram a bandeira vermelha

e preta, a raposa como mascote e possuíam uma infinidade de melodias e narrativas, que teceram esse sentimento a partir de um passado de luta, para implantar o futebol contra os preconceitos aristocráticos, dos que não aceitavam a convivência com o Zé Povinho, rondando a alta sociedade campinense e logicamente de um passado de conquistas que terminaram por fazer do Campinense um clube de elite, mas um time popular. Atualmente, o clube não mais sedia suas partidas no Estádio Municipal Plínio Lemos, realiza seus treinamentos no Estádio “O Renatão” .

O palco das partidas do Campinense até os anos 80 foi o Estádio Municipal Plínio Lemos, situado na zona leste da cidade. A saída do clube daquela praça esportiva justifica-se pelo término do sistema de comodato junto à prefeitura municipal. Esse sistema garantiu ao clube sediar o seu futebol naquele estádio e em troca caberia ao Campinense a manutenção de sua estrutura física. O término do contrato fez com que o clube fosse subtraído do lugar de suas principais partidas perdesse parte de seu referencial espacial-esportivo na cidade. Assim, suas exibições tiveram que ser transferidas para o Estádio Governador Ernani Sátilo, conhecido como “O Amigão”.

Por outro lado, a sede social do clube edificada ainda nos anos 60, sob as presidências de Lamir Mota e Edvaldo do Ó, em área nobre do bairro da Bela Vista, funcionou até meados de 2002, oferecendo à população da cidade outras modalidades esportivas como natação, voleibol e tênis. De um sólido patrimônio edificado ao longo dos anos, constatou-se a destruição de seu parque aquático, suas piscinas olímpicas e quadras de

tênis, restando apenas as ruínas da Boate Cartola, tradicional no passado por receber atrações artísticas do país e a “fina flor” da sociedade paraibana, e o ginásio César Ribeiro, conhecido como “O Majestoso”, inaugurado no ano do centenário de Campina Grande, em 1964, à época considerado um dos mais modernos do nordeste brasileiro.

Curiosamente, no processo de demolição de sua sede social, encontrou-se como obstáculo uma imensa pedra, que precisou ser removida para abrir o caminho da construção de um estádio de futebol que receberia o nome de estádio “O Renatão”, alusão ao ex-presidente Renato Moura da Cunha Lima. Neste mesmo período, o rubro-negro levantaria mais um título estadual (2004) sobre o seu arquirrival, após uma fila de quase onze anos. Seria a vitória do futebol, que veio para ficar. Mesmo assim, na comunidade esportiva brasileira, o Campinense ainda é referendado como o rubro-negro do José Pinheiro e, ao olhar para o “Renatão”, é possível testemunhar uma história de sucessos e fracassos, o que sobrou do clube social, que se materializa entre as novas edificações advindas da urbanização da cidade, e que certamente também representa sinais de uma cidade que se transformou. Como pensa Geminiano (2008), entre os anos de 1960 e 2002, Campina Grande deixa de ser nomeada como a “capital do trabalho” e passa a ser dita como “capital cultural”, através de acontecimentos apresentados como espetaculares, pelas suas elites, segmentos que ocupam lugares produzidos historicamente e, portanto, deslocáveis quanto a seus ocupantes.

O ser “campinense” dos grupos privilegiados da cidade traduziu-se ao longo dos tempos num ímpeto “cosmopolita”,



numa urbe que nos anos 60 era grande até no nome e o futebol participou desse processo dessa montagem, sobretudo ao apresentar a rivalidade entre os times locais não apenas como um clássico, mas um duelo de gigantes, “um clássico dos maiores”. E se como pensa Hilário Franco Júnior (2007), o futebol é uma metáfora da sociedade, é possível pensar que por trás dessas imagens de grandeza, que chegaram até o mundo da bola exista uma cidade repleta de contradições, onde os frutos de um “progresso” tão decantado pelas suas elites, não foi compartilhado com sua população.

Nessa pesquisa, procurou-se partir da premissa de que o futebol foi responsável pelas principais mudanças na história do clube entre elas sua transformação numa agremiação popular. Acredita-se que a cobertura feita pela imprensa escrita e falada colaborou para a propagação da imagem vencedora do clube, pois, ao edificar uma narrativa repleta de heróis, transformou a história do clube, com as suas conquistas e a chegada do time ao popular bairro de José Pinheiro, numa narrativa facilmente assimilada ao gosto popular através do futebol, que elaborou para o ser campinense novos significados dentro e fora do campo de jogo. As peculiaridades de Campina Grande e do bairro de José Pinheiro favoreceram a adesão dos torcedores a uma nova filiação clubística, a construção de uma família artificial, ou como pensa Anderson (2008) uma comunidade imaginada capaz de irmanar um “nós coletivo”, em relações tão diferentes. Dessa forma, o futebol propiciou valores como lealdade absoluta a um time, segmentou a sociedade em coletividades individualizadas compactas, que formou seus grupos através de uma identidade

contrastiva, assim uma torcida se formaria por oposição ao outro, adquirindo as características de (micro)nações. Daí estaria a justificativa para importância da rivalidade na popularização de uma agremiação futebolística sendo, portanto, significativa para a popularização do Campinense, as suas vitórias iniciais contra o América ainda no amadorismo, destronando um dos principais quadros locais, contra o Treze quando sequer almejava disputar competições estaduais e a conquista do hexacampeonato de 1965 contra uma equipe da capital do estado.

Essa compreensão de Anderson alerta para capacidade do esporte de interligar espaços distantes, ou como ele pensa “espaços transnacionais” que faz com que o futebol seja regulamentado por regras comuns onde quer que seja praticado, criando a necessidade das ligas esportivas, federações que, ao mesmo tempo em que difundem um regulamento, são potencializadoras de conflitos, que aparece sobre a forma muitas vezes de bairrismo como aquele que opõe nos campos “a capital do futebol paraibano” e a “capital do estado”. O momento de profissionalização do Campinense foi marcado por todo esse cenário de urbanização da cidade, deslocamento político dos grupos tradicionais, transmissões esportivas pelo rádio, torneios interestaduais, intensa atividade da imprensa no setor esportivo, que possibilitou ao clube construir sua própria narrativa, edificar seu monumento esportivo e criar essa comunidade imaginada, conhecida como “nação rubro-negra”, ou “nação raposeira” composta por torcedores que estão dispostos em uma intensa camaradagem horizontal, apesar das diferenças existentes entre todos eles, imaginando-se pertencer a uma mesma coletividade. Portanto, os mecanismos

que tornaram possíveis a visibilidade dessa comunidade de torcedores “raposeiros” que fez de um clube como o Campinense popular, não podem ser resumidos apenas as conquistas do período mas também nesse cenário de vitórias, os significados que estas adquiriram numa sociedade onde os vínculos emocionais ao longo dos tempos foram desestruturados. E quanto ao questionamento que ao mesmo tempo intitula essa pesquisa; afinal de contas, Quem nasce em Campina Grande é Campinense? O seu intuito foi “provocar” o debate destacando que não apenas os letrados elaboraram suas imagens na/para cidade mas a multivocalidade do futebol propiciou a outros segmentos sociais imaginarem outras possibilidades, também a partir de um time de futebol.

## 5 FONTES CATALOGADAS E ANALISADAS

### 5.1 Jornais Escritos

#### DIÁRIO DA BORBOREMA

1957/Outubro a Dezembro

1958/Janeiro a Dezembro

1959/Janeiro a Dezembro

1960/Janeiro a Dezembro

1961/Janeiro a Dezembro

1962/ Janeiro a Dezembro

1963/ Janeiro a Dezembro

1964/ Janeiro a Dezembro

1965/ Janeiro a Dezembro

1966/Janeiro a Março

### 5.2 Depoimentos

**Lamir Mota** – Ex-presidente do Campinense Clube na campanha do hexa;

**Renato Moura da Cunha Lima** – Ex-presidente do Campinense Clube e idealizador do estádio “O Renatão”;

**José Santos** – Ex-Supervisor de Futebol do Campinense Clube;

**Zezinho Ibiapino** – Atacante do Campinense Clube na campanha do Hexa;

**Seu Walter do Café** – Torcedor;

**José Wellington Cabral** – Torcedor;

**Marcelo Torres** – Torcedor;

**Glebson Alves de Brito** – Torcedor;

**Damião Galdino da Silva** – Torcedor;

**Walquíria Gonçalves** – Torcedora;  
**Isaías Ramos da Silva** – Torcedor;  
**Gilvam Marques** – Torcedor.

### **5.3 Outras Fontes**

REVISTA COMEMORATIVA DOS 60 ANOS DO CAMPINENSE CLUBE, ano I, n. 1, 12 abr. 1975.

REVISTA O CAMPINENSE: A Paraíba no Brasileirão de 75, ano I, n. 2, ago. 1975.

Livro de Actas do Campinense Clube referente à década de 30, num total de 200 folhas.

Livro de Actas do Campinense Clube referente à década de 60, relativos à presidência do empresário Edvaldo do Ó, num total de 200 folhas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos Destinos de Fronteiras: História, Espaços e Identidade Regional**. Recife: Bagaço, 2008.

\_\_\_\_\_. **História: a arte de inventar o Passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

\_\_\_\_\_. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. João Pessoa: IHGP, 1993.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARANHA, Gervásio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)**. In: AGRA DO Ó, Alarcon et al. (Orgs.). **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa: Ideia, 2003.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BARRETO, Lima. **As melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005.

BLOCH, March. **Apologia da História, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. O lugar do conhecimento: Centros e Periferias. In: \_\_\_\_\_. **Uma história social do conhecimento**. De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.

CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande: Esboço histórico-social do povoado e da vila (1697 a 1864)**. Campina Grande: Caravela, 1999.

\_\_\_\_\_. **Territórios de Confrontos: Campina Grande (1920-1945)**. Campina Grande: UFCG, 2006.

CASTELO BRANCO, Uyguaciara Veloso. **A construção do mito “do meu filho doutor”**: fundamentos históricos do acesso ao ensino superior no Brasil-Paraíba. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnaval e outras f(r)estas**: Ensaios da História Social da Cultura. São Paulo: EdUNICAMP, 2002.

DUMAZEDIER, Jofre. Lazer e Sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 11-63.

DUFLO, Colas. **O jogo de Pascal a Schiller**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador**: Formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses**: Futebol, Cultura, Sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. v. 3.



GEMINIANO, Wagner. **Enredando “Campina Grande” nas teias da cultura. (Des)inventando festas (Rei)inventando a cidade (1965-2002)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. **O Bairro de José Pinheiro: Ontem e Hoje**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1999.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JACKSÓ, I; KANTOR, I. (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 2001. v. 1.

MÁRIO FILHO. **O Negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MARQUES, Walfredo. **A História do Futebol Paraibano (1908-1968)**. João Pessoa: União, 1975.

MATTA, Roberto da. Antropologia do Óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: cidade e trabalho.** São Paulo: EDUSC, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade: O mundo dos excluídos no final do século XIX.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania: uma História Social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Carnaval das Letras.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

PEDREIRA, Flávia de Sá. **Carnaval em tempos de guerra.** In: Projeto História. São Paulo, jun. 2004. v. 28.

PIMENTEL, Cristino. **Mais um mergulho na História Campinense.** Campina Grande: Caravela, 2001.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e futebol.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. Futebol, Metrôpoles e desatinos. **Revista USP,** São Paulo, n. 22, jun./ago. 1994.

SOIHET, Raquel. **A Subversão pelo riso**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SOUSA, F.G.R.B. Cristino Pimentel: Cidade e Civilização em crônicas. In: AGRA DO Ó, Alarcon et al. (Orgs.). **A Paraíba no Império e na República**: Estudos de História Social e Cultural. João Pessoa: Ideia, 2003.

\_\_\_\_\_. **Territórios de Confrontos**: Campina Grande (1920-1945). UFCG, 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965). 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SYLVESTRE, Josué. **Da Revolução à Queda do Estado Novo**: Fatos e Personagens da História de Campina Grande e da Paraíba (1930-1945). Brasília: Centro Gráfico, 1993.

THOMSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

WERNECK, Christianne. **Lazer, Trabalho e Educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

“Quem nasce em Campina Grande é Campinense: Futebol e Sociabilidade na Rainha da Borborema” é resultado de marcas de uma existência que culminaram em uma Dissertação de Mestrado, apresentada ao Departamento de Ciências Humanas Letras e Artes da UFRN, e agora compartilhada com o leitor em forma de livro. Tal obra tem como objeto de estudo O Campinense Clube, agremiação fundada em 1915, na cidade de Campina Grande, por famílias tradicionais, o que rendeu a priori o título de Clube Aristocrático. Ao longo de mais de cem anos de existência, tornou-se importante referência social e nos esportes, possui uma das maiores torcidas do Nordeste brasileiro. O recorte escolhido, 1954 a 1965, compreende um momento em que o clube sofreu mudanças significativas no papel que vinha desempenhando na sociedade, até então uma agremiação dançante mas que foi tomada pelo gosto esportivo. É a primeira etapa de um projeto que espero inspirar os admiradores do futebol a pensar os papéis que os clubes e seus torcedores desempenham nas sociedades.